

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

**O PROCESSO CRIATIVO E A CONSTRUÇÃO DA  
MEMÓRIA EM CYRO DOS ANJOS**

Doutoranda: Angélica Pereira Martins Chagas  
Orientadora: Joana Luiza Muylaert de Araújo

**UBERLÂNDIA**

**2023**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

**O PROCESSO CRIATIVO E A CONSTRUÇÃO DA  
MEMÓRIA EM CYRO DOS ANJOS**

Doutoranda: Angélica Pereira  
Martins Chagas

Tese de Doutorado apresentada ao  
Programa de Pós-graduação em  
Estudos Literários, Curso de  
Doutorado, como requisito para a  
obtenção do título de Doutora em  
Estudos Literários.

Linha de Pesquisa: Linha 1 -  
Literatura, Memória e Identidades.

Orientadora: Joana Luiza Muylaert  
de Araújo

**UBERLÂNDIA**

**2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

C433p Chagas, Angélica Pereira Martins, 1994-  
2023 O processo criativo e a construção da memória em Cyro dos Anjos  
[recurso eletrônico] / Angélica Pereira Martins Chagas. - 2023.

Orientadora: Joana Luiza Muylaert de Araújo.  
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa  
de Pós-Graduação em Estudos Literários.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2023.7024>

Inclui bibliografia.

1. Literatura. I. Araújo, Joana Luiza Muylaert de, 1953-, (Orient.). II.  
Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em  
Estudos Literários. III. Título.

CDU: 801

---

Glória Aparecida  
Bibliotecária Documentalista - CRB-6/2047



## UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários  
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1G, Sala 250 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902  
Telefone: (34) 3239-4539 - www.ppglit.ileel.ufu.br - secppgelit@ileel.ufu.br, coppgelit@ileel.ufu.br e  
atendppgelit@ileel.ufu.br



### ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Literários				
Defesa de:	Tese de Doutorado				
Data:	02 de fevereiro de 2023	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	18:00
Matrícula do Discente:	11813TLT003				
Nome do Discente:	Angélica Pereira Martins Chagas				
Título do Trabalho:	O processo criativo e a construção da memória em Cyro dos Anjos				
Área de concentração:	Estudos Literários				
Linha de pesquisa:	Literatura, Memória e Identidades				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Epistolografia e literatura brasileira: leituras contemporâneas do modernismo				

Às catorze horas do dia 02 de fevereiro do ano de 2023, reuniu-se, por videoconferência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, composta pelos Professores (as) Doutores (as) : Joana Luiza Muylaert de Araújo / ILEEL-UFU, orientadora da candidata; Luís André Nepomuceno / UFV ( membro externo); Viviane Cristina Oliveira / UFT (membro externo); Leonardo Francisco Soares - ILEEL-UFU (membro interno); Fernanda Aquino Sylvestre / ILEEL-UFU (membro interno).

Iniciando os trabalhos, a presidente da mesa, Prof.ª. Drª Joana Luiza Muylaert de Araújo, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata ao título, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente, Angélica Pereira Martins Chagas, a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessiva, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Estudos Literários.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Fernanda Aquino Sylvestre, Professor(a) do Magistério Superior**, em 02/02/2023, às 17:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Leonardo Francisco Soares, Professor(a) do Magistério Superior**, em 02/02/2023, às 17:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luís André Nepomuceno, Usuário Externo**, em 02/02/2023, às 17:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Joana Luiza Muylaert de Araujo, Professor(a) do Magistério Superior**, em 02/02/2023, às 18:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Viviane Cristina Oliveira, Usuário Externo**, em 02/02/2023, às 19:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Angélica Pereira Martins Chagas, Usuário Externo**, em 03/02/2023, às 16:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4236117** e o código CRC **F15DC451**.

*Dedico este trabalho ao meu esposo **Samuel** e às minhas gêmeas, **Júlia e Vitória**, tão esperadas  
e sonhadas...*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, devo agradecer à **Deus** pelas bênçãos concedidas durante todo o período de Doutorado. Apesar de inúmeros momentos difíceis e desafiadores, sei que o Senhor me sustentava e preparava para o melhor.

À minha orientadora **Joana**, agradeço não somente pela orientação, mas por ter sido mãe, amiga e conselheira fiel. Que sorte a minha encontrar uma orientadora que compartilhou comigo, por vários anos, grande estima pelo meu objeto de estudo. Carregarei você comigo por toda a vida.

À **Cyro dos Anjos**, por que não? Sua existência e seus textos deixados me proporcionaram momentos de estudo de muito prazer sendo, por muitas vezes, difícil distanciar-me um pouco do quanto o admiro.

Aos meus pais, **Vera** e **Juscelino**, agradeço, mais uma vez, pelo incentivo constante. Tudo que conquisto é graças a vocês e por vocês.

Ao meu esposo, **Samuel**, gratidão por todo apoio durante esses treze anos de convivência. Realizar sonhos ao seu lado é minha maior alegria. Obrigada por me levar até a UFU todos esses anos e por ter ido comigo até o Acervo de Escritores Mineiros.

Aos meus sogros, **Eloísa** e **Samuel**, por se orgulharem de mim como se eu fosse filha deles, gratidão.

À minha irmã **Bruna**, minhas primas **Érica** e **Patrícia**, minha cunhada **Tatiane**, minhas amigas **Quesia**, **Paula**, **Débora**, **Revalina**, **Patrícia B.**, **Renata**, **Samara** e **Margarete** obrigada por serem suporte em diversos momentos nesses últimos anos.

Ao meu amigo **Ronaldo**, obrigada pelas leituras e por topar conhecer Cyro dos Anjos comigo, você é especial.

Às minhas **gêmeas**, que embora ainda não tenham nascido, são a razão do meu viver. Tudo que sou até aqui e tudo que pretendo alcançar não se compara ao privilégio de ter sido agraciada com a bênção de me tornar mãe de vocês!

Não poderia deixar de mencionar os professores **Leonardo** e **Luís André**, por terem caminhado comigo desde o mestrado (Luís desde a graduação), sempre tão amigos, delicados, pontuais e indispensáveis no meu percurso até aqui.

Aos meus **familiares**, **amigos(as)** e **alunos(as)** que sempre torceram por mim, obrigada de coração.

Aos secretários do programa, coordenadores e professores com os quais convivi na UFU, obrigada pelos atendimentos e aulas impecáveis.

À equipe do **Acervo de Escritores Mineiros**, na UFMG, em Belo Horizonte, obrigada por me receberem tão bem.

*Não quero o Deus de Aristóteles nem o de Espinosa.  
Quero o Deus de grandes barbas repartidas ao meio  
que eu via nas estampas da História Sagrada,  
sujeito a zangas e birras tal qual meu pai,  
mas infinitamente bom e justo.*

*É no regaço desse Deus que hei-de ser acolhido.  
Ele me puxará as orelhas, brincalhão: Vai, Belmiro,  
perdoados são os teus pecados!  
Fique naquela nuvenzinha cor de laranja,  
a ver os anjinhos brincarem de roda.*

*Cyro dos Anjos*

## RESUMO

Cyro dos Anjos foi um escritor mineiro, nascido em Montes Claros, que mesmo com poucas obras publicadas deixou marcada a sua relevância no contexto da literatura brasileira. O objetivo deste estudo é a análise de questões de autobiografia, literatura e memória em obras de Cyro dos Anjos, principalmente no que se refere ao seu volume de memórias: *A menina do sobrado*. Antonio Candido afirma que “Cyro dos Anjos, artista sutil das recordações, constrói a sua obra numa confluência do passado com o presente” (CANDIDO, 2011, p.82), neste trabalho essa confluência é apresentada, além de outros aspectos analisados. O primeiro capítulo traz um percurso pela vida e obra do escritor em foco e, além disso, as obras *A criação literária* e *Poemas Coronários* são utilizadas visando realçar o percurso literário do autor em todas as suas nuances. Para o segundo capítulo, pretendeu-se construir uma análise a partir da obra *A menina do sobrado*, partindo dos conceitos da escrita de si, recorrendo aos estudos de Roland Barthes, Michel Foucault, Philippe Lejeune, Leonor Arfuch, Diana Klinger entre outros; e de memória, tempo e espaço, segundo Henri Bergson, Paul Ricoeur, Maurice Halbwachs, entre outros autores. No terceiro capítulo é relatada uma visita ao Acervo de Escritores Mineiros na UFMG, em que o arquivo de Cyro dos Anjos pôde ser observado e analisado e, também, são realizadas discussões a partir da análise das cartas entre Cyro dos Anjos e Carlos Drummond de Andrade, com apoio teórico de Reinaldo Marques, Wander Melo Miranda e outros estudiosos. Esta tese pretende contribuir com os estudos a respeito do autor montes-clarense, ressaltando um pouco da trajetória do escritor em sua criação literária e proporcionando uma imersão em suas memórias desde a infância até a vida adulta.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cyro dos Anjos; Literatura brasileira; Criação literária; Autobiografia; Memória.

## ABSTRACT

Cyro dos Anjos was a writer from Minas Gerais, born in Montes Claros, who, even with few published works, marked his relevance in the context of Brazilian literature. The aim of this study is to analyze issues of autobiography, literature and memory in the works of Cyro dos Anjos, especially with regard to his volume of memoirs: *A Menina do sobrado*. Antonio Candido states that “Cyro dos Anjos, a subtle artist of memories, builds his work in a confluence of the past with the present” (CANDIDO, 2011, p.82), in this work this confluence is presented, in addition to other aspects analyzed. The first chapter brings a journey through the life and work of the writer in focus and, in addition, the works *A criação literária* and *Poemas Coronários* are used to highlight the author's literary path in all its nuances. For the second chapter, it was intended to build an analysis from the work *A Menina do sobrado*, starting from the concepts of self-writing, using the studies of Roland Barthes, Michel Foucault, Philippe Lejeune, Leonor Arfuch, Diana Klinger among others; and memory, time and space, according to Henri Bergson, Paul Ricoeur, Maurice Halbwachs, among other authors. In the third chapter, a visit to the Acervo de Escritores Mineiros at UFMG is reported, in which the archive of Cyro dos Anjos could be observed and analyzed and, also, discussions are carried out from the analysis of the letters between Cyro dos Anjos and Carlos Drummond de Andrade, with theoretical support from Reinaldo Marques, Wander Melo Miranda and other scholars. This thesis intends to contribute to the studies about the author montes-clarense, highlighting a little of the writer's trajectory in his literary creation and providing an immersion in his memories from childhood to adulthood.

**KEYWORDS:** Cyro dos Anjos; Brazilian literature; Literary creation; Autobiography; Memory.

## RESUMEN

Cyro dos Anjos fue un escritor de Minas Gerais, nacido en Montes Claros, que, incluso con pocas obras publicadas, marcó su relevancia en el contexto de la literatura brasileña. El objetivo de este estudio es analizar cuestiones de autobiografía, literatura y memoria en la obra de Cyro dos Anjos, especialmente en lo que se refiere a su volumen de memorias: *A Menina do sobrado*. Antonio Candido afirma que “Cyro dos Anjos, sutil artista de los recuerdos, construye su obra en una confluencia del pasado con el presente” (CANDIDO, 2011, p.82), en esta obra se presenta esta confluencia, además de otros aspectos analizados. El primer capítulo trae en foco un recorrido por la vida y obra del escritor y, además, se utilizan las obras *A criação literária* y *Poemas Coronários* para resaltar la trayectoria literaria del autor en todos sus matices. Para el segundo capítulo, se pretendió construir un análisis a partir de la obra *A Menina do sobrado*, a partir de los conceptos de autoescritura, utilizando los estudios de Roland Barthes, Michel Foucault, Philippe Lejeune, Leonor Arfuch, Diana Klinger entre otros; y memoria, tiempo y espacio, según Henri Bergson, Paul Ricoeur, Maurice Halbwachs, entre otros autores. En el tercer capítulo, se relata una visita al Acervo de Escritores Mineiros de la UFMG, en la cual se pudo observar y analizar el archivo de Cyro dos Anjos y, además, se realizan discusiones a partir del análisis de las cartas entre Cyro dos Anjos y Carlos Drummond de Andrade, con apoyo teórico de Reinaldo Marques, Wander Melo Miranda y otros estudiosos. Esta tesis pretende contribuir a los estudios sobre el autor montes-clareense, destacando un poco la trayectoria del escritor en su creación literaria y brindando una inmersión en sus recuerdos desde la infancia hasta la edad adulta.

**PALABRAS CLAVE:** Cyro dos Anjos; literatura brasileña; creación literaria; Autobiografía; Memoria.

## SUMÁRIO

<b>CYRO DOS ANJOS EM FOCO.....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO I .....</b>	<b>19</b>
1.1 O ESCRITOR CYRO DOS ANJOS E SEU PEQUENO LEGADO DE GRANDES OBRAS .....	19
1.2 A LITERATURA DE 1930 E O ESCRITOR CYRO DOS ANJOS .....	27
1.3 NOTAS SOBRE A CRIAÇÃO LITERÁRIA .....	40
<b>CAPÍTULO II .....</b>	<b>53</b>
2.1 AUTOBIOGRAFIA E MEMÓRIA EM <i>A MENINA DO SOBRADO</i> .....	53
2.2 BH: CENÁRIO DAS EXPERIÊNCIAS URBANAS DE UM INTELLECTUAL LITERÁRIO, EM BUSCA DE RECONHECIMENTO .....	70
2.3 UM OLHAR FIXO PELA FIGURA FEMININA .....	92
<b>CAPÍTULO III .....</b>	<b>111</b>
3.1 VESTÍGIOS CONCRETOS: ARQUIVO LITERÁRIO DE CYRO DOS ANJOS .....	111
3.2 <i>CYRO &amp; DRUMMOND</i> : UMA AMIZADE MARCADA POR CORRESPONDÊNCIAS .....	128
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>157</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>161</b>

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Carta de Drummond para Cyro dos Anjos, em 14.11.1972 .....	17
<b>Figura 2:</b> Capa do livro <i>Tônio Borja</i> , de Cordeiro de Andrade .....	37
<b>Figura 3:</b> Capa da 4ª edição de <i>A criação literária</i> .....	42
<b>Figura 4:</b> Anotações de Cyro dos Anjos na última folha de um exemplar do livro <i>A criação literária</i> .....	48
<b>Figura 5:</b> Foto de Cyro dos Anjos em seu escritório, em 1938 .....	52
<b>Figura 6:</b> Capa da 1ª edição de <i>A menina do sobrado</i> .....	69
<b>Figura 7:</b> Fotografia da mesa de Cyro dos Anjos, onde é possível observar a presença de alguns de seus objetos pessoais .....	90
<b>Figura 8:</b> Contracapa de um exemplar de <i>A menina do sobrado</i> com dedicatória de Cyro dos Anjos para sua esposa Lilita, a “menina do sobrado” .....	110
<b>Figura 9:</b> Escritório de Cyro dos Anjos montado no Arquivo de Escritores Mineiros .....	112
<b>Figura 10:</b> Parte da coleção de livros de Cyro dos Anjos .....	114
<b>Figura 11:</b> Parte da coleção de livros de Cyro dos Anjos, obras de Fernando Sabino .....	114
<b>Figura 12:</b> Traje usado por Cyro dos Anjos na posse de sua cadeira na Academia Brasileira de Letras .....	115
<b>Figura 13:</b> Registro da visitação ao Acervo de Escritores Mineiros.....	115
<b>Figura 14:</b> Anotações de Cyro dos Anjos, quanto à erros encontrados durante alguma leitura .....	118
<b>Figura 15:</b> Registro de estudo de Cyro dos Anjos, com significados de termos em francês .....	119
<b>Figura 16:</b> Correções em datiloscrito feitas por Cyro dos Anjos .....	120
<b>Figura 17:</b> Escrivanhinha de Cyro dos Anjos com alguns objetos pessoais .....	120
<b>Figura 18:</b> Foto de Cyro dos Anjos em seu escritório durante leitura .....	122
<b>Figura 19:</b> Foto de Cyro dos Anjos com sua esposa .....	123
<b>Figura 20:</b> Anotações de Cyro dos Anjos, possível tradução realizada durante leitura de poemas de William Blake .....	125

<b>Figura 21:</b> Anotações de Cyro dos Anjos, tradução realizada durante leitura de poemas de William Blake, numa aparente tentativa de relacionar o poema de Blake ao poema de Drummond: Poema de Sete Faces .....	126
<b>Figura 22:</b> Edição de luxo de <i>Poemas Coronários</i> de Cyro dos Anjos .....	127
<b>Figura 23:</b> Registro de visitação ao Acervo de Escritores Mineiros – UFMG .....	127
<b>Figura 24:</b> Bilhete de Carlos Drummond de Andrade para Cyro dos Anjos.....	129
<b>Figuras 25:</b> Discurso de Cyro dos Anjos para o congresso “Encontro com Mineiros” .....	133
<b>Figuras 26:</b> Discurso de Cyro dos Anjos para o congresso “Encontro com Mineiros” .....	134
<b>Figuras 27:</b> Discurso de Cyro dos Anjos para o congresso “Encontro com Mineiros” .....	135
<b>Figura 28:</b> Correspondência de Drummond para Cyro, em 02.04.1932 .....	136
<b>Figura 29:</b> Correspondência de Drummond para Cyro, em 11.11.1945 .....	143
<b>Figura 30:</b> Correspondência de Drummond para Cyro, em 09.03.1953 .....	144
<b>Figura 31:</b> Correspondência de Drummond para Cyro, em 09.08.1955 .....	145
<b>Figura 32:</b> Correspondência de Drummond para Cyro, a respeito de <i>O amanuense Belmiro</i> .....	151
<b>Figura 33:</b> Fotografia de Pedro Nava, Alphonsus de Guimaraens Filho, Carlos Drummond de Andrade e Cyro dos Anjos .....	155
<b>Figura 34:</b> Quadro com imagem de Cyro dos Anjos .....	160

## CYRO DOS ANJOS EM FOCO

*No meu túmulo  
armem um anjo acadêmico, desses que as marmorarias  
[fabricam às dúzias,  
para que eu não difira de ninguém no seio da terra.  
Contudo, se quiserem algo na lápide,  
escrevam: Aqui descansa um homem errado, que sempre  
[tentava emendar-se.  
(ANJOS, 2009, p.23)*

Este estudo visa a análise de algumas obras do escritor mineiro Cyro dos Anjos, em especial seu livro de ensaios *A criação literária* (1954) e sua obra memorialística *A menina do sobrado* (1979) e, além disso, propõe uma discussão a partir das correspondências de Cyro dos Anjos e Carlos Drummond de Andrade na coletânea *Cyro & Drummond* (2012). O objeto de estudo ainda menciona as demais obras do autor em foco, como seu livro de poemas, *Poemas Coronários* (1964), na medida em que se faz necessário recorrer a elas no decorrer da tecitura da tese.

A escolha da temática é uma continuação do estudo iniciado em 2015, com a dissertação “Diário e memória em *Abdias* de Cyro dos Anjos”, elaborada no Mestrado em Estudos Literários da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, em que o escritor de Montes Claros foi escolhido para compor o corpus do trabalho na pós-graduação, com a proposta de fazer uma análise do diário no segundo romance de Cyro dos Anjos.

Na dissertação, foi realizado um estudo sobre a construção da escrita ficcional do romance, sobre a vida e obra do escritor mineiro, além da apresentação de informações a respeito da composição da obra. O conceito de escrita de si foi explorado, a partir dos estudos de Maurice Blanchot, Roland Barthes, Michel Foucault e Philippe Lejeune, utilizados para análise da escrita do diário do personagem Abdias; textos de Ecléa Bosi, sobretudo no que diz respeito às considerações do teórico Henri Bergson, auxiliaram na compreensão do conceito de memória, sendo possível realizar uma análise da questão memorialística que se apresenta em *Abdias*; e, além disso, a partir do texto “*Como terminam os diários?*” de Philippe Lejeune, foi feita uma análise do término da escrita do protagonista Abdias.

Para a escrita da tese de doutorado, Cyro dos Anjos continuou a ser o autor em foco, mas *Abdias* deixou de ser a única obra a ser mencionada e, além das obras escolhidas já mencionadas, *O amanuense Belmiro* (1937) e *Montanha* (1956) são citadas sempre quando necessário aprofundar questões pertinentes verificadas nesses textos.

A escolha por *A criação literária* se deu na tentativa de, com a obra, compreender um pouco sobre o criar literário do próprio autor. *A menina do sobrado*, por ser um livro de memórias, permite uma aproximação do leitor para com o escritor em estudo e foi escolhido pela amplitude de informações que nos traz sobre a vida de Cyro dos Anjos desde a infância. Ainda, as correspondências entre Cyro dos Anjos e Carlos Drummond

de Andrade foram selecionadas para investigar a presença do poeta na obra do romancista, bem como explorar outras possíveis relações e referências que Cyro dos Anjos deixa como herança em suas obras.

Durante a leitura dos textos de Cyro dos Anjos é possível perceber que o autor foi um grande leitor de vários filósofos e escritores, dessa forma, essas leituras mescladas às suas experiências vividas compõem a sua criação literária. *Abdias* e *A menina do sobrado*, por exemplo, são constituídos por experiências literárias e experiências da vida real do autor, já que o autor era um intelectual ligado ao mundo das Letras, sendo impossível desvinculá-lo de toda a literatura que esteve presente em sua vida. É possível identificar traços de suas leituras em relação ao escritor Marcel Proust, por exemplo, desde o episódio de Madeleine, que traz uma memória involuntária frequente na narrativa do protagonista de *Abdias*, bem como as reflexões sobre o amor e sobre a existência, presentes em *A menina do sobrado*.

Em relação à principal obra trabalhada aqui, *A menina do sobrado*, as memórias de Cyro dos Anjos são divididas em duas partes, a primeira intitulada “Explorações do tempo”, e a segunda, “Mocidade Amores”. A obra aborda temas que transcendem os fatos biográficos. O espaço e o tempo desdobram-se em narrativas sobre a infância, o primeiro emprego, acontecimentos políticos, reflexões sobre o amor e a constante busca por algo que ultrapassa o objeto amado. Considerando essa obra, perguntado sobre até que ponto as suas memórias guardam fidelidade ao real, o romancista disse em entrevista à estudiosa Edla van Steen:

Tanto *Explorações no Tempo* como *A Menina do Sobrado* são de fato livros de memórias. Há, por vezes, um ligeiro tratamento ficcional, mas na essência os fatos são reais. Fiz transposições, troquei nomes de pessoas, de lugares, levado antes pelo impulso de intensificar a realidade ou, talvez, pelo vezo de romancear as coisas. Você sabe: é difícil, se não impossível, estabelecer limites entre o real e fantasia. Que é o real? Cada um de nós vive o seu real. O real é uma abstração. Bem, estou a complicar as coisas. Simplifico a minha resposta, assegurando-lhe que, tanto no primeiro livro de memórias quanto no segundo, terei, de vez em quando, extrapolado do real para o possível processo comum do romance. (ANJOS *apud* STEEN, 2008, p.119)

São abordados, neste estudo, o trabalho do romancista nessa escrita de deslocamento entre realidade e ficção, investigando, ainda, questões de autobiografia, literatura e memória na obra de Cyro dos Anjos. O crítico Antonio Candido afirma que “Cyro dos Anjos, artista sutil das recordações, constrói a sua obra numa confluência do

passado com o presente” (CANDIDO, 2011, p.82), neste trabalho, essa confluência é apresentada, além de outros aspectos analisados.

Cyro dos Anjos é um escritor pouco divulgado no âmbito da literatura no Brasil. O livro mais estudado do autor e com mais trabalhos publicados é *O amanuense Belmiro* (1937), seguido de vários estudos relevantes também sobre *Abdias* (1945) e *Montanha* (1956). Porém, *A menina do sobrado* já não possui diversos trabalhos acadêmicos dedicados à sua análise particular, exceto por alguns estudos como, por exemplo, dissertações de mestrado como *A Prosa Lírica de Cyro dos Anjos* (1996), de Afonso Henrique Fávero; *Memória modernista de Cyro dos Anjos: vida e obra* (2005), de Maria Rosilva Ferreira; *Nos sobrados de Minas: construção da memória e criação literária na autobiografia de Cyro dos Anjos* (2012), de Elaine Gonçalves Maciel; e *A cidade das letras no espaço biográfico de Cyro dos Anjos* (2016), de Túlio Magno de Oliveira Resende.

Nos últimos anos, também foram escritas algumas teses que dedicaram capítulos para abordarem a obra, como as teses de doutorado de: Celia Mitie Tamura, *O mito quixotesco na literatura de Cyro dos Anjos* (2011); de Geraldo da Aparecida Ferreira, *Entre a memória e a autobiografia: narrativas de Cyro dos Anjos e de Darcy Ribeiro* (2013); de Marcelo Barbosa Alcaraz, intitulada *O imaginário da solidão em espaços (auto)biográficos* (2014); de Everton Vinicius de Santa, em *A espetacularização do escritor* (2016); e a tese de Letícia Braz da Silva, *Arte, mercadoria e romance: o autoquestionamento literário em três autores da moderna ficção brasileira (Lima Barreto, Cyro dos Anjos e Rubem Fonseca)* (2019); por exemplo. Além de alguns artigos de pesquisadores como: Reinaldo Marques, em *Sujeito, identidade e autobiografia em Cyro dos Anjos* (2006); Izaura Vieira Mariano de Sousa, em *O percurso literário de Cyro dos Anjos em A menina do sobrado: a formação do escritor, influências e o Modernismo* (2014); e Aliny Santos Justino, em *Autobiografia, realidade e ficção: a construção do eu a partir de uma leitura comparativa de O amanuense Belmiro e A menina do sobrado* (2017). Com esta tese, pretendemos contribuir com a fortuna crítica de trabalhos sobre as obras literárias de Cyro dos Anjos, sobretudo no que diz respeito à memória e a autobiografia presentes em sua escrita.

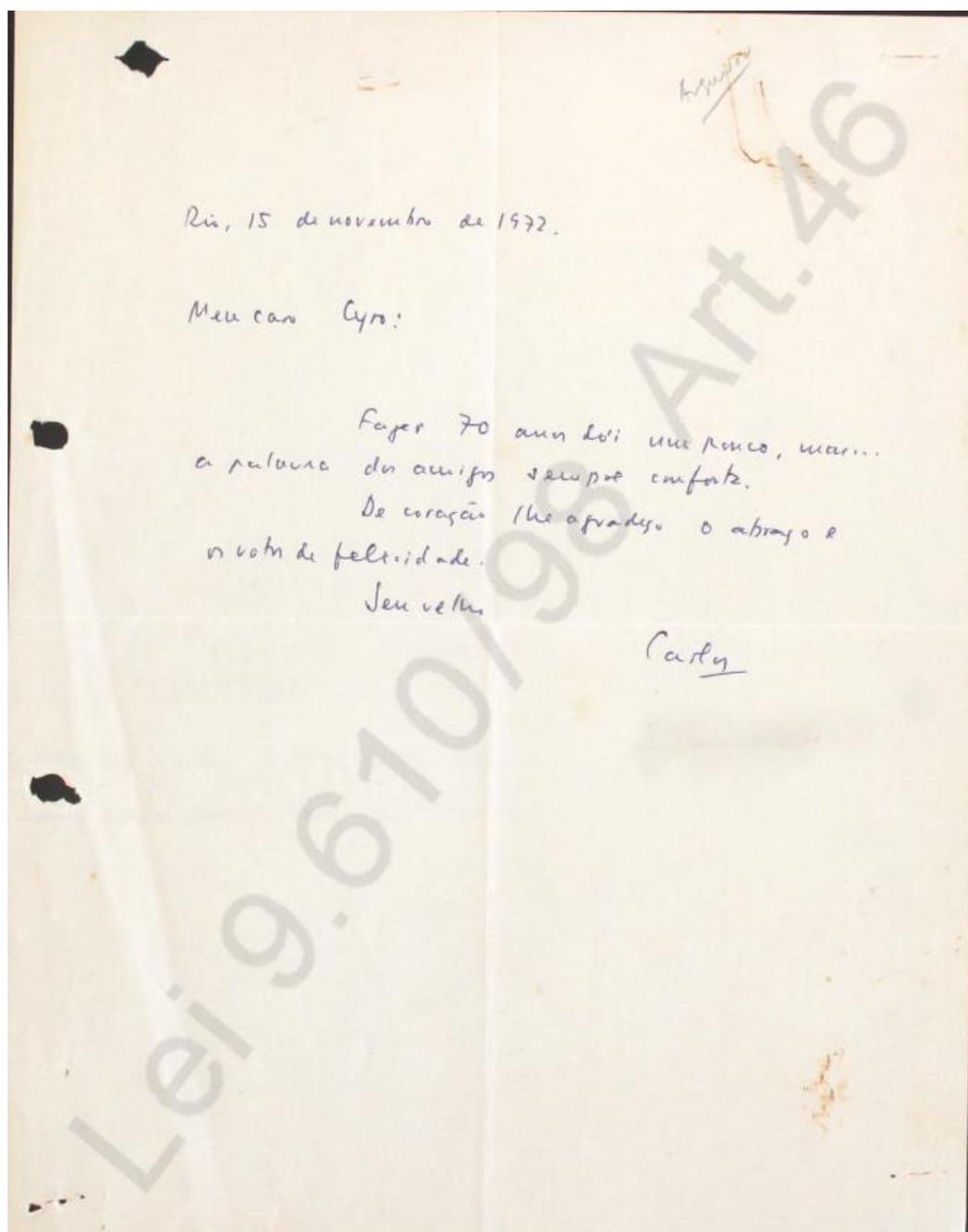
Para a análise crítica das obras literárias selecionadas, o ponto de partida foi a pesquisa bibliográfica e webliográfica, em que um levantamento de referências foi feito. O primeiro passo da pesquisa consistiu na leitura e na discussão de pressupostos teóricos a respeito da geração de 30 no Brasil. Para tornar clara a relação entre o sujeito

e a sociedade, foram realizadas leituras sobre o Romance de 30, focando na identificação dos problemas sociais da época, na medida em que isso se fez necessário para a compreensão do quadro histórico e social apresentado por Cyro dos Anjos. Trata-se de uma leitura analítica sobre a relação entre a ficção e os elementos culturais e sociais representados nas narrativas.

Para desenvolver o primeiro capítulo “1.1 O escritor Cyro dos Anjos e seu pequeno legado de grandes obras” foi realizado um estudo sobre a história de Minas Gerais, em especial, Belo Horizonte, na medida em que isso se fez necessário para compreensão de passagens nas obras. E também um estudo sobre a vida e obra do autor Cyro dos Anjos, incluindo a leitura e análise do seu volume de ensaios em que o autor discorre sobre o criar literário. As considerações e análises foram organizadas também nos capítulos: “1.2 A literatura de 1930 e o escritor Cyro dos Anjos” e “1.3 Notas sobre *A criação literária*”.

O segundo capítulo, “2.1 Autobiografia e memória em *A menina do sobrado*”, é dedicado ao estudo e análise da obra memorialística de Cyro dos Anjos. A partir de leituras teóricas com base em considerações de Michel Foucault, Philippe Artières, Roland Barthes, Henri Bergson, Leonor Arfuch, Philippe Lejeune, Paul Ricoeur, Ecléa Bosi, Jeanne Marie Gagnebin, Maurice Halbwachs, Helmut Galle, Diana Irene Klinger, entre outros, foram reunidas considerações sobre aspectos autobiográficos e memorialísticos encontrados, principalmente, na segunda parte do livro, intitulada “Mocidade, Amores”. O capítulo “2.2 BH: cenário das experiências urbanas de um intelectual literário em busca de reconhecimento”, se dedica a percorrer o caminho do narrador ao almejar e conquistar sua mudança para Belo Horizonte, ressaltando sua trajetória em busca de formação, do primeiro emprego e, conseqüentemente, os primeiros contatos com suas responsabilidades de homem adulto. Pretendeu-se apontar os motivos pelos quais Belo Horizonte foi escolhida como destino, bem como mostrar o papel social que o narrador pretendeu assumir em busca de uma espécie de reconhecimento. E o capítulo “2.3 Um olhar fixo pela figura feminina”, propõe um percurso pelos relatos da presença feminina na vida do protagonista, verificando a importância que essas figuras tiveram durante seu crescimento, com foco nas paixões da adolescência até, por fim, encontrar sua tão desejada “menina do sobrado”, para tanto, dialogamos, principalmente, com o texto literário *O Banquete*, de Platão, que trata do tema do amor, bem como com outros textos que deram suporte à temática.

Já no terceiro capítulo, “3.1 Vestígios concretos: arquivo literário de Cyro dos Anjos”, é relatada uma visita ao Acervo de Escritores Mineiros, na UFMG, em Belo Horizonte, bem como as observações tecidas a partir dessa experiência; e no capítulo “3.2 Cyro e Drummond: uma amizade marcada por correspondências” é realizada uma análise de correspondências trocadas entre Cyro dos Anjos e seu amigo/confidente Carlos Drummond de Andrade.



**Figura 1:** Carta de Drummond para Cyro dos Anjos, em 14.11.1972.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Material obtido em visita ao Acervo de Escritores Mineiros, na UFMG.

O livro base utilizado para a escrita do capítulo 3.1 é intitulado *Cyro & Drummond* organizado pelos professores da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG): Wander Melo Miranda e Roberto Said. As correspondências entre Cyro dos Anjos e Carlos Drummond de Andrade foram transcritas no livro a partir das originais que estão arquivadas na Fundação Casa de Rui Barbosa e no Acervo de Escritores Mineiros da UFMG. As cartas foram trocadas entre os anos de 1931 e 1986, são 163 textos, entre cartas, bilhetes, radiogramas, cartões-postais e telegramas. “As cartas superpõem traços de um e outro, ao compor um largo painel intimista, valha o paradoxo, da vida literária e política brasileira de um período crucial do século XX” (MIRANDA; SAID, 2012, p.17). Neste capítulo, empreende-se a análise de algumas dessas correspondências, sobretudo na busca por vestígios da grande influência que Carlos Drummond de Andrade exerceu sobre Cyro dos Anjos, como também averiguar o nível de amizade entre os dois escritores e a possível motivação da escrita das missivas.

O presente trabalho com foco nas obras selecionadas e na vida/processo de criação literária de Cyro dos Anjos se deu no anseio de contribuir com os estudos voltados para o escritor mineiro e, além deste objetivo, a tese também foi construída a partir dos afetos e desejos da pesquisadora e orientadora do estudo, ambas atraídas e interessadas pela escrita do montes-clarense.

Esperamos que o que vem a seguir contribua academicamente aos futuros pesquisadores também conquistados por Cyro dos Anjos.

## CAPÍTULO I

### 1.1 O ESCRITOR CYRO DOS ANJOS E SEU PEQUENO LEGADO DE GRANDES OBRAS

*Eu tinha um certo prazer em escrever, misturado com sofrimento. O prazer literário às vezes vem, quando você descobre a expressão de um sentimento, quando você consegue lançar no papel uma ideia exata das coisas que você quer dizer, quando você consegue captar a expressão de um sentimento: e isso dá uma certa felicidade, um certo prazer. São prazeres momentâneos, mas o ato de escrever é um ato penoso. Você sente prazer quando descobre a chave de um pensamento ou de um sentimento, nessa luta que você tem consigo mesmo; aí você sente uma sensação de prazer.*

(ANJOS, *apud* RICCIARDI, 2008, p.141)

O autor Cyro Versiani dos Anjos (1906-1994) é um escritor mineiro de Montes Claros. Sua obra é composta por três romances: *O amanuense Belmiro* (1937), *Abdias* (1945), *Montanha* (1956); um volume de crônicas memorialísticas, *Explorações do Tempo* (1952), que se tornou *A Menina do Sobrado* (1979); um ensaio *A Criação Literária* (1954); e um livro de poemas bissextos, *Poemas Coronários* (1964). *O amanuense Belmiro* é o seu romance mais conhecido, desde a sua publicação teve dezessete edições.

O escritor foi o quarto ocupante da Cadeira 24 da Academia Brasileira de Letras, eleito em 1º de abril de 1969, na sucessão de Manuel Bandeira.<sup>2 3</sup> Cyro dos Anjos foi jornalista, professor, cronista, romancista, ensaísta e memorialista. O 13º dos quatorze filhos do casal Antônio dos Anjos e Carlota Versiani dos Anjos, fez o curso primário em Montes Claros e começou seus estudos secundários, aos 13 anos, na Escola Normal da mesma cidade. Em fins de 1923, foi para Belo Horizonte, com o intuito de estudar Humanidades e fazer o curso de Direito na Universidade Federal de Minas Gerais, pela qual se formou em 1932. Durante os anos de faculdade, trabalhou como funcionário público e jornalista.<sup>4</sup>

Depois de formado, tentou a advocacia na sua cidade natal. Desistindo da profissão, voltou à imprensa e ao serviço público.<sup>5</sup> Em 1933, como redator de “A Tribuna”, publicou uma série de crônicas que seriam o germe do seu mais famoso romance, *O amanuense Belmiro* (1937). Em 1946, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde ocupou, durante o governo Dutra, as funções de assessor do ministro da Justiça, diretor do Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado, IPASE

---

<sup>2</sup> Informações biográficas coletadas no site da Academia Brasileira de Letras: <http://www.academia.org.br/academicos/cyro-dos-anjos/biografia>

<sup>3</sup> Em entrevista, antes de entrar para a Academia Brasileira de Letras, Cyro dos Anjos disse: Alguns amigos falaram-me na possibilidade de entrar para a Academia. Se chegar a minha vez, não terei dúvida em candidatar-me, mas não tenciono inscrever-me para ser derrotado. Nessas condições, como as vagas, ali, são muito disputadas e eu não tenho temperamento eleitoral, é possível que nunca me candidate. Parece-me, também, que, antes de mim, há outros mais antigos na fila ou com melhores títulos. (ANJOS *apud* SENNA, 1996, p.1)

<sup>4</sup> Trabalhou no Diário da Tarde (1927); no Diário do Comércio (1928); no Diário da Manhã (1920); no Diário de Minas (1929-1931); em A Tribuna (1933) e no Estado de Minas (1934-1935).

<sup>5</sup> Em Minas, exerceu os seguintes cargos como: oficial de gabinete do secretário das Finanças (1931-1935); oficial de gabinete do governador (1935-1938); diretor da Imprensa Oficial (1938-1940); membro do Conselho Administrativo do Estado (1940-1942); presidente do mesmo Conselho (1942-1945). Foi professor de Literatura Portuguesa na Faculdade de Filosofia de Minas Gerais (1940-1946), na qualidade de fundador.

(1946-1951), e presidente do mesmo Instituto, em 1947. Colaborou também em diversos órgãos da imprensa carioca.

Convidado, em 1952, pelo Itamarati, a reger a cadeira de Estudos Brasileiros, junto à Universidade do México, residiu nesse país até 1954, quando foi transferido para igual posto na Universidade de Lisboa. Em Portugal, publicou o ensaio *A criação literária* (1954). Em fins de 1955, regressou ao Brasil, e, em 1957, foi nomeado subchefe do gabinete civil da Presidência da República. Com o governo Kubitschek, transferiu-se para Brasília, onde exerceu, depois, as funções de conselheiro do Tribunal de Contas e de professor da Universidade de Brasília. Participou da Comissão designada pelo Governo Federal, em 1960, para planejar a Universidade Nacional de Brasília, vindo a ocupar a função de coordenador do Instituto de Letras da mesma Universidade. Ali reger, na qualidade de professor titular extraordinário, em 1962, o curso “Oficina Literária”. Em entrevistas, é possível notar que o ato de lecionar era confortável e querido por Cyro dos Anjos. Quando perguntado sobre se a atividade de professor era por demais absorvente, ele disse:

Não, até me distrai, pois não se trata de aulas teóricas. O curso é dado em forma de seminário. É uma oficina. Uma oficina literária. Pego o texto produzido pelos alunos e o discuto com eles, do ponto de vista da estrutura e do conteúdo. Transmito-lhes a minha experiência de velho escriba. Ensino-lhes os modestos truques que aprendi no ofício. (ANJOS *apud* STEEN, 2008, p.119)

Aposentado em 1976, voltou a residir no Rio de Janeiro. Recebeu prêmios literários, como o da Academia Brasileira de Letras, pelo romance *Abdias* (1945); do PEN Clube do Brasil e da Câmara Brasileira do Livro, pelos livros *Explorações no tempo* (1963) e *A menina do sobrado* (1979).

Durante sua vida, Cyro dos Anjos teve contato estreito com grandes nomes da literatura brasileira. Sobre o autor, Constância Lima Duarte discorre:

Filho de conhecido professor-fazendeiro, e de mãe também instruída, Cyro dos Anjos teve a trajetória esperada para um rapaz de sua posição social. Ainda jovem mudou-se para Belo Horizonte, estudou Humanidades, bacharelou-se em Direito e, como amanuense qualificado, ocupou inúmeros cargos na administração pública ao longo da sua vida. Era previsível que integrasse também o grupo de escritores capitaneados por Drummond, João Alphonsus, Guilhermino e Emílio Moura, pois frequentavam os mesmos cafés, as mesmas redações de jornais, os mesmos ideais. (DUARTE, 2009, p.179)

Apesar de não ter deixado como legado um grande número de livros, Cyro dos Anjos deixou marcada a sua importância no contexto da literatura brasileira. Foi amigo de diversos escritores do movimento modernista em Minas Gerais como Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Emílio Moura, Aníbal Machado e Abgar Renault. De acordo com Ivan Marques “Quatro anos mais novo que os rapazes do círculo de Drummond, Cyro foi um “modernista retardatário” que só aderiu ao grupo quando o movimento estava acabando” (MARQUES, 2011, p.200). Em entrevista, perguntado sobre como vivenciou o Modernismo Cyro dos Anjos respondeu:

Recebi uma grande influência de um dos modernistas: Carlos Drummond de Andrade, a quem eu conheci na redação do “Diário de Minas”; ele era redator-chefe e eu redator. Fui um modernista retardatário porque eu tinha uma formação mais clássica: leituras de Machado de Assis, de Anatole France, dos clássicos franceses. Mas, ao surgir o Movimento Modernista de 22, fiquei fascinado pela poesia de Drummond; pela poesia e pela prosa, porque ele é um grande prosador. Ficamos amigos em 1928; eu entrei no Modernismo quando ele já estava saindo da moda; já havia passado aquele ímpeto modernista, eu fui da undécima hora... (ANJOS, *apud* RICCIARDI, 2008, p.138)

Neste estudo, além de analisar a obra *A menina do sobrado* buscando as relações entre autobiografia, literatura e memória, o trabalho também recorrerá às outras obras do autor, tecendo relações com os poemas de *Poemas Coronários* e trilhando um caminho pelo ensaio *A criação literária*, por exemplo.

A obra *Abdias*, segundo romance do autor em foco, foi publicada pela primeira vez em 1945. Nessa narrativa, o protagonista narra seu cotidiano como um professor que, ensinando literatura, encanta-se com a função de lecionar e, particularmente, com uma de suas alunas, figura que passa a ocupar uma trama romanesca até o final da obra. Segundo o professor Ulysses Rocha Filho em seu artigo “Representação do professor no romance *Abdias*, de Cyro dos Anjos”, é interessante ressaltar que o autor Cyro dos Anjos, foi, ele mesmo, professor, “tendo lecionado, entre 1940 e 1946, Literatura Portuguesa na Faculdade de Filosofia de Minas Gerais. Poderíamos cogitar que, em *Abdias*, ele tenha registrado sua prática docente ou suas aspirações no exercício do magistério” (ROCHA FILHO, 2014, p.4). Dessa forma, várias passagens da obra *Abdias* podem ter sido criadas a partir de experiências da vida do autor Cyro dos Anjos.

*A menina do sobrado* (1979) é uma obra que se divide em duas partes. A primeira, foi publicada anteriormente sob o título de “Explorações no tempo” (1952) e sua temática gira em torno de uma narrativa memorialística do período da infância e

adolescência do narrador no interior mineiro. A segunda parte, “Mocidade, amores” (1963), registra os tempos de juventude em Belo Horizonte. As duas partes reunidas mostram dois tempos distintos, como a brusca mudança do interior rural para o mundo urbano da capital. Nessa narrativa, aspirações, percepções, sensibilidade e a memória do narrador podem ser observadas. Passagens sobre a formação universitária e literária, o encontro com a futura mulher e o amadurecimento intelectual e pessoal caracterizam-se como marcas da escrita de si no livro.

*Poemas Coronários* (1964) é um livro de poesias de Cyro dos Anjos, o único escrito pelo autor nesse gênero. O nome “coronários” poderia sugerir uma espécie de coroa, para coroar todos os outros livros escritos e encerrar o ciclo de livros do autor. Mas na verdade, conforme averiguado em pesquisas iniciais, refere-se a uma doença no coração que Cyro dos Anjos enfrentou entre os dias 22 de agosto e 19 de setembro de 1963. No hospital, o autor escreveu doze poemas retratando várias temáticas sobre sua vida e obra. Segue um trecho do poema de número dois:

*Agora que vejo os dias encurtados  
declarar quero, em público e raso:  
se não há um Deus Padre Todo-Poderoso,  
Criador do Céu e da Terra,  
mister é que ele exista  
eu O reclamo, careço Dele.  
[...]  
(ANJOS, 2009, p.23)*

Ele imaginava estar perto da morte e angustiado, com a ajuda de sua filha, escreveu pequenos poemas, alguns em tons até de despedida. Ele não faleceu, nesse momento, mas o tom melancólico revela questões recorrentes ao longo de sua trajetória como escritor. E em alguns deles aparecem traços referentes às suas demais obras. Cyro dos Anjos se recuperou nessa época e por insistência dos amigos publicou *Poemas Coronários*. Em entrevista, o autor comenta a publicação do referido livro:

Como peça literária, não atribuo nenhum valor a esses poemas. Serão apenas uma espécie de testamento. Certo de que a morte me espreitava, senti necessidade de dizer algumas coisas – coisas que rejeitavam os trilhos da prosa. Então, alcei um pobre voo poético, tentando documentar a minha agonia, uma agonia lúcida, que eu recebia com lágrimas, mas conformado ou talvez conivente. Versos que saíram no ritmo do suspiro e do gemido. Escrevi-os quase imobilizado no leito, assim começaram a ceder as dores iniciais do enfarte. Minha filha Margarida ia traduzindo as garatujas, levava-as, batia-as a máquina e as trazia, no dia seguinte, para emendas que o suposto agonizante considerava essenciais. Acredito que foi a poesia que me

salvou. O corpo, enfermo, foi o que me teria sugerido essa espécie de terapia para dominar a angústia, a terrível angústia. (ANJOS, *apud* STEEN, 2008, p.121)

Já *A criação literária* (1954), se trata de um ensaio, escrito por Cyro dos Anjos após um episódio em que quando professor de literatura na Faculdade de Filosofia de Minas Gerais, um aluno perguntou-lhe o porquê que o mestre escrevia. Em entrevista concedida ao professor Giovanni Ricciardi no Rio de Janeiro, em outubro de 1986, ele disse: “até escrevi um pequeno livro chamado *A criação literária*, estudando o que leva a pessoa a escrever. Publiquei-o quando morava no México” (ANJOS, *apud* RICCIARDI, 2008, p.134). Ele não soube explicar ao aluno as razões da criação artística de imediato e prometeu uma aula sobre o tema: “Algum tempo antes eu havia publicado um romance e, na ocasião, andava às voltas com outro, e nunca me ocorrera indagar por quê” (ANJOS, *apud* RICCIARDI, 2008, p.134). A situação serviu de motivação para a escrita da obra.

*O amanuense Belmiro* (1937) foi a primeira publicação de Cyro dos Anjos. A obra agradou ao público leitor e motivou o escritor a dar sequências em textos posteriores:

Bem, o acolhimento dado ao primeiro livro me trouxe muita satisfação, muita alegria. Escreveram-se mais de 100 artigos sobre o livro, e isso realmente me estimulou muito. Eu não tinha aspirações maiores; escrevi porque tinha tendências para escrever, tinha prazer nisso. Prazer e sofrimento ao mesmo tempo. O livro teve acolhimento simpático, e isso me estimulou bastante. Assim mesmo, levei cinco anos para escrever outro e dez anos para escrever o terceiro. (ANJOS, *apud* RICCIARDI, 2008, p.136)

A primeira obra nasceu sob os olhares insistentes dos amigos do escritor mineiro, que observavam as crônicas com o pseudônimo de Belmiro Borba e torciam para que se tornassem livro: “os amigos começaram a comentar que eu estava, manhosamente, escrevendo um romance em fragmentos. Na verdade, eu nunca pensara nisso” (ANJOS, *apud* STEEN, 2008, p.110). Ele diz que os conhecidos começaram a cobrar-lhe o livro e os pedidos insistentes lhe deram coragem, “vi-me desafiado” (ANJOS, *apud* STEEN, 2008, p.110). Mas acaba por confessar que a publicação teve outras motivações além da insistência dos amigos leitores, questionado sobre como *O amanuense Belmiro* nasceu, atestou:

Porque – Deus me perdoe – não houvesse resistido à tentação da notoriedade. Publicar um livro, antigamente, dava grande prestígio. Pouco se publicava, muito pouco. Na rua, o leitor estacava, extasiado, ante aquele animal raro, o autor. De então pra cá, houve, no país, sensível progresso editorial: hoje há mais autores do que leitores... (ANJOS, *apud* STEEN, 2008, p.110)

Com essa declaração, é possível afirmar que Cyro dos Anjos foi motivado à criação literária também pelo reconhecimento que almejava obter, um anseio íntimo por popularidade em meio à sociedade.

Para finalizar o retrospecto pelas obras do autor, menos aplaudido pela crítica, o romance *Montanha* (1956) gerou diversas controvérsias ao ser publicado. Muitos disseram que ao escrever abordando a temática política, Cyro dos Anjos havia perdido a sua essência, mas o escritor falou com orgulho do valor da obra:

Muitos críticos disseram que eu saí da minha linha natural, que era o romance intimista, psicológico e fui para o romance político, e que política não é “romanceável”. Essa restrição é uma tolice, tudo é romanceável, todo tema é romanceável. (ANJOS *apud* RICCIARDI, 2008, p.140)

Sobre a escrita de Cyro dos Anjos, Constância Lima Duarte, no artigo “Cyro, Belmiro, Abdias”, afirma que:

Escrever, para Cyro, era um ofício que exigia disciplina e apuro da técnica, pois o Autor, longe de ser um predestinado, era encarado como trabalhador da palavra e um intelectual com responsabilidade pública. Daí a coerência tão zelosamente buscada, a obra enxuta, a valorização da competência profissional, a defesa da liberdade de criação. (DUARTE, 2009, p.179)

É possível notar em todos os livros publicados pelo autor, um zelo na escrita, um acabamento com propriedade a cada capítulo, um escritor empenhado em seu processo criativo. Perguntado, em entrevista, sobre o processo criativo de seus livros, Cyro dos Anjos respondeu:

Olha, o Flaubert, na correspondência dele com George Sand, dizia que escrevia cinco, seis vezes uma página ou um período. Eu acho que ele escrevia apenas cinco, seis vezes, porque escrevia com pena de paio e aquela machuca as mãos. Eu escrevia uma página dez, vinte vezes; sou um perfeccionista, de modo que, para mim, era uma tortura escrever; ao mesmo tempo que era uma inclinação, era um suplício. (ANJOS, *apud* RICCIARDI, 2008, p.133)

Sempre zeloso e cuidadoso com sua escrita<sup>6</sup>, Cyro dos Anjos não deixava escapar erros de escrita e, além disso, mantinha uma elegância e polimento de narração impecáveis em seus livros, sendo considerado pela crítica um escritor de relevância da literatura de 1930<sup>7</sup>. E é por tamanho perfeccionismo em seu criar literário, que o montes-clarense, conforme epígrafe do presente capítulo, considerava que escrever era um ato penoso.

---

<sup>6</sup> Quinto ocupante da cadeira nº 24, na sucessão de Cyro dos Anjos, em discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, Sábato Magaldi declarou sobre a escrita de Cyro dos Anjos: A faina construtiva, que o levou a lançar sementes por toda parte, não dispensou os cuidados com pormenores. Posso testemunhar que não era fácil redigir um despacho ou um simples telegrama para a assinatura de Cyro. Estilista impecável, ele exigia de uma informação processual uma elegância absoluta. Os memoriais deviam valer como peça literária. E o agradecimento, ao receber um livro, reclamava com frequência diversas datilografias antes de chegar à forma definitiva. (MAGALDI, 1995)

<sup>7</sup> Ainda em seu discurso de posse, Sábato Magaldi ressaltou sobre a produção literária do escritor montes-clarense:

Não é sem propósito conjecturar se teria sido outra a obra de escritor de Cyro dos Anjos sem a dedicação plena à causa pública até os setenta anos. Seria fácil supor que lhe sobraria lazer para a elaboração de livros mais numerosos. Sentimos falta deles? Por certo, a leitura de outros textos significaria sempre um novo prazer. Mas – é preciso que se proclame logo – nada há a reclamar do legado de Cyro dos Anjos. As obras-primas que ele produziu constituem um acervo insubstituível. Seu nome está inscrito, ao lado dos mais expressivos, na História da Literatura Brasileira. (MAGALDI, 1995)

Discurso de posse de Sábato Magaldi disponível no site da Academia Brasileira de Letras: <https://www.academia.org.br/academicos/sabato-magaldi/biografia>

## 1.2 A LITERATURA DE 1930 E O ESCRITOR CYRO DOS ANJOS

*A minha vocação é mais para leitor do que para escritor, sempre foi. Escrever para mim sempre foi uma espécie de compulsão genética: o sujeito escreve porque nasceu com aquilo: é genético.*

(ANJOS, *apud* RICCIARDI, 2008, p.140-141)

No Brasil de 1930, ocorreram muitas turbulências quanto a política, alterações na economia e na sociedade, debates e desassossego quanto a realidade nacional – como o golpe de 1930 (o fim da República Velha, quando Getúlio Vargas assume a chefia do "Governo Provisório"); e a crise econômica de escala mundial com a quebra da Bolsa de Nova York (que prejudicou exportações de café no Brasil). Nesse período atribulado irromperam grandes escritores de ficção, como José Lins do Rego, Cyro dos Anjos e Graciliano Ramos.

Para uma compreensão das condições de escrita e circulação das obras de Cyro dos Anjos é imprescindível recorrer às leituras sobre o chamado “romance de 30”, designação muito discutida nos estudos de profunda configuração acadêmica. Nas palavras de Luís Bueno, no livro *Uma história do Romance de 30*: “levada ao pé da letra deve ser aplicada a qualquer romance publicado na década de 1930, ou a qualquer autor surgido naquela época” (BUENO, 2006, p.16). Luís Bueno explica que considerar a expressão ao “pé da letra” implicaria um problema de compreensão, pois ela pode ser cristalizada na designação de algo bem específico em que: “o romance dito social ou regionalista publicado entre a estreia de José Américo de Almeida e as de Clarice Lispector e Guimarães Rosa, ou seja, do final dos anos de 1920 até meados da década de 1940. É esse o sentido que está disseminado pelos manuais escolares de literatura” (BUENO, 2006, p.16).

A década de 30, no Brasil, revelou uma geração de poetas, romancistas e escritores preocupados com a realidade brasileira. Historicamente, o período do romance de 30 foi permeado por acontecimentos como o Estado Novo de Getúlio Vargas, o período entre guerras, o enfraquecimento da política “café-com-leite” e o desenvolvimento da indústria brasileira. Sobre a literatura de 1930, Antonio Candido, em *Brigada ligeira*, elucida que:

Uns escritores se colocavam no ponto de vista do burguês decadente para chegar ao povo. Outros procediam à análise impiedosa da própria classe, como Graciliano Ramos para a pequena burguesia e Octavio de Faria, vindo de outra corrente, para a grande burguesia. Escritores como Rachel de Queiroz procuravam mostrar o que há de sofrimento e de virtualidade na existência do povo e nos seus movimentos. Cyro dos Anjos, em Minas, fazia o processo do intelectualismo pequeno burguês, mostrando as perspectivas desoladoras e paralisantes do seu requinte sem seiva. (CANDIDO, 2011, p.43)

Nos anos 30, os romances apresentavam temas envolvendo as relações do "eu" com o mundo. Questões ligadas ao regionalismo, aos romances psicológicos e urbanos, ao poético-metafísico e à narrativa surrealista, assim como a mistura da temática cotidiana com a histórica-social são elementos explorados nessa fase da literatura brasileira. Alfredo Bosi, em seu artigo “Uma caixa de surpresas: nota sobre a volta do romance de 30” publicado na revista *Teresa* número 16, diz que “no romance de 30 é possível ver entrelaçadas quase em cada romance dimensões sociais e psicológicas” (BOSI, 2015, p.16). Os autores também abordavam reflexões sobre as preocupações sociais e políticas que circundavam o Brasil na época. Sobre a realidade social das obras, Luís Bueno afirma:

A realidade social aparece sobre dois focos diferentes. Apresentada “de fora”, num uso mais ou menos típico da terceira pessoa do realismo do século XIX, consistente, portanto, com aquilo que em princípio se poderia esperar. Ou, inesperadamente, apresentada “de dentro”, filtrada por uma personalidade que sofreu diretamente os efeitos do que acontecia no mundo que habitava. E essa é uma contribuição importante do romance de 30, a figuração de uma dada realidade em formato do que se pode chamar de testemunho. (BUENO, 2006, p.24)

Na ficção de 1930, “O narrador em primeira pessoa, [...] pôde servir para um romance em princípio interessado em mostrar o que está fora do indivíduo, instrumentalizando-o para que um processo social, coletivo, pudesse vir à tona com mais força” (BUENO, 2006, p.35). Tanto as obras regionalistas quanto as intimistas trazem uma íntima relação entre o processo social e a experiência individual. Ainda segundo Bueno:

As cenas coletivas, por exemplo, têm seu sentido radicalmente alterado se deixam de ser apresentadas por um narrador distante e onisciente, que pode com facilidade projetar sobre os personagens as pequenas ou grandes misérias sociais que lhe interessa ilustrar. Em primeira pessoa, o filtro da subjetividade impede esse tipo de procedimento. (BUENO, 2006, p.23)

Autores escreveram sobre o homem em várias faixas da sociedade brasileira em situações diversas, tais como a narrativa do cotidiano mais complexo e tenso, semelhante à realidade, em que são abordadas questões como as diferenças de classe, injustiças sociais, miséria, o sincretismo religioso, entre outros. Houve também uma produção voltada para a introspecção psicológica. Segundo a estudiosa Ana Paula F. Nobile Brandileone, em seu artigo “Cyro dos Anjos: um espírito de renovação latente”:

“num momento de incorporação crítica e problematizada da realidade social brasileira, de evidente debate em torno da história nacional, da situação de vida do povo no campo e na cidade, Cyro dos Anjos surgiu como uma voz dissonante” (BRANDILEONE, 2007, p.84).

Cyro dos Anjos é um representante da literatura de 30 e sua obra encaixa-se num contexto ambientado no cenário urbano e caracteriza-se pela sondagem psicológica. Sua prosa urbana retrata a vivência do homem na cidade e seus conflitos sociais, enfatizando as dualidades: relação entre ser humano e o meio em que vive e o ser humano e a sociedade. Temáticas diferentes do que a maioria dos escritores da época exploravam, Brandileone destaca:

Obras com o feitiço de *O amanuense*, voltado para “dentro”, para o homem e seus problemas, poderiam chamar atenção naquele momento de domínio quase que exclusivo da literatura social. Mas é certo que esses romances de cunho social já não arrastavam atrás de si tanto público quanto nos primeiros anos da década de 30, embora ainda dominassem a nossa cena literária e continuassem sendo lançados, haja vista as obras publicadas do mesmo ano que *O amanuense*: *A terra come tudo*, de Luis Martins; *Capitães da Areia*, de Jorge Amado; *Charqueado*, de Pedro R. Wayne; *Subúrbio*, de Nélcio Reis; *Navios Iluminados*, de Ranulfo Prata; *Rua do Siriri*, de Amando Fontes; *Pureza*, de José Lins do Rego; *Gado Humano*, de Nestor Duarte; *Sem Rumo*, de Ciro Martins; *Brejo*, de Cordeiro de Andrade; *Safra*, de Abguar Bastos; *Aluvião*, de Raimundo Moraes; *Barragem*, de Ignez Mariz; e *Caminho de Pedra*, de Raquel de Queiroz. (BRANDILEONE, 2007, p.85)

A qualidade literária de *O amanuense Belmiro* foi logo confirmada pelo seu sucesso em meio a crítica, tendo, inclusive, sua segunda tiragem apenas dez meses após a publicação inicial. Ana Paula F. Nobile Brandileone salienta que o estilo claro e polido do escritor mineiro, “a narrativa despojada de ornatos; o horror ao excesso de palavras, além da aguda observação psicológica, fez de Cyro dos Anjos e de seu livro de estreia um exemplo de reação contra a maioria dos romances vigentes à época” (BRANDILEONE, 2007, p.85-86). A estudiosa ainda ressalta a diferença da escrita dos romances de Cyro dos Anjos na literatura de 1930, em que se “explorou as suas potencialidades: a inconclusividade, a liberdade, as possibilidades concernentes ao tratamento da linguagem e, acima de tudo, por glosar o mundo misturado, a partir do hibridismo dos gêneros” (BRANDILEONE, 2007, p.92).

A escrita diferenciada de Cyro dos Anjos na época, bem como os distintos temas tratados por ele, levou o escritor a ser conhecido por produzir uma literatura intimista de alta qualidade estética, sendo comparado por críticos, inicialmente, a Machado de Assis,

por exemplo. De acordo com a crítica, uma das semelhanças entre as obras de Cyro dos Anjos e Machado de Assis consiste na constante oscilação entre a melancolia e o humor. Segundo Marques:

Nada pareceria mais contrário ao espírito aventureiro dos modernistas do que os rigores de composição de Cyro dos Anjos. À disciplina da língua, apreendida por ele nas escolas mineiras de latinidade, soma-se o apego ao bom vernáculo, o brilho da filologia, o glossário de achados quinhentistas, e com tudo isso se tece a página caprichosa, com “sabor de perenidade”, que passa a figurar em gramáticas e dicionários. Essa prosa simples, porém clássica e impecável, foi comparada desde o começo com a de Machado de Assis. No plano formal, as semelhanças se notam em vários níveis: na linguagem refinada, na paixão pela elipse e pelo fragmento, no exercício constante da ironia, no enxame de teorias e citações, etc. (MARQUES, 2011, p.200)

Ainda sobre a influência de Machado de Assis, podemos nos remeter a uma entrevista concedida a Jorge de Souza Araújo em 1988, quando perguntado, sobre quais influências ele destacaria em suas obras, Cyro dos Anjos respondeu: “[...] tudo o que se lê, influi sobre o que se escreve. Todo escritor deixa na gente um traço. A influência mais marcante que recebi foi a de Machado de Assis, que foi para mim um deslumbramento aos dezesseis anos de idade” (ANJOS, *apud* ARAÚJO, 1988, p.15). Porém, em entrevista concedida a Romero Senna em 1949, publicada na Revista do Globo, número 474, perguntado sobre o que achava de ser, como escritor, aproximado a todo momento de Machado de Assis, o autor revelou: “Como certa vez já disse, em literatura acontece o oposto do que se verifica na sociedade: ninguém gosta de exhibir antepassados ilustres, e cada um prefere ser o tronco da própria estirpe” (ANJOS, *apud* SENNA, 1996, p.1). E explicou o porquê de não concordar com as comparações da crítica:

Entendo que os autores não devem vir a campo para discutir a opinião dos críticos. Confesso-lhe, entretanto, que não vejo como O Amanuense possa situar-se sob o meridiano de Machado. Acredito que os críticos que assim entenderam deixaram levar-se por aproximações de caráter puramente formal, isto é, pela analogia entre processos técnicos empregados no Amanuense e em alguns dos livros de Machado de Assis. Mas nem esses processos foram invenção de Machado pois têm sido utilizados por escritores de todas as literaturas, desde que o romance existe - nem poderiam constituir base, por si sós, para que se atribuisse a um escritor determinada filiação literária, são processos por assim dizer "materiais". O que, a meu ver, define a sutil atmosfera machadiana é a secura, a preponderância do elemento intelectual, a ausência de lirismo e o gosto pelo jogo de conceitos - inesperada forma de barroco, disfarçada na simplicidade da linguagem. Ora, O Amanuense é um livro sentimental, e basta dizer isto para dar ideia de um ambiente não-machadiano. Como autor, sinto constrangimento em descer a

pormenores, ocupando-me demasiado da própria obra, mas gostaria que apontassem em que *O Amanuense*, feita abstração daquelas afinidades de forma a que aludi, se contaminou do espírito machadiano. (ANJOS, *apud* SENNA, 1996, p.1)

Os principais romances de Cyro dos Anjos que se tornaram *corpus* de estudos acadêmicos foram *O amanuense Belmiro* (1937) e *Abdias* (1945). Ambos escritos em forma de diário, apresentando narradores em primeira pessoa, em específico, homens que estão em busca de sua identidade social, fato esse já anunciado na literatura brasileira pelo personagem Brás Cubas, de Machado de Assis. Cyro dos Anjos afirma: “Em *O amanuense* e no *Abdias* a narrativa é centrada no destino de um personagem ou flui pelo prisma de uma consciência” (ANJOS, *apud* STEEN, 1981, p.115). Constância Lima Duarte destaca que “nos dois primeiros, escritos em forma de diário que parece acompanhar o fluxo da memória, os personagens oscilam entre o desejo e a inércia, e deixam a vida passar entre o devaneio e a frustração intelectual” (DUARTE, 2009, p.180). Memória e introspecção fundem-se nos observadores discretos da vida urbana de personagens humildes e simples. Marques ressalta que “poucos escritores foram tão fiéis ao gênero autobiográfico quanto ele, que a rigor sempre escreveu memórias – romanceadas ou “imaginárias”, nos dois primeiros romances, e “verdadeiras”, embora líricas em *A menina do sobrado*” (MARQUES, 2011, p.213).

Entre a escrita de *Abdias* e *Montanha*, passaram-se dez anos. Sobre esse longo intervalo, Cyro dos Anjos explicou: “Do meu natural, sou preguiçoso e lerdo. Uma autocrítica, talvez excessiva, aumenta-me essa lerdeza. Além disso, meu voo é curto, tenho o fôlego fraco” (ANJOS, *apud* STEEN, 2008, p.107). Mas seria um engano pensar que os motivos pela escrita de seus poucos livros fossem apenas “preguiça e lerdeza”, segundo Constância Lima Duarte “Cyro dos Anjos não publicou muito. Na verdade, como aconteceu com outros escritores desse tempo, as demandas dos cargos de confiança e as atribuições sociais absorveram-no de tal forma que sobrou pouco tempo para a literatura” (DUARTE, 2009, p.179). Ivan Marques aponta que:

Nos anos 30 e 40, com a expansão da máquina burocrática e o trabalho de “construção institucional” movido por Getúlio Vargas, não só aumentou consideravelmente o número de funcionários do país, como também reforçou a antiga simbiose, que vinha do tempo do Império, entre serviço público e literatura. (MARQUES, 2011, p.222)

Cyro dos Anjos e Carlos Drummond de Andrade foram dois escritores brasileiros que se conheceram em Belo Horizonte (1920), trabalhando juntos no Diário

de Minas, tornaram-se amigos e começaram a trocar correspondências por toda a vida. Segundo Wander Melo Miranda: “Tornaram-se compadres, confidentes, na vida e na escrita” (MIRANDA, 2012, p.5). Sobre o círculo de amizades de Minas Gerais, Cyro dos Anjos revelou:

Deixei lá excelentes amigos: Drummond, João Alphonsus de Guimaraens, que é um grande escritor. O grupo de Minas era muito interessante. Vivia-se muito presos em Belo Horizonte. Naquele tempo só havia a Central do Brasil com um transporte longo e demorado. Quase não se viajava naquela época; a gente vivia mais em Belo Horizonte. Foi a roda muito rica, muito expressiva, essa roda de modernistas mineiros: João Alphonsus, Drummond, Emilio Moura, Martins de Almeida e vários outros. Desse grupo se destacava a grande figura de Drummond, que é meu amigo há 60 anos. (ANJOS *apud* RICCIARDI, 2008, p.138-139)

Ambos partilhavam essa rotina entre serviço público e literatura. Ivan Marques diz que:

No romance de Cyro dos Anjos, assim como na poesia de Drummond, o que se observa é a “fatalidade histórica” de um sujeito colocado entre dois pontos: o latifúndio e a vida urbana. Nas cidades, os pequenos mundos rurais se pulverizam, as classes se misturam e o estilo de vida patriarcal é substituído pela mediania em que nada se distingue. (MARQUES, 2011, p.212)

No período da publicação de *Abdias*, Drummond recebeu um exemplar da obra e enviou a seguinte mensagem via carta para Cyro dos Anjos, no dia 11 de novembro de 1945:

Obrigado pelo *Abdias*, que eu já agradecera num telegrama breve, apenas para registrar uma pequena impressão de leitura. Apesar de considerar o *Amanuense* uma coisa literariamente perfeita, achei que neste novo romance você conseguiu mais da arte de escrever. Uma discrição maior, dentro da mesma segurança técnica. Os dois livros se aproximam muito, como você será o primeiro a reconhecer, porém não há repetição, e sim variações novas do mesmo tipo humano. De resto, o que mais me interessou em *Abdias* foi a escrita em si, pois ando preocupado com esse problema, e despreocupado de quaisquer “mensagem” ou sentidos que a obra possa trazer. E repito que fui sensível aos achados, tão pouco ostensivos mas tão autênticos, de seu novo trabalho. (DRUMMOND, 2012, p.118)

Em resposta à carta de Drummond sobre a obra *Abdias*, Cyro dos Anjos escreveu, no dia 22 de novembro de 1945, a seguinte mensagem: “Prezado Carlos, guardei, com carinho, suas palavras sobre o *Abdias*. Ainda descontando o que há de benevolência e simpatia no seu julgamento, sobra o bastante para encorajar o autor”

(ANJOS, 2012, p.119). Em observação às cartas entre Cyro dos Anjos e Drummond, publicadas no livro *Cyro & Drummond*, é perceptível que nessa amizade, Cyro dos Anjos ocupa um papel de admirador de Drummond, comportando-se como um aspirante ao campo literário ao ter Drummond como uma grande referência. De acordo com Marques, para Drummond e Cyro:

O importante era expor a precariedade do individualismo e desaprovar “a conduta (ou falta de conduta) espiritual do autor”. Com isso, realizava-se o duplo esforço de encerrar uma etapa pessoal e ao mesmo tempo sintetizar a experiência modernista. Ambos os escritores estariam trabalhando no sentido de mostrar, pela impossibilidade de resistir “a vida presente”, a necessidade de resistir e sobreviver ao passado, que, no entanto, voltaria sempre a repontar. (MARQUES, 2011, p.246)

No livro *1930: A crítica e o modernismo*, o escritor João Luiz Lafetá ao discorrer sobre a literatura daquele período, cita Cyro dos Anjos como um dos escritores de grande importância:

É fato que a década de 30 deu-nos algumas das obras mais realizadas e alguns dos escritores mais importantes da literatura brasileira. Na poesia bastaria lembrar a qualidade dos dois estreates (em livro) de 1930, Carlos Drummond de Andrade e Murilo Mendes, acrescentando ainda que o período tem *Remate de males*, *Libertinagem* e *Estrela da manhã*, além de Jorge de Lima; na prosa de ficção o romance social de José Lins do Rego, Jorge Amado e Rachel de Queiroz, o ponto alto atingido por Graciliano Ramos, a direção diferente de Cyro dos Anjos. (LAFETÁ, 2000, p.31)

A “direção diferente” a que Lafetá se refere diz respeito à sensibilidade da escrita de Cyro dos Anjos: movida pela representação do intelectual, de forma intimista, reveladora e psicológica. Na obra *Brigada Ligeira*, no artigo “Estratégia”, Antonio Candido afirma que Cyro dos Anjos “parece um dos maiores dentre os poucos escritores estrategistas da literatura brasileira contemporânea” (CANDIDO, 2011, p.73). Sobre seu primeiro livro, *O amanuense Belmiro*, Antonio Candido elogia:

O acabamento, a segurança, o equilíbrio, a realização quase perfeita revelam o artista profundamente consciente das técnicas e dos meios do seu ofício, possuidor de uma visão pessoal das coisas, lentamente cristalizada no decorrer de longos anos de meditação e estudo. Porque esse romance é o livro de um homem culto. No seu subsolo circulam reminiscências várias de leitura, ecos de Bergson, de Proust, de Amiel, de autores cuidadosamente lidos ou harmoniosamente incorporados ao patrimônio mental. (CANDIDO, 2011, p.73-74)

Antonio Candido considera Cyro dos Anjos um grande leitor e cuidadoso em sua criação artística: “Por isso é que ele ressoa de modo tão diferente no nosso meio, com um som de coisa definitiva e necessária, nem sempre produzido pelas obras dos nossos generosos táticos” (CANDIDO, 2011, p.74). Apesar das semelhanças destacadas na crítica entre Cyro dos Anjos e Machado de Assis, Antonio Candido prefere chamar a atenção para uma diferença entre os dois autores. Enquanto Machado de Assis “tinha uma visão que poderia chamar dramática, no sentido próprio, da vida, Cyro dos Anjos possui, além dessa e dando-lhe um cunho muito especial, um maravilhoso sentido poético das coisas e dos homens” (CANDIDO, 2011, p.76). Sobre os livros de Cyro dos Anjos, o estudioso ainda destaca:

Livros que lidam com os problemas do homem num tom de tal modo penetrante que autor e leitor se identificam, num admirável movimento de afinação. Não são livros que se imponham de fora para dentro, vibrantes, cheios de força. Insinuam-se lentamente na sensibilidade, até se identificarem com a nossa própria existência. (CANDIDO, 2011, p.79)

Cyro dos Anjos consegue atrair o leitor através dos movimentos sutis e quase estáticos de seus personagens. Chama a atenção com a revelação intimista dos narradores que relatam suas vidas em tom melancólico, ao mesmo tempo que almejam grandes conquistas e se mantêm como fracassados/desencorajados para a ação.

No artigo “Herói fracassado: Mário de Andrade e a representação do intelectual no romance de 30” publicado na revista *Teresa* número 16, o professor Ivan Marques discute a reiteração da temática do fracasso na literatura de 30. Ele acredita que “o sentimento de frustração contaminou a produção literária. De toda parte, chegavam as imagens do país ainda arcaico, do imobilismo da sociedade” (MARQUES, 2015, p.68). Os romancistas de 30, tinham uma visão de descrença quanto ao Brasil naquela época, por esse motivo “nos romances de 30, a visão da nacionalidade só pode ser definida pelo fracasso” (MARQUES, 2015, p.68). Ivan Marques explica:

Praticamente todos os personagens da ficção de 30 são destituídos de grandeza. Há mesmo uma atração especial dos escritores por seres marginalizados e aspectos banais do cotidiano, miudezas que se opõem às aventuras do romance tradicional. Tais recorrências não se devem apenas ao desejo de experimentação formal ou de acompanhar as novidades da narrativa moderna, que também esteve em voga na época (e não apenas nos anos 20). Se o fracassado foi a “figura-síntese” da década de 30, se no trajeto dos personagens o impasse substituiu a linha reta que era comum no realismo do século XIX, isso se deve à consciência de que o novo romance deveria pôr a nu as exclusões e rachaduras da organização social, a manutenção do atraso

mesmo em contexto marcado por mudanças, numa palavra, o fracasso da modernização brasileira. (MARQUES, 2015, p.67)

Em *O amanuense Belmiro* e *Abdias* os protagonistas são exemplos da figura do “fracassado”, personagens que viviam uma decadência pessoal, familiar e social. Romances que mostram o destino do intelectual na sociedade, conformado em ser submisso às bases de poder que o cercam. Narradores inquietos, insatisfeitos, mas, ao mesmo tempo pacientes e resignados a continuarem inertes.

Sobre as temáticas abordadas nas obras de 1930, Ivan Marques (2015) ressalta que no ensaio *A elegia de abril* escrito por Mário de Andrade, o autor afirma que aquela geração de escritores de 1930 era abstencionista. Escritores que não faziam, em muitos casos, a mínima questão de fazer participação ou posicionamentos políticos em meio às suas obras. Cyro dos Anjos, questionado sobre se a escrita tem objetivos políticos/sociais, respondeu em entrevista:

Não, acho que não. Acho que isso é uma distorção da literatura; é um objetivo da política, não da literatura. A arte deve ser gratuita; como definiu Kant, a arte é a finalidade sem fim, é a busca pura de emoções. Pode-se dar um objetivo político ou científico, mas já deturpa um pouco a obra de arte, salvo quando ela é feita com infinita graça como na Divina comédia de Dante, que é um livro político, uma obra imensa. Mas geralmente isso contamina a beleza do livro. A arte é gratuita e espontânea. (ANJOS, *apud* RICCIARDI, 2008, p.135)

Sobre a temática política, Cyro dos Anjos diz: “A política – eu pensava – não é só apoética: é antipoética” (ANJOS, *apud* STEEN, 2008, p.113). Mais uma pista de que o autor fugia de escritas que pudessem remeter a política é sua resposta quando foi perguntado se já tinha pensado em uma história com início, meio e fim e nunca a tivesse escrito, o autor confirmou e justificou:

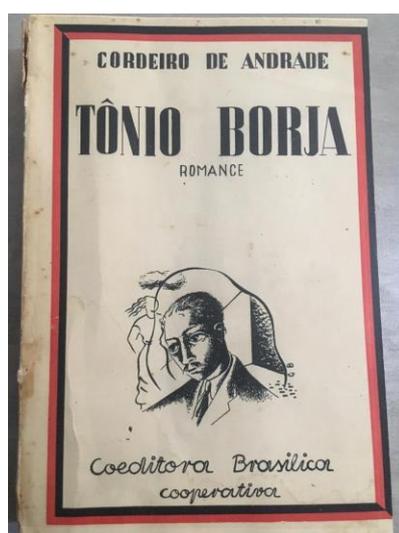
Já, quando eu morava em Brasília, aí por 1964. Dei começo a um livro cuja ação se desenvolvia lá. Fiquei só no primeiro capítulo, deixei-o de lado. Um pouco por impotência, desânimo, e outro tanto porque, vinculando-se a fatos recentes, o tema não me permitia a liberdade de invenção de que o romancista carece. Imaginara transpor, para o romance, a impressão que me deixou o período das grandes cassações, aquela triste quadra em que, toda manhã, a gente abria o jornal, ansiosa, para saber se tal ou qual amigo figurava nos listões de cassados. Ou quando, altas horas da noite, telefonemas nos informavam que um parente fora preso ou estava desaparecido. (ANJOS *apud* STEEN, 2008, p.107-108)

Nesse período em que o autor morava em Brasília, acontecia, no Brasil, uma verdadeira crise política. O governo militar no Brasil determinou que as eleições

presidenciais fossem indiretas, realizadas pelo Congresso Nacional em sessão pública e votação nominal. O Poder Executivo também foi reforçado, com a autorização para cassação de mandatos em qualquer nível e a suspensão de direitos políticos pelo prazo de dez anos. Iniciou-se um longo período de perseguições políticas no país e havia uma grande preocupação e inquietação da população brasileira quanto às mudanças. Mesmo atento ao momento político, Cyro dos Anjos não quis remetê-lo a um livro.

Retornando a respeito da leitura do texto de Mário de Andrade, escrito em 1941, em que ele “ensaia um balanço de época, fisingando na ficção nacional de seus contemporâneos a recorrência do personagem “fracassado” (MARQUES, 2015, p.54), Ivan Marques comenta que, em *O amanuense Belmiro*:

A literatura, para Belmiro, seria uma forma de evasão, de busca do passado; mas o presente invade suas notas, põe à prova o amanuense, revela a impossibilidade do isolamento. A exibição de contradições e limites do personagem é responsável pela potência crítica desse livro que, de acordo com Luís Bueno, “é a mais aguda representação que o intelectual fez de si mesmo nos anos 30”. Com tais características e tendo sido o acontecimento literário de 1937, com duas edições em menos de um ano, é estranho que o romance de Cyro dos Anjos não tenha sido incluído por Mário de Andrade entre os exemplos citados em “A elegia de abril”. Curiosamente, no artigo da coluna “Vida Literária” que serviu de base ao ensaio, Mário destaca como uma das obras mais promissoras do ano de 1940 o romance *Tônio Borja*, de Cordeiro de Andrade, espécie de paródia ou sátira de *O amanuense Belmiro*. Em *Tônio Borja*, a fraqueza e o individualismo são denunciados como revoltantes, com explícitas referências ao original de Cyro dos Anjos. (MARQUES, 2015, p.65)



**Figura 2:** Capa do livro *Tônio Borja*, de Cordeiro de Andrade<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> A imagem da capa da obra *Tônio Borja*, de Cordeiro de Andrade, foi escaneada a partir de um exemplar que só foi encontrado na plataforma “Estante Virtual”, bastante desgastado pelo tempo. Tudo indica que não há edições recentes do mesmo.

Mário de Andrade, em seu legado de textos estudados por Ivan Marques, pareceu desaproveitar a representação do intelectual fracassado, frágil e estático. Tecendo até mesmo uma autocrítica a respeito de uma de suas próprias obras:

Sobre *Macunaíma*, ele próprio costumava dizer que seu herói tinha vivido uma “existência inútil”, que aquela fora a obra sua que lhe dera mais desgostos, que chorava ao ler os capítulos finais, etc. Em carta de 1942 para Fernando Sabino, ao fazer um comentário sobre os artistas brasileiros, em sua maioria “pobres de humanidade”, o autor da rapsódia censura o fato de esses intelectuais não serem íntegros, completos, insolúveis: “São macunaimáticos, se dissolvem nos seus ‘atos’, sem realizarem uma ‘ação’, que é continuidade. Não são homens, são água”. (MARQUES, 2015, p.70-71)

Talvez seja possível sugerir que Cyro dos Anjos não tenha sido citado no texto *A elegia de abril* por Mário de Andrade, porque o autor de *Macunaíma* poderia ter lido e desaprovado de imediato o papel e a caracterização do protagonista do romancista mineiro: Belmiro - intelectual “macunaimático”. Por esse motivo se daria a preferência por citar *Tônio Borja*<sup>9</sup>, de Cordeiro de Andrade, que apresenta um protagonista que seria uma reinvenção de Belmiro Borba.

Mas a escrita de 1930, com essa preocupação com o fracasso “tinha outras motivações, ligadas à consciência da incompletude e negatividade do processo de formação do país” (MARQUES, 2015, p.73). Por isso, para buscar uma melhor compreensão a respeito das obras produzidas naquele tempo é preciso ter em mente o Brasil daquele período: conturbado, em transição e visto por muitos em desagrado.

Em *Uma história do romance de 30*, de Luís Bueno, o estudioso destaca o fracassado como uma figura síntese da literatura de 1930. Ele diz que:

A distância, apesar da proximidade, entre os modernistas e os romancistas de 30; a proximidade, apesar da distância, entre “sociais” e “intimistas”: ambas as coisas podem ser mais bem sentidas se projetadas numa figura a que o romance de 30 dedicou toda sua energia de criação, o fracassado. (BUENO, 2015, p.74)

---

<sup>9</sup> Sobre o romance *Tônio Borja*, Luís Bueno em *Uma história do romance de 30* ressalta: É um caso raro, quase único, de romance escrito em resposta a outro – ou pelo menos, fazendo referências explícitas a outro: trata-se de *Tônio Borja*, de Cordeiro de Andrade, publicado em 1940. A essa altura, Cordeiro de Andrade – que morreria prematuramente em 1943, aos 33 anos – era escritor de esquerda de relativa projeção. [...] *Tônio Borja* é uma espécie de paródia de *O amanuense Belmiro*, embora se encontrem ali referências a outros romances como *Angústia* e *Caetés*. Mas o tipo fraco, sem qualquer capacidade de ação, que o protagoniza, é uma recriação evidente de Belmiro Borba – e o próprio nome, Borja, o confirma. Há momentos tirados diretamente do romance de Cyro dos Anjos. (BUENO, 2015, p.568-569)

Ao tratar do fracasso, Luís Bueno aborda “a natureza do fracasso que domina o romance de 30 e sua articulação com uma ideia de identidade nacional” (BUENO, 2015, p.76). Ele diz que além da associação do fracasso à “desistência”, ao ser incapaz para a ação e destituído de coragem, é preciso também levar em consideração o fracasso relacionado aos problemas que permeiam o presente. Investigar as problemáticas do país, não só no que se refere às questões sociais, como também às problemáticas morais. “Trata-se da manifestação daquela avaliação negativa do presente, daquela impossibilidade de ver no presente um terreno onde fundar qualquer projeto que pudesse solucionar o que quer que seja” (BUENO, 2015, p.77). O fracassado seria aquele personagem que vive em um verdadeiro impasse, tentando se equilibrar constantemente e evitar possíveis quedas. Cyro dos Anjos escreveu duas narrativas que realçavam bem a figura do fracassado: *O amanuense Belmiro* e *Abdias*, ambas em primeira pessoa.

O romance de 1930, em geral, apresentou muitas obras com narrativa em primeira pessoa, Luiz Bueno destaca dois efeitos dessa técnica narrativa:

Primeiro, o de conferir veracidade maior ao documento, já que assim ele aparece construído como depoimento de quem viveu aquele fracasso; segundo, o de sublinhar o caráter definitivo das derrotas narradas, já que para ninguém o impasse pode ser tão profundo, ou mais sem saída a situação, do que para aquele a quem não é dada uma perspectiva mais ampla ou distanciada do problema. (BUENO, 2015, p.78-79)

Em entrevista concedida a Edla van Steen, publicada no volume dois de “*Viver & Escrever*”, Cyro dos Anjos respondeu sobre se o considera um autor realizado com suas publicações:

Realizado? Jamais! Quem pode julgar-se realizado? Só os ingênuos ou os gabolas. Ninguém se realiza, nem na literatura, nem noutra qualquer atividade. O homem sempre alça as vistas para algo que não está a seu alcance. O homem é sempre um ser fracassado. (ANJOS *apud* STEEN, 2008, p.122)

Independente das questões políticas e sociais da época, produziu-se literatura de qualidade, apreciada e aclamada pelo público leitor até os dias atuais. Alfredo Bosi, ao escrever sobre a literatura de 30, afirma que, por fim, a literatura “habita as coisas que representa, pois não só as exprime, enquanto sentimento do mundo, como as reconstitui pela força da linguagem” (BOSI, 2015, p.19).

### **1.3 NOTAS SOBRE A CRIAÇÃO LITERÁRIA, DE CYRO DOS ANJOS**

*Fiquei a matutar: Por que razão o romancista escreve ou o poeta faz versos? Que impulso levaria o homem a se desviar do cotidiano, para se entregar à contemplação de mundos sonhados?*  
(ANJOS, 1967, p.9)

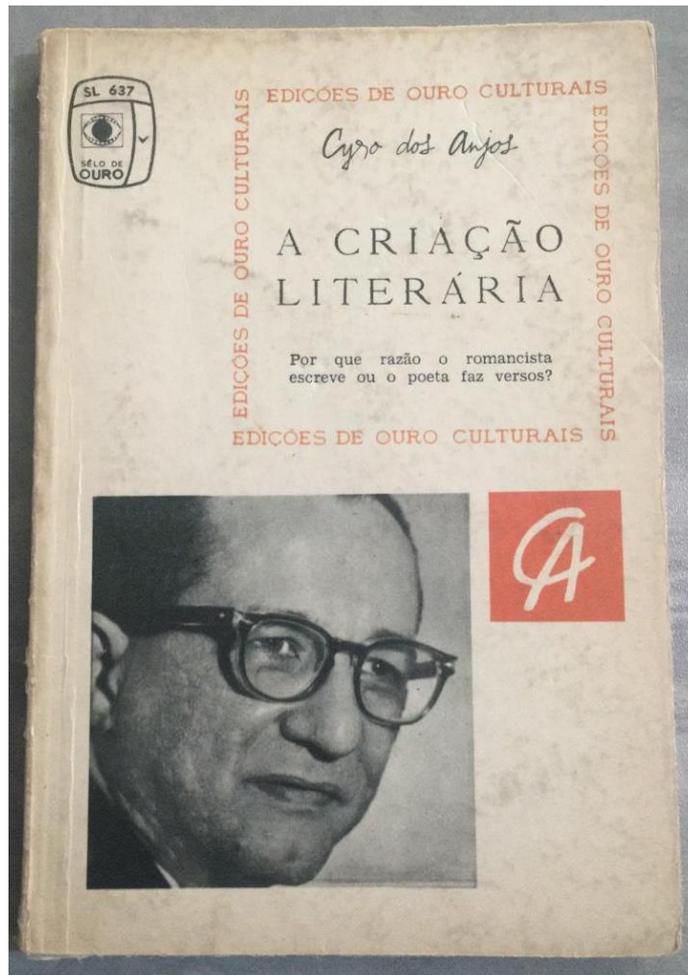
*O amanuense Belmiro* surgiu de crônicas escritas por Cyro dos Anjos, sem grandes pretensões, ganhou o gosto do público e serviu de motivação para a escrita dos demais livros:

Eu tinha, então, trinta anos, foi o primeiro livro, muita coisa borbulhava dentro de mim. Afianço-lhe que, até àquela altura, nunca me havia passado pela cabeça a ideia de tornar-me romancista. A comichão de escrever, que me atacou desde a infância (desde o curso primário eu editava jornaizinhos manuscritos e cheguei a ter um, impresso em tipografia), essa comichão de escrever eu a satisfazia, na adolescência, com o exercício do jornalismo literário, em feição de crônica. Foi o compromisso de escrever uma crônica diária que me levou ao primeiro romance. (ANJOS, *apud* STEEN, 2008, p.108-109)

A partir daí, Cyro dos Anjos escreveu as publicações posteriores sem pressa. Pareceu não almejar uma grande quantidade de publicações, acima disso, demonstrou grande preocupação com a qualidade das mesmas. Questionado sobre se a vida de funcionário público atrapalhou suas atividades literárias, respondeu:

Não há dúvida. Mas apenas até certo ponto. Parece-me que, na verdade, quando se tem algo a dizer, o livro sai de qualquer forma. Tempo, fabrica-se. E a criação é algo semelhante à gravidez, no mundo biológico: terminada a gestação, vem o parto, seja qual for a circunstância... (ANJOS, *apud* STEEN, 2008, p.119)

Em 1954, Cyro dos Anjos publicava *A criação literária*, primeira edição pela Revista Filosófica da Universidade de Coimbra, em Portugal. A segunda edição foi promovida pelo Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação do Rio de Janeiro, em 1956. A terceira edição pela livraria Progresso Editora de Salvador, em 1959. E, a quarta e última edição, usada para a escrita desse estudo, foi publicada em 1967, pela editora Edições de Ouro, no Rio de Janeiro. O autor afirma que a obra sobre as razões do porquê o romancista escreve ou o poeta faz versos, foi construída sem grandes pretensões. Na contracapa da quarta edição ele destaca: “Estes apontamentos de amador não se destinam a entendidos – é óbvio –, mas simplesmente àqueles que, desconhecendo o assunto, desejem informar-se a respeito, num primeiro contato” (ANJOS, 1967).



**Figura 3:** Capa da 4ª edição de *A criação literária*<sup>10</sup>.

No mesmo ano da publicação da segunda edição de *A criação literária*, ele publicava também seu terceiro romance *Montanha*, logo após *O amanuense Belmiro* e *Abdias*. Ao escrever sobre a criação literária ele pode não só ter abordado as razões da criação artística com base em suas leituras teóricas, como também pode ter deixado escapar impressões sobre a própria ação do criar literário. A seguir, o pequeno livro de ensaios do escritor é percorrido com alguns apontamentos.

Cyro dos Anjos introduz dizendo que quando dava aulas na Faculdade de Filosofia de Minas Gerais um aluno questionou o porquê que ele escrevia: “Senti-me perplexo. Uma coisa era a atividade literária, e outra a motivação dela” (ANJOS, *apud* RICCIARDI, 1967, p.9). Assumido o compromisso em discorrer uma aula sobre o tema, Cyro dos Anjos pôs-se a pensar sobre:

---

<sup>10</sup> Capa do livro utilizado para o presente estudo, edição que só foi encontrada para aquisição na plataforma “Estante Virtual”. As obras de ficção do escritor Cyro dos Anjos estão, atualmente, em circulação pela Editora Globo, porém, outros escritos encontram-se esgotados.

Quais os fatores íntimos da criação artística? Convida-nos a literatura a fugir do real ou, pelo contrário, nos dá acesso a uma realidade mais profunda? Constitui mero passatempo ou funciona como válvula, para libertar o espírito de sentimentos e ideias que o oprimem? (ANJOS, 1967, p.9)

Ele começa sua tentativa em discorrer sobre tais questionamentos recorrendo ao livro *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*, escrito pelo historiador holandês Johan Huizinga<sup>11</sup>, publicado originalmente em 1938. Nesse livro, Huizinga acredita que a linguagem é carregada de metáforas e atrás de cada metáfora há um jogo de palavras. “Assim, a humanidade engendra, constantemente, outro mundo, ao lado do mundo da natureza” (ANJOS, 1967, p.13). Mas Cyro dos Anjos acreditava que “custava-nos crer que o fato artístico fosse apenas aplicação de forças supérfluas, satisfeitas as necessidades de manutenção do indivíduo” (ANJOS, 1967, p.16). Ele parece discordar dos que defendem que a arte se assemelha ao jogo “em caráter de impulso desinteressado” (ANJOS, 1967, p.13).

Recorre então ao texto *Especificidade e natureza da arte*, de Delacroix<sup>12</sup>, publicado em *Nouveau Traité de Psychologie* de George Dumas. No ensaio, Delacroix afirma que “a arte está além do jogo, como transcende o conceito de trabalho” (ANJOS, 1967, p.17). Na continuidade por tentar explicar os motivos da criação literária, é possível perceber que nos questionamentos que propõe, Cyro dos Anjos deixa escapar nas próprias interrogativas, possíveis respostas que desvendam as próprias razões pelas quais ele escreve:

Por que motivo o artista substitui a vida real pela vida fantástica, e o poeta ou romancista sonha diante da vida como um *rêveur éveillé*, desatento aos problemas ordinários da existência, embebido na contemplação de mil outras existências possíveis, que ele procura realizar e viver? Se a arte não é apenas atividade lúdica; se, por outro lado, não traduz somente um esforço heroico do indivíduo para se afirmar perante um meio que o sufoca ou a que instintivamente ele teme, seria talvez uma *délivrance*, um meio de o libertar de suas paixões? (ANJOS, 1967, p.19)

A visão de um artista que “sonha acordado” pode ser a visão que Cyro dos Anjos tem de si mesmo. Uma visão em que através da sua escrita, tem a possibilidade de viver uma outra existência, realizar o que lhe foi inalcançável. Quando ele cita o esforço “heroico” para se afirmar perante o meio que o sufoca, podemos tecer relação com o

---

<sup>11</sup> Johan Huizinga (1872-1945) foi um historiador e linguista holandês, conhecido por seus trabalhos nas áreas da história cultural, da teoria da história e da crítica da cultura.

<sup>12</sup> Ferdinand Victor Eugène Delacroix (1798-1863) foi um dos maiores pintores românticos franceses.

círculo de amigos escritores ao qual Cyro fazia parte e, em meio a vida de servidor público, tinha dificuldades em acompanhar o ritmo de publicações dos companheiros, bem como se manter em empregos de bons salários que lhe garantissem um bom sustento financeiro; assim como a problemática de empregos fixos, já que o escritor mudava de cargos, funções e lugares conforme era remanejado por seus chefes, principalmente quando trabalhou na política. A vida de funcionário público fez com que lhe sobrasse pouco tempo para a atividade literária, o que pode ter sido uma sensação sufocante em meio a criação artística.

Eu tinha uma vida muito atribulada na repartição pública. Nas minhas folgas, nas férias é que eu escrevia. O Amanuense, por exemplo, saiu de um período de férias. Eu era oficial de gabinete do governador de Minas, e o trabalho me absorvia muito tempo. Eu era amigo dele, mas era uma amizade muito onerosa porque ele, ao mesmo tempo que me cercava de amizade, me dava muito trabalho. Quando Getúlio Vargas era presidente, resolveu passar umas férias em Poços de Caldas, e o governador teve de ir recebê-lo e acompanhá-lo. Então eu tive uma folga de uns trinta dias, e o livro saiu. (ANJOS, *apud* RICCIARDI, 2008, p.137)

Posteriormente, ele continua citando o psicólogo francês Théodule-Armand Ribot<sup>13</sup>, que em seu ensaio *Essai sur l'imagination créatrice* acredita que para que a criação literária se produza, não é necessário que se tenha mais do que apenas um instinto artístico. É preciso, “primeiro, que uma necessidade se desperte; em seguida, que suscite uma combinação de imagens, e, finalmente, que se objetive e se realize sob forma apropriada” (ANJOS, 1967, p.27). De acordo com Ribot, o homem é capaz de criar por duas causas principais: pela “ação das necessidades, dos apetites, das tendências e dos desejos. A segunda está em lhe ser possível uma revivescência espontânea de imagens, que se agrupam em combinações novas” (ANJOS, 1967, p.28).

E Cyro dos Anjos continuou a interrogar em seu livro: “Seria a arte um processo de purgar a alma de suas paixões?” (ANJOS, 1967, p.30). E em outros autores, buscou respostas, como em Marcel Proust que de modo expressivo observa que “são nossas paixões que delineiam nossos livros, mas o repouso do intervalo é que os escreve” (ANJOS, 1956, p.30). E ressalta que “o conjunto de nossas sensações passadas constitui o livro interior, difícil de decifrar. Sua leitura é um ato de criação” (ANJOS, 1967, p.30). Cyro dos Anjos concorda com o autor de *Em busca do tempo perdido* afirmando que a arte representa “sem dúvida, uma reconstrução da vida vivida. Paixões e

---

<sup>13</sup> Théodule-Armand Ribot (1839-1916) é considerado o pai da psicologia científica francesa.

sensações formam sua substância” (ANJOS, 1967, p.30). Dessa forma, é possível inferir que Cyro dos Anjos teve o seu criar literário pautado em fatos que ele próprio vivenciou, em emoções e desejos que ele pôde ter sentido e até representações de questões a que ele tenha tido aversão e desprezo, exemplo disso, são as discussões políticas que ele propõe e evidencia em *Montanha*. Ele segue buscando as razões para a criação literária citando outros grandes nomes: “Goethe<sup>14</sup> define: Poesia é libertação. E Ibsen<sup>15</sup>: Escrever é libertar os demônios que habitam as câmaras secretas do espírito. E Dostoiévski<sup>16</sup>: Escrever é eliminar nossos fantasmas” (ANJOS, 1967, p.31).

Em seu percurso pelos escritores que falaram sobre a criação literária ele chega a Alceu de Amoroso Lima<sup>17</sup>, que em seu livro *Estética literária*, diz que “nossa condição humana não nos permite aderir integralmente à realidade, que é renovação incessante e unidade vital, irredutível, dos seres” (ANJOS, 1967, p.35). Cyro dos Anjos cita a concepção bergsoniana e acrescenta que “qualquer esforço para o conhecimento, implica modificações na realidade íntima das coisas, que, em sua essência, não se ajustam aos quadros da razão discursiva” (ANJOS, 1967, p.35). Ou seja, o autor concorda que o escritor, na tentativa de reconstituir o todo com a junção de partes, tem sempre algo que lhe foge. Sendo assim, no processo da criação artística a descrição do real tal como ocorreu é uma possibilidade irrealizável. Perguntado sobre se o elemento precioso do ficcionista seria uma mistura da observação da realidade exterior com a fantasia, Cyro dos Anjos respondeu em entrevista:

Não vejo na ficção, propriamente, uma mistura da realidade exterior com a fantasia. A ficção parece-me apenas a interpretação da realidade, quer exterior, quer interior. Seria uma decomposição da realidade, para, com os seus próprios elementos, ser recriada, segundo a ótica do escritor. (ANJOS, *apud* STEEN, 2008, p.107)

Em 1990, a escritora Leyla Perrone-Moisés escreveu *Flores da Escrivainha* e no capítulo oito do livro, com nome semelhante à obra de Cyro dos Anjos em foco neste capítulo, discorreu sobre a criação do texto literário. Algumas considerações da autora puderam ser levantadas aqui, buscando tecer uma relação entre as observações de Cyro

---

<sup>14</sup> Goethe (1749-1832) foi um escritor alemão, autor de "Fausto", poema trágico, obra prima da literatura alemã.

<sup>15</sup> Henrik Ibsen (1828-1906) foi dramaturgo norueguês, um dos criadores do teatro realista moderno.

<sup>16</sup> Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski (1821-1881) foi um escritor, filósofo e jornalista do Império Russo, considerado um dos maiores romancistas e pensadores da história.

<sup>17</sup> Alceu Amoroso Lima (1893-1983) foi um escritor, filósofo social, crítico literário e professor brasileiro.

dos Anjos sobre o criar literário. A respeito da discussão sobre a realidade e a fantasia, Perrone-Moisés diz que “A linguagem não pode substituir o mundo, nem ao menos representá-lo fielmente. Pode apenas avocá-lo, aludir a ele através de um pacto que implica a perda do real concreto” (PERRONE-MOISÉS, 1990, p.105). Dessa forma, assim como Cyro dos Anjos destacou, o mundo criado durante o fazer literário não alcançará o real concreto. Perrone-Moisés ainda destaca:

Narrar uma história, mesmo que ela tenha realmente ocorrido, é reinventá-la. Duas pessoas nunca contam o mesmo fato da mesma forma: a simples escolha dos pormenores a serem narrados, a ordenação dos fatos e o ângulo de que eles são encarados, tudo isso cria a possibilidade de mil e uma histórias, das quais nenhuma será a “real”. Sempre estará faltando, na história, algo do real; e muitas vezes se estará criando, na história, algo que faltava no real. Ou melhor, algo que, ao se produzir na história, revela uma imperdoável falha no real. (PERRONE-MOISÉS, 1990, p.105)

Cyro dos Anjos traz também, em *A criação literária*, o professor Octavio Nicolás Derisia<sup>18</sup>, que acredita que o poder de criar é dom divino, que quando um homem é capaz de se recolher em si mesmo “de se volver, com toda a plenitude do espírito, para a obra de suas mãos, aí temos o artista, ser privilegiado. Não é, todavia, por mérito próprio, mas exclusivamente por dom de Deus” (ANJOS, 1967, p.37).

De acordo com suas leituras de Wilhelm Christian Ludwig Dilthey<sup>19</sup>, Cyro dos Anjos ressalta que o filósofo acredita que a arte serve para satisfazer nossa necessidade de emoções:

Assim como precisa de alimentos, o homem necessita de emoções fortes, que lhe exaltem a energia. Pica-o insaciável desejo de conhecer a vida interior de outros homens e de compartilhar da alegria ou do sofrimento deles. Apetece-lhe ouvir histórias – sejam atuais ou do passado, sejam reais ou simplesmente possíveis. (ANJOS, 1967, p.59)

Assim, o contato com a literatura dá a chance de os leitores experimentarem sensações e emoções nunca vivenciadas no plano do real. Cyro dos Anjos diz que segundo Dilthey a “criação poética nasce quando um acontecimento interior quer traduzir-se em palavras e, por conseguinte, no tempo” (ANJOS, 1967, p.61), ou seja, os acontecimentos precisam ser descarregados no papel, ao mesmo modo que fixados no tempo para que possam ser reproduzidos em expectadores. Cyro dos Anjos também

---

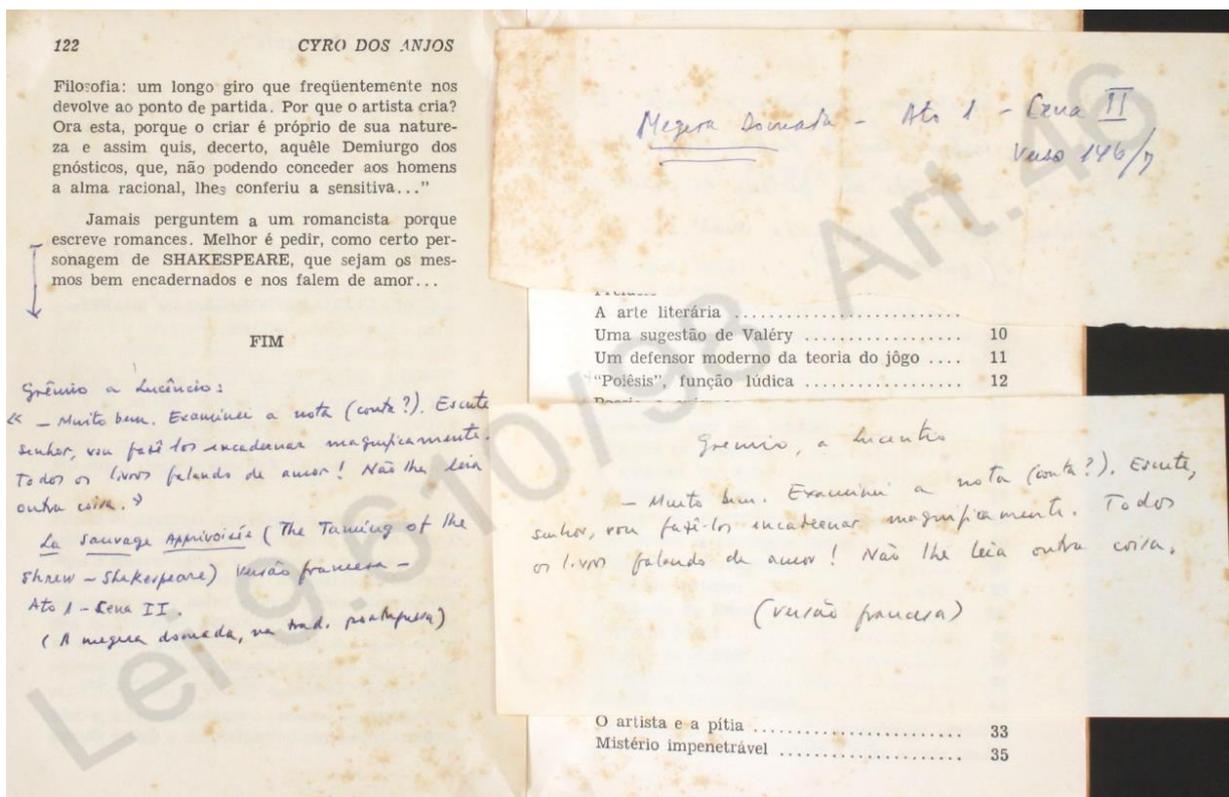
<sup>18</sup> Octavio Nicolás Derisi Lomanto (1907-2002) foi um eclesiástico e filósofo argentino.

<sup>19</sup> Wilhelm Christian Ludwig Dilthey (1833-1911) foi um filósofo hermenêutico, psicólogo, historiador, sociólogo e pedagogo alemão.

ressalta que de acordo com Dilthey a “criação poética excede a experiência, por meio da própria experiência. E um dos seus característicos é que nela a experiência se mostra mais suscetível de ser vivamente sentida e compreendida, do que nas cópias fiéis do real” (ANJOS, 1967, p.64), dessa forma, o artista sabe mesclar a realidade e as imagens que convém a obra de arte, e é essa sabedoria que comove os receptores da criação artística.

Recorrendo, novamente, à Leyla Perrone-Moisés, ela destaca que “O horizonte da literatura é sempre o real que se pretende representar em sua dolorosa condição de falta ou rerepresentar numa proposta alternativa de completude” (PERRONE-MOISÉS, 1990, p.106), assim, a criação literária deforma o real, como um artifício de ilusão. “Ao selecionar, o escritor atribui valores, e ao fazer um arranjo novo sugere uma reordenação do mundo” (PERRONE-MOISÉS, 1990, p.106) e, a partir dessa nova ordem, dessa nova possibilidade de versão do mundo, Perrone-Moisés complementa que “o que a literatura pode, e faz, é ampliar nossa compreensão do real, por um processo que consiste em destruí-lo e reconstruí-lo, atribuindo-lhe valores que, em si, ele não tem” (PERRONE-MOISÉS, 1990, p.108).

Cyro dos Anjos afirma que “um dos motivos precípuos da criação estética será, justamente, a necessidade, que sente o artista, de se tornar essencial em relação ao mundo” (ANJOS, 1967, p.93). O autor parece concordar que o “se tornar escritor” signifique se autorrealizar a partir de suas obras. Mais adiante, em observação às correspondências de Cyro dos Anjos com Carlos Drummond de Andrade, é possível notar a vontade que o romancista demonstra em lançar *O amanuense Belmiro* e torná-lo público. Mas entre tantas leituras, em busca de tantos motivos pelo porquê se escreve ele termina seu livro confessando que ainda não se tem uma resposta única da motivação da criação artística. E finaliza seu texto em reticências: “Jamais perguntem a um romancista porque escreve romances. Melhor é pedir, como certo personagem de Shakespeare, que sejam bem encadernados e nos falem de amor...” (ANJOS, 1967, p.115), utilizando uma frase de Shakespeare da comédia *A megera domada*.



**Figura 4:** Anotações de Cyro dos Anjos na última folha de um exemplar do livro *A criação literária*.<sup>20</sup>

O fazer artístico de Cyro dos Anjos pode ter sido construído para suprir aquilo que faltou a vida do artista, fosse pela aspiração, refletida, de um ideal, fosse pelo recalçamento inconsciente causado pelas censuras individuais ou sociais. Questionado pelo estudioso Giovanni Ricciardi, em 1986, sobre o que significaria escrever, Cyro dos Anjos respondeu:

Essa pergunta é muito complexa e invade o campo da criação literária. Até hoje continuo a ter curiosidade e a ler sobre isso. Eu tinha ideia de continuar a estudar esse problema, depois abandonei porque fiquei cansado. Cheguei à seguinte conclusão: é próprio do espírito ser criativo; todo mundo é dotado da faculdade de criar, em qualquer ramo das ciências ou das letras. (ANJOS, apud RICCIARDI, 2008, p.135)

Sobre se há momentos felizes ou ideais para escrever, Cyro dos Anjos declarou:

Isso leva a famosa questão sobre o que é inspiração. Disse um escritor com muito espírito que na arte há mais transpiração do que inspiração. Flaubert sustentava que é preciso a gente sentar à mesa, com disposição ou não, mesmo que saia apenas um período, uma página ou uma linha. Mas é do hábito de sentar-se todo dia que nasce o trabalho. Evidentemente há

<sup>20</sup> Material obtido em visita ao Acervo de Escritores Mineiros, na UFMG.

momentos excepcionais, mas a arte nasce do trabalho artesanal, artístico. (ANJOS, *apud* RICCIARDI, 2008, p.136)

Em outra entrevista, o escritor mineiro falou sobre seu hábito de escrita: “Salvo no caso de *Abdias*, não costumo sentar-me a mesa, pacientemente, à espera do socorro das musas” (ANJOS, *apud* STEEN, 2008, p.107). Ele esclarece: “Só pego na pena quando tenho, realmente, algo a dizer” (ANJOS, *apud* STEEN, 2008, p.107). Sobre a produção dos seus rascunhos ele conta: “Escrevo a mão, retoco infinitas vezes, depois passo o manuscrito a uma datilógrafa. E, uma vez datilografado, o original ainda é submetido a revisões. Parturição penosa, como você vê” (ANJOS, *apud* STEEN, 2008, p.108). Sobre como se sente dentro da literatura brasileira, Cyro dos Anjos disse:

Tenho uma obra modesta, pequena e já me sinto aposentado da literatura. Hoje sou apenas um leitor e não sou um deslumbrado comigo mesmo; pelo contrário, sou um escritor que tem uma autocrítica excessiva e inibidora. Talvez por eu ter escrito tão pouco, essa autocrítica excessiva inibe. (ANJOS, *apud* RICCIARDI, 2008, p.139)

Ainda em entrevista cedida em 1986, após finalizar seus escritos literários, Cyro dos Anjos assume: “sou um escritor eternamente insatisfeito comigo mesmo. Considero minha obra pobre; dei tudo que podia dar, mas fiz uma obra modesta” (ANJOS, *apud* RICCIARDI, 2008, p.139-140). E justifica: “como sou um leitor muito exigente, li muita coisa boa e, no fim, estou achando minha obra muito modesta em face de tudo isso” (ANJOS, *apud* RICCIARDI, 2008, p.140). Apesar da sua autocrítica, por diversas ocasiões negativas, cabe salientar novamente que Cyro dos Anjos é considerado por grandes críticos um escritor de destaque e qualidade da geração de 30 no Brasil.

O crítico Silviano Santiago, em *A vida como literatura*, acredita que a respeito da criação literária, Cyro dos Anjos consegue fazer um desvio sábio do real, sua percepção é de uma realidade “estruturada simbolicamente” (SANTIAGO, 2006, p.16), sua narrativa perpassa o plano da emoção e da reflexão, a escrita se constrói em uma espécie de imaginário da realidade.

Ao rejeitar a espontaneidade da realidade que lhe jorra sob os olhos como fator de criação literária, ao buscar obsessiva e diuturnamente sentir o modo violento e brutal como a exterioridade do real o traumatiza, violentando-o, ao deslocar o eixo da vida do plano do real para o plano da realidade simbolicamente estruturada, dos signos da existência para uma grafia-de-vida, o ficcionista Cyro dos Anjos explora de forma oblíqua a maneira como os choques e confrontos com a experiência o fazem imaginar, refletir e escrever. (SANTIAGO, 2006, p.17)

Ainda sobre a escrita de Cyro dos Anjos, Silviano Santiago destaca:

O interesse pela observação – objetiva e/ou subjetiva – do cotidiano, o gosto pela crônica dos acontecimentos diários, a descrição sem artifícios dos fatos e sem a fantasia da literatura, a opção pelo fluxo natural da escrita de um diário e, finalmente, o cultivo da contenção estilística como virtude no trato da língua nacional castiça. (SANTIAGO, 2011, p.40)

O leitor de Cyro dos Anjos é chamado a observar a cotidianidade dos personagens e a adentrar as reflexões propostas pelos narradores. Cyro dos Anjos foi um escritor descompromissado em retratar a realidade humana como tal. Ele se preocupou mais com a verdade poética.

Sobre o primeiro romance do escritor, Ana Paula F. Nobile Brandileone afirma que: “Longe de ser experiência real, de linguagem representativa da realidade, o diário é exclusivamente experiência de linguagem” (BRANDILEONE, 2007, p.87-88). Um processo que fez com que *O amanuense Belmiro* fosse “apreendido como construção verbal, pura criação, o que remete mais uma vez à modernidade do texto, porque obra mais preocupada com a arte enquanto elaboração coerente do que enquanto imitação da realidade” (BRANDILEONE, 2007, p.88). O teórico Silviano Santiago problematiza:

Teria sido melhor que Cyro buscasse o estatuto duma narrativa “real” que oferecesse o sentimento de verdade humana? Seria ficcional uma narrativa “real” que apenas passasse o sentimento de verdade humana? Cyro encontra a boa solução ao impasse numa narrativa que opta pelo trabalho de arte e pela busca da verdade poética. Uma escrita memorialista que, se esquivando da autobiografia pura, da indiscrição confessional e do memorialismo clássico, encontra alicerce ao narrar as memórias de um outro, ao dramatizar no papel vidas imaginárias, cujas cores e vibrações são tão intensas quanto as da vida real. (SANTIAGO, 2011, p.46-47)

Nas narrativas em primeira pessoa de *O amanuense Belmiro* e *Abdias*, por exemplo, em que narrador e protagonista são a mesma figura, Cyro dos Anjos trabalha com memórias de vidas imaginárias: “O desdobramento entre o eu e o outro, entre o real e o imaginário, entre o documentário e o ficcional, está no cerne da narrativa de Cyro” (SANTIAGO, 2011, p.47). Cyro dos Anjos constrói um outro imaginário para ser o narrador/protagonista, além de outros imaginários que são os demais personagens; todos construídos “da experiência de vida do sujeito” (SANTIAGO, 2011, p.49). Assim, a verdade poética na criação literária de Cyro dos Anjos estará no outro.

Em *A criação literária*, ao discorrer sobre a produção da literatura, Cyro dos Anjos propõe reflexões e apontamentos advindos de sua própria vivência como leitor e como escritor. O texto ensaístico construído a partir da leitura de diversos autores de várias áreas do conhecimento<sup>21</sup>, reforça o quanto o autor montes-clarense foi um leitor assíduo. Além disso, é interessante notar como ele constrói o ensaio já destinado a um leitor imaginário, confessando ao final do livro como foi árduo o trabalho de escrever na busca do porquê do fazer literário. Na última página de *A criação literária*, Cyro dos Anjos declara: “caminhei muito e não progredi um milímetro” (ANJOS, 1967, p.115).

Contudo, também é interessante destacar que o autor não escreveu sobre o criar literário apenas no livro aqui em questão. Antes disso, em *O amanuense Belmiro* (1937) reflexões sobre o fazer literário já se faziam presentes no romance, bem como continuaram a existir em *Abdias* (1945), *Montanha* (1956) e *A menina do sobrado* (1979). Em *O amanuense Belmiro* encontramos: “Quem quiser fale mal da literatura. Quanto a mim, direi que devo minha salvação” (ANJOS, 2006, p.157). Outro exemplo, é que em *A criação literária*, Cyro dos Anjos traz: “O artista, não será um criador, e sim um “parteiro” da beleza que se acha latente nas coisas” (ANJOS, 1956, p.68), quando compara a criação literária a um parto, o autor repete uma discussão semelhante proposta em seu primeiro romance, quando declara que os escritos de Belmiro advêm de uma gravidez do narrador, que dará luz em formato de livro, ou seja, dará luz a um produto literário. O narrador Belmiro declara no capítulo “Questão de obstetrícia”:

É plano antigo o de organizar apontamentos para umas memórias que não sei se publicarei algum dia. “Por que um livro?”, foi a pergunta que me fez Jandira, a quem, há tempos, comuniquei esse propósito. “Já não são tantos? Por que você quer escrever um livro, seu Belmiro?” Respondi-lhe que perguntasse a uma gestante por que razão iria dar à luz a um mortal, havendo tantos. Se estivesse de bom humor, ela responderia que era por estar grávida. Sim, vago leitor, sinto-me grávido, ao cabo, não de nove meses, mas de trinta e oito anos. E isso é razão suficiente. [...] O melhor seria vivermos sem livros, mas o homem não é dono do seu ventre, e esta noite insone de Natal (as sinistras noites de insônia, responsáveis por tanta literatura reles!) traz-me um desejo irreprimível de reencetar a tarefa cem vezes iniciada e outras tantas abandonada (ANJOS, 2006, p.25).

Em *Abdias* também temos: “Para os seres de nossa espécie, ler e escrever é mais importante que viver” (ANJOS, 1994, p.40). Em *Montanha* se vê discussões em meio político, como: “O homem é tal qual pintam os jornais e anedotas” (ANJOS, 1994,

---

<sup>21</sup> *A criação literária* é um livro escrito em formato ensaístico, com 115 páginas (4ª edição utilizada neste estudo), em que Cyro dos Anjos cita outros autores, muitas vezes, apenas com sobrenome e não há, ao final do trabalho, as referências exatas dos livros utilizados para a construção do texto.

p.168). E em *A menina do sobrado*, um narrador que muitas vezes confessou que: “Gosto, mesmo, só tinha por literatura” (ANJOS, 1994, p.355). Reflexões sobre o escrever e sobre a escrita literária em si, que se mostram constantes no percurso de produções literárias do autor.



**Figura 5:** Foto de Cyro dos Anjos em seu escritório, em 1938.<sup>22</sup>

---

<sup>22</sup> Material obtido em visita ao Acervo de Escritores Mineiros, na UFMG.

## CAPÍTULO II

### 2.1 AUTOBIOGRAFIA E MEMÓRIA EM A MENINA DO SOBRADO

*Quando me lembro do esquecimento, estão ao mesmo tempo presentes o esquecimento e a memória: a memória que faz com que me recorde, e o esquecimento que lembro. Que é esquecimento senão a privação da memória? E como é, então, que o esquecimento pode ser objeto da memória se, quando está presente, não me posso recordar? Se nós retemos na memória aquilo de que nos lembramos, e se nos é impossível, ao ouvir a palavra “esquecimento”, compreender o que ela significa, a não ser que dele nos lembremos, conclui-se que a memória retém o esquecimento. A presença do esquecimento faz com que o não esqueçamos; mas quando está presente, esquecemo-nos. Não se deve concluir que o esquecimento, quando o recordamos, está presente na memória, não por si mesmo, mas por uma imagem sua? De fato, se ele estivesse presente por si, faria com que o não lembrássemos, mas o esquecêssemos. Quem poderá penetrar, quem poderá compreender o modo como isto se realiza?*

(SANTO AGOSTINHO, 1973, p.206-207)

*A menina do sobrado* é uma obra memorialística que explora o discurso do eu. As memórias narradas são imagens evocadas de momentos vividos, ambientes frequentados e pessoas que conheceu e com as quais conviveu, dessa forma, essas imagens sobrevivem ao esquecimento. Também é importante destacar que nesses relatos o tempo rememorado surge com algumas brechas que são preenchidas pela imaginação. O eu que fala não é o mesmo eu que vivenciara todas as experiências evocadas pela memória, mas um eu que recorrendo à memória tenta registrar seu percurso de vida pela escrita, que o faz podendo atribuir aos relatos um sentido novo e que, além disso, tem consciência que esses registros poderão ser vistos pelo outro.

As memórias de Cyro dos Anjos são narradas neste livro com reflexões que o autor possuía sobre si e sobre os momentos vividos em sua infância, juventude e início da vida adulta. Além disso, quem narra as memórias de *A menina do sobrado* escreve sobre si em consciência de que o faz destinado a leitores. O estudioso Helmut Galle, em “Elementos para uma nova abordagem da escritura autobiográfica” destaca que “representantes da “psicologia narrativa” enfatizam que as histórias de vida são configurações intencionais que, muitas vezes, ajustam o passado conforme as necessidades do momento e que estão constantemente num processo de alteração.” (GALLE, 2006, p.74). Assim, é possível inferir que na obra há um propósito do autor ao narrar suas memórias trabalhando-as a seu gosto e suas necessidades intencionais.

A segunda parte do livro, intitulada “Mocidade, Amores”, foi a escolhida para compor a maior parte do *corpus* do presente capítulo, visto que é nessa parte que o narrador relata sua mudança para Belo Horizonte e sua trajetória em busca por formação, por emprego e as suas responsabilidades de homem adulto, ou seja, o seu processo de construção de maturidade.

Em “Mocidade, Amores”, há o relato de momentos vividos na capital mineira pelo narrador, quando ocorre sua busca pela formação acadêmica. Narração das dificuldades vivenciadas por um estudante do interior na cidade grande, com os apertos financeiros para pagar os estudos, a moradia e a alimentação. Além disso, o protagonista também recorda suas inquietações sobre os vários fracassos amorosos que vivenciou. O contato (ainda estreito) com a sua terra natal, a conquista de um emprego que lhe agradasse e, por fim, o (re)encontro com a mulher com a qual se casaria também são relatados.

Iniciamos este estudo com o seguinte questionamento: quais aspectos demarcam a constituição memorialística em *A menina do sobrado*? Recorrendo ao teórico Roland Barthes, no texto *A morte do autor*, verificamos que o mesmo acredita que a escrita é a “destruição de toda a voz, de toda a origem. A escrita é esse neutro, esse compósito, esse oblíquo para onde foge o nosso sujeito, o preto-e-branco aonde vem perder-se toda a identidade, a começar precisamente pela do corpo que escreve” (BARTHES, 2004, p.1). Essa neutralidade, a que se refere Barthes, configura a “morte do autor” no ato inicial da escrita. O autor, segundo o teórico “nasce ao mesmo tempo em que seu texto” (BARTHES, 2004, p.3). Já a estudiosa Diana Klinger em *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*, afirma a importância de quem fala no discurso literário da seguinte forma:

Na atualidade já não é possível reduzir a categoria de autor a uma função. Como produto da lógica da cultura de massas, cada vez mais o autor é percebido e atua como sujeito mediático. Se além disso, o autor joga sua imagem e suas intervenções públicas com a estratégia do escândalo ou da provocação, como é o caso de Vallejo e de Cucurto por exemplo, torna-se problemático afirmar ainda que “não importa quem fala”. (KLINGER, 2012, p.30-31).

É a partir das considerações de Michael Foucault (1992) sobre a função-autor, que Diana Klinger complementa que um nome de autor não é simplesmente um elemento dentro do discurso “mas ele exerce um certo papel em relação aos discursos, assegura uma função classificadora, manifesta o acontecimento de um certo conjunto de discursos e se refere ao estatuto deste discurso no interior de uma sociedade e no interior de uma cultura” (2012, p.29). Ela ainda afirma:

O retorno do autor seria uma crítica ao recalque modernista do sujeito da escrita. Porém não seria um retorno de um sujeito pleno no sentido moderno, mas haveria um deslocamento: nas práticas contemporâneas da "literatura do eu" a primeira pessoa se inscreve de maneira paradoxal num quadro de questionamento de identidade. (KLINGER, 2012, p.34)

Ao falar sobre si mesmo em *A menina do sobrado*, Cyro dos Anjos promove uma exibição autorreferencial e nutre uma preocupação constante em relação à sua imagem. Nesse intuito, o autor analisa e constrói a sua identidade no decorrer da escrita. As considerações de Diana Klinger foram utilizadas aqui, mesmo se tratando de uma leitura contemporânea, por se fazerem pertinentes, também, ao que pode ser notado na escrita de si de Cyro dos Anjos.

Quando Roland Barthes declarou a “morte do autor”, no texto *A Morte do Autor* (BARTHES, 2004, p.65), afirmando que este nasce por meio da linguagem, e não por sua figura autoral do texto literário, Barthes explicou que o autor “morre” como pessoa física e aparece como um elemento dentro do texto voltado ao leitor. Em seu artigo, Barthes aponta esse questionamento ao se referir a um romance de Balzac: “Quem fala? Será o indivíduo Balzac, provido pela sua experiência pessoal de uma filosofia da mulher? Será o autor Balzac, professando ideias “literárias” sobre a feminilidade?” (BARTHES, 2004, p.1). O teórico defende o afastamento do autor, ou o que chamou de “morte do autor”, ao criticar que “a explicação da obra é sempre procurada do lado de quem a produziu, como se, através da alegoria mais ou menos transparente da ficção, fosse sempre afinal a voz de uma só e mesma pessoa, o autor, que nos entregasse a sua “confidência”” (2004, p.11). Dessa forma, o teórico acredita que deve ocorrer um afastamento do autor do texto literário, para que a sua leitura possa ter múltiplas interpretações, reflexões e significações por parte dos leitores, pois “encontrado o Autor, o texto é ‘explicado’” (BARTHES, 2004, p.5). Assim, Barthes aponta que cabe ao leitor decifrar o texto literário: “o leitor é o espaço exato em que se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que uma escrita é feita.” (BARTHES, 2004, p.5). Nesse caminho, o estudioso consolida que o leitor é “o espaço em que todas as citações que constituem a escrita são inscritas sem que nenhuma delas se perca” (BARTHES, 2004, p.5).

Já o teórico Michael Foucault, em *O que é um autor?* (2001), reflete sobre o autor relacionando o texto com o sujeito que escreve. Foucault defende um desaparecimento do escritor que ocorre quando o nome que está na capa do livro desaparece para dar lugar a um autor diferente.

Um nome de autor não é simplesmente um elemento em um discurso (que pode ser sujeito ou complemento, que pode ser substituído por um pronome etc.); ele exerce um certo papel em relação ao discurso: assegura uma função classificatória; tal nome permite reagrupar um certo número de textos, delimitá-los, deles excluir alguns, opô-los a outros. (FOUCAULT, 2001, p. 276)

Foucault exemplifica que “uma carta particular pode ter um signatário, ela não tem autor; um contrato pode ter um fiador, ele não tem autor. Um texto anônimo que se lê na rua em uma parede terá um redator, não terá um autor” (FOUCAULT, 2001,

p.277). Nesse âmbito, ele esclarece que os textos literários precisam de uma atribuição de autoria em que:

Os discursos "literários" não podem mais ser aceitos senão quando providos da função autor: a qualquer texto de poesia ou de ficção se perguntará de onde ele vem, quem o escreveu, em que data, em que circunstâncias ou a partir de que projeto. O sentido que lhe é dado, o status ou o valor que nele se reconhece dependem da maneira com que se responde a essas questões. E se, em consequência de um acidente ou de uma vontade explícita do autor, ele chega a nós no anonimato, a operação é imediatamente buscar o autor. O anonimato literário não é suportável para nós; só o aceitamos na qualidade de enigma. A função-autor hoje em dia atua fortemente nas obras literárias. (FOUCAULT, 2001, p.279)

A respeito dessa função-autor relacionada aos textos literários, mencionada por Foucault, Diana Klinger afirma que: “para a crítica literária moderna, o autor é quem permite explicar tanto a presença de certos acontecimentos numa obra como suas transformações, suas deformações, suas modificações diversas” (KLINGER, 2012, p.30). Para Foucault, a “morte do autor” seria substituída pela “função-autor” que está em diálogo constante com a obra literária, afirmando, assim, que a função-autor ainda garante a presença do autor que se torna subentendida na escrita e na obra. Por conseguinte, diferenciando-se de Barthes para o qual existiria apenas a escrita, dialogando com o leitor por si só, sem a presença do autor.

A atribuição de autoria é evidente em gêneros literários como memórias, correspondências, diários, autobiografias, entre outros. Nessas modalidades, a postulação sobre a “morte do autor” parece mais distante, pois nesse tipo de texto acontece uma espécie de justaposição entre o literário e o não literário. Em *A menina do sobrado*, a figura de Cyro dos Anjos como o escritor e o autor mescla-se compondo a escrita de si.

No livro *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*, os estudos de Philippe Lejeune afirmam que o nome próprio do autor é importante para que o pacto autobiográfico ocorra, ou seja, a “autobiografia para quem a lê é, antes de tudo, um contrato de identidade que é selado pelo nome próprio” (LEJEUNE, 2014, p.39). Nesse sentido, o escritor daria vida ao autor dentro do texto literário, ou seja, ele propõe o retorno do autor por meio do discurso escrito em primeira pessoa, a imagem é construída com os relatos memorialísticos dentro da autobiografia, como acontece em *A menina do sobrado*.

O teórico Philippe Lejeune define a autobiografia como uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2014, p.14). Dessa forma, é possível relacionar essa definição de autobiografia com o que o autor Cyro dos Anjos compõe em *A menina do sobrado*, quando narra episódios de sua vida, discorrendo sobre sua trajetória individual na construção de sua identidade. Após apresentar a definição de autobiografia, Lejeune ressalta categorias que caracterizam o termo:

1. Forma de linguagem: a. narrativa, b. prosa; 2. Assunto tratado: vida individual, história de uma personalidade; 3. Situação do autor: identidade do autor (cujo nome remete a uma pessoa real) e do narrador; 4. Posição do narrador: a. identidade do narrador e do personagem principal; b. perspectiva retrospectiva da narrativa. (LEJEUNE, 2014, p.14).

Assim, ele explica que a autobiografia, vista como uma narrativa que apresenta a vida do autor, presume que haja uma identidade firmada entre o nome do autor explícito na capa do livro, o narrador do texto literário e o/a personagem a quem a história se refere. Embora aponte essa definição para o gênero autobiográfico, ele enfatiza que o termo pode ser pensado com outros enfoques.

Dessa forma, na visão de Lejeune, o pacto autobiográfico é o que leva ao leitor do texto a marca do autor, que seria o nome na capa do livro e sua referência como personagem/narrador, estabelecendo uma espécie de “contrato de verdade”. O leitor estaria sempre ciente de que a primeira pessoa da narrativa se refere ao indivíduo que tem o seu nome na capa do livro, portanto, autor, narrador e personagem seriam uma unidade e pertenceriam a uma mesma categoria. Assim, *A menina do sobrado*, além de se apresentar como um livro de memórias, também pode ser uma obra considerada como autobiográfica, visto que se estabelece um pacto autobiográfico associando o nome autoral transcrito na capa com o narrador-protagonista. Embora, no livro, o nome de Cyro dos Anjos apareça explícito apenas na capa em sua forma autoral, ou seja, não aparece no decorrer da narrativa, há outros elementos que condicionam esse pacto, como explica Lejeune:

O próprio texto oferece em sua margem [...] o nome próprio do autor, ao mesmo tempo textual e indubitavelmente referencial. Essa referência é indubitável por estar fundamentada em duas instituições sociais: o registro em cartório (convenção internalizada por todos desde a infância) e o contrato

de edição. Não há, portanto, nenhuma razão para se duvidar da identidade. (LEJEUNE, 2014, p.42).

Dessa forma, o autor Cyro dos Anjos, presente na capa, pode ser identificado dentro da narrativa ao realizarmos uma observação quanto aos vestígios presentes no texto. É possível verificar uma identidade entre autor-narrador com pistas pontuais como a referência de nomes de integrantes da sua família, como no trecho exemplificado a seguir.

Além do Brant e do Rocha Viana, compunham essa roda de 1916 o desembargador Drummond, na intimidade o Siriri; o escritor Aldo Delfino; seu Dico, meu parente pelo lado dos Versianis; e o sargento Firmino, meirinho a quem o tio Veloso estimava e que, intimidado por tão preclaras presenças, se mantinha respeitosamente à distância. Em 1923, já não os vi, creio. Um deles tinha morrido, outro havia mudado de Belo Horizonte, os demais se deixavam ficar em casa, retidos pelos achaques, ou, quem sabe, pelo crescente alheamento a tudo, que prepara os velhos a se despedirem da vida. (ANJOS, 2010, p.339)

Consoante a isso, em entrevista a Giovanni Ricciardi, Cyro dos Anjos afirma que *A menina do sobrado* provém de suas memórias pessoais:

Mas meu último livro foi justamente um livro de memórias da infância e da juventude. Chama-se *A menina do sobrado*. São memórias com um toque ligeiramente ficcional, de localidades, para evitar a identificação da infância e da juventude, realmente. Não quis continuar as memórias da vida madura, porque me parecem destituídas de poesia. Para mim, o que me interessava era a poesia da infância e da juventude. A vida madura é uma vida sem poesia, vida de luta, aquela coisa toda, e também eu já tinha contado num outro livro, *Montanha*, a minha passagem pela administração e um pouco pela política. (RICCIARDI; MINDLIN, 2008, p.127)

Já a teórica Leonor Arfuch, em *O espaço biográfico: dilemas de subjetividade contemporânea*, destaca que também é importante verificar que “não há identidade possível entre autor e personagem, nem mesmo na autobiografia, porque não existe coincidência entre a experiência vivencial e a ‘totalidade artística’” (ARFUCH, 2010, p.55). Na autobiografia, o Eu é o grande enfoque da narrativa, mas deve ser visto também como um Eu ficcional. Além disso, pode ser visto como um Eu que se expõe, se exhibe e se autoafirma durante toda a narrativa. De acordo com Arfuch, o escritor da autobiografia usa, com frequência, estratégias ficcionais de autorrevelação e isso importa mais do que o “contrato rígido” entre autor e leitor proposto por Lejeune (2014), ela ainda afirma que:

Não tanto a verdade do ocorrido, mas sua construção narrativa, os modos de (se) nomear no relato, o vaivém da vivência ou da lembrança, o ponto do olhar, o que se deixa na sombra; em última instância, que história alguém conta de si mesmo ou de outro eu. (ARFUCH, 2010, p.73).

Desse modo, segundo a autora, um pacto autobiográfico entre narrador e autor tiraria toda a liberdade imaginativa e a subjetividade de uma obra. Ao falar de definições a respeito da escrita de si em modalidades como a autobiografia, as memórias e as confissões, entre outras, é preciso ter em mente que a ficção está presente nesses gêneros. A autobiografia, por exemplo, deve ser considerada ficcional à medida que o escritor, ao recorrer à memória, está, automaticamente, selecionando o que quer apresentar em sua narrativa. Assim sendo, a escrita de um todo rememorado torna-se impossível, porque a memória aparece na escrita de forma fragmentada. No caso de *A menina do sobrado*, um pacto autobiográfico seria possível entre autor e leitor quando o autor escreve explorando tudo que pode falar sobre si, cabendo ao leitor o papel de cúmplice, ou seja, uma espécie de amigo que se apresenta para desvendar os segredos e as confissões da narrativa. A ficção estaria presente, nesse contexto, quando o autor preenche as lacunas da memória com a imaginação e, o leitor, consecutivamente, preenche com ficção as lacunas do que é confessado.

Após a publicação de *A menina do sobrado*, críticos literários chegaram a associar a cidadezinha Santana do Rio Verde como sendo pseudônimo de Montes Claros, a cidade em que Cyro dos Anjos passou sua infância. Em entrevista, ele esclareceu a escolha do nome e o porquê de não ter utilizado o nome original “Montes Claros” mesmo se tratando de um livro de memórias:

Montes Claros cresceu muito, é hoje uma rica metrópole regional. Nada resta ali da cidadezinha de minha infância. O Rio Verde Grande passa pelo município e, na cidade, no Alto do Morrinho, há uma capela de Sant’Ana. Eis os elementos que me sugeriram o novo nome. Achei que esse assentava mais a Montes Claros dos meus tempos de menino. (ANJOS, *apud* STEEN, 2008, p.119)

A troca dos nomes das cidades em *A menina do sobrado* ilustra a impossibilidade da transposição direta da realidade da vida dos autores para as obras, mesmo quando se trata de memórias autobiográficas.

Ainda recorrendo a Philippe Lejeune em *O pacto autobiográfico*, retoma-se a autobiografia como uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história

de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p.14). Ao representar a si mesmo, a pessoa que escreve o faz artisticamente e, ainda segundo Lejeune, o “pacto autobiográfico” entre o autor e o leitor esclarece que o que se lê é uma autobiografia que trata da história pessoal do nome apresentado na capa do livro. Nesse “contrato”, o autor teria o compromisso de dizer a verdade sobre si e propõe que seus leitores confiem nele, estabelecendo uma relação de lealdade.

Em *A menina do sobrado*, Cyro dos Anjos resgata memórias e reinventa a imagem de si para os leitores. O leitor tem a chance de coletar as informações criadas pelo escritor, sejam reais ou inventadas, e criar também a imagem do sujeito que ali se instaura. Apresentando a sua versão da verdade, o escritor pode ser desmascarado em seu próprio texto e, assim, cabe ao leitor a conscientização de que o escritor estará apresentando uma identidade própria que oscilará entre a confissão e a invenção, ou seja, o leitor deverá estabelecer até que ponto será possível confiar fielmente no que o autor apresenta.

As memórias de Cyro dos Anjos permitem ao autor explorar a própria imagem, buscando se exhibir e propagar sua representação literária em meio a tantos intelectuais da época. A narrativa do escritor mineiro distancia-se do presente, resgatando memórias do passado nas quais o real e o ficcional misturam-se durante a leitura, assim, as referências do escritor são projetadas em um discurso que abrange tanto o campo do real como o do ficcional.

No campo que abrange aspectos de sua vida real, podemos destacar o registro das cidades pelas quais passou e das amizades conquistadas. No caso das cidades, por exemplo, quando ele cita Belo Horizonte, “o que posso afirmar, de seguro, é que nós, de Belo Horizonte, em 1926, subindo a avenida João Pinheiro, amávamos puramente o amar, tal como os seresteiros da patética noite de Santana” (ANJOS, 2010, p.410), e no caso das amizades construídas, quando se refere a Carlos Drummond de Andrade ou outros escritores, como no trecho que se segue:

Dois ou três trabalhavam no Diário de Minas, todos escreviam na Revista, só isto se sabia. Não conseguíamos distinguir qual deles era o Carlos Drummond — se o magro, de óculos e de fala incisiva, lacônica, ou aquele outro não menos magro, sem óculos e de compridíssimas pernas, em quem depois identificaríamos o Emílio Moura. E o João, filho do mestre Alphonsus, por algum tempo confundimos com o Pedro Nava. Ressalvo, no concernente ao Abgar, a propósito do Martins de Almeida, esclareça-se que logo o fixamos, pelo chapéu-coco e pelo riso de muitos dentes, e adiados. (ANJOS, 2010, p.423-424).

No campo ficcional é possível associar o frequente deslumbramento com as “moças em flor” comparando ao que se apresenta no romance *Abdias* com a personagem Gabriela, como no trecho: “As moças não me retribuía a morada gulosa que eu lhes lançava” (ANJOS, 2010, p.470). Cyro dos Anjos mostra em sua narrativa que nutria ciúmes quando encontrava as moças com outros rapazes e investigava fatos sobre a vida deles, assim como o protagonista de *Abdias* ao demonstrar por Gabriela excessivo ciúme e perseguir os jovens que se aproximavam dela.

Em *A menina do sobrado* é possível considerar que o Eu retorna ao passado em uma busca por compreender a própria existência. Esse passado vem à tona no processo da escrita das memórias quando recuperado com auxílio da imaginação. Assim, a escrita acontece como um exercício de rememoração, o escritor consegue distanciar-se de si recuperando as recordações de infância, adolescência e juventude e, ao mesmo tempo, promove um encontro consigo mesmo nas reflexões e julgamentos que propõe nesse vai e vem entre o presente e o passado.

No livro de memórias, a lembrança relatada e a identidade de Cyro dos Anjos estão interligadas. A identidade é sustentada pela memória, pois no ato de lembrar, o escritor mostra-se muito atrelado ao seu passado, impossibilitado de se desvincular de tudo que já lhe aconteceu, assim, a memória evocada na narrativa é uma espécie de consciência de Cyro dos Anjos a respeito de si mesmo.

A memória está presente na literatura em textos ficcionais e não-ficcionais, no caso de Cyro dos Anjos, ao recorrer à memória em *A menina do sobrado*, retomando o passado para construir sua narrativa, ocorre uma integração entre a realidade e a ficção, na qual o autor cria um jogo na exposição de si mesmo. Nesse contexto, apresenta a narrativa da memória de forma segmentada, as lembranças são recuperadas por imagens e à medida que os episódios são narrados é possível perceber que há também um sujeito fragmentado. Na obra, a memória não seria apenas uma rememoração do passado refletido no presente, mas também pode ser considerada uma forma do autor exercitar o autoconhecimento, além de uma busca por reconstituir a si mesmo e ao seu passado por meio da escrita. Assim, Cyro dos Anjos garantiria a sobrevivência de suas memórias e também de sua identidade.

A escrita memorialística pode demarcar também o receio do esquecimento, não só quanto às memórias individuais de quem narra, como também o receio de ser esquecido pelo outro, representando uma escrita de permanência para que aquele que se constitui como autor-narrador-personagem seja lembrado após a sua morte ou, até

mesmo, notado enquanto a publicação acontece em vida. A prática íntima da escrita como o arquivamento do Eu, muitas vezes, tem uma função pública, como aponta Philippe Artières, em *Arquivar a própria vida*, afirmando que “arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte” (ARTIÈRES, 1998, p.32). De maneira recorrente, Cyro dos Anjos preocupou-se com a sua escrita, não só no que se refere aos detalhes de qualidade (coesão, coerência e elegância do narrar) como, também, com a sua identidade pessoal que, por meio das memórias, pretendia revelar. Ele tinha consciência de que o seu Eu exposto, é um Eu que seria lembrado:

— Memórias! Bom ofício para quem perdeu o ímpeto criado. Não as liquide. Continua escrevendo-as [...]. — Por que, então, escrever? — Em certos indivíduos, não muito normais, escrever é compulsão, programação genética. Extravagância da Espécie! Ou escrevem ou estouram. E, afinal, não há porque vincular memórias à dimensão dos acontecimentos de que o herói participou [...] [...] — Digo-te, pois, que continues a pôr as tuas lembranças no papel. Quando menos, é um exercício de narcisismo. (ANJOS, 1994, p.418-419).

Mas a escrita de Cyro dos Anjos, seria mesmo apenas um exercício de narcisismo, de contemplação por si próprio? O escritor mineiro evidencia uma vontade de retratar a sua própria vida, como se através desse ato fosse possível prolongar a sua existência. Escrevendo de acordo com como gostaria de ser lembrado, na narração da sua história de vida é possível que o autor tenha omitido fatos desagradáveis e destacado as suas conquistas. Mas essa escrita de autoexibição para os leitores vai muito além de uma mera imodéstia para consigo mesmo.

É importante ressaltar que ao pensar em memória dentro do discurso narrativo, é preciso considerar que a mesma possui lacunas no processo de rememoração e que essas lacunas podem ser preenchidas pelo escritor. Cyro dos Anjos consegue, através da narrativa, usar as recordações para ressignificar seu Eu na escrita memorialística e, assim, constitui sua identidade.

Nessa relação com a identidade do autor, é importante evidenciar que a memória pode ser individual e/ou coletiva, já que o Eu sempre estará dentro de um grupo social. O teórico Maurice Halbwachs (2003) esclarece que a memória vai além do individual, porque não pertence apenas a um único ser. Dessa forma, ela é coletiva porque advém de construções sociais. De acordo com Halbwachs:

Se a memória individual, para confirmar algumas de suas lembranças, para torná-las mais exatas, e até mesmo para preencher algumas de suas lacunas, pode se apoiar na memória coletiva, nela se deslocar e se confundir com ela em alguns momentos, nem por isso deixará de seguir seu próprio caminho, e toda essa contribuição de fora é assimilada e progressivamente incorporada à sua substância. Por outro lado, a memória coletiva contém as memórias individuais, mas não se confunde com elas – evolui segundo suas leis e, se às vezes determinadas lembranças individuais também a invadem, estas mudam de aparência a partir do momento em que são substituídas em um conjunto que não é mais uma consciência pessoal. (HALBWACHS, 2003, p.71-72)

As lembranças não conseguem ser completas e detalhadas pela memória, por isso existem as lacunas da memória no processo de rememoração. Sobre a capacidade de conseguir no presente recuperar o passado, Henry Bergson refere-se a uma duração interior, ou seja, uma espécie de movimento em direção à memória que pode trazer as lembranças para o presente. Durante a escrita autobiográfica, as lacunas dessa memória são preenchidas no ato da escrita, assim, por meio da rememoração, a escrita da imagem de si constitui a identidade dos indivíduos que escrevem.

Em *Matéria e memória* (2011), Henri Bergson reflete sobre a memória e as imagens, ressaltando que a matéria é “um conjunto de ‘imagens’. E por ‘imagem’ entendemos uma certa existência que é mais do que aquilo que o idealista chama uma representação, porém menos do que aquilo que o realista chama uma coisa” (BERGSON, 2011, p.1-2), assim, a matéria seria “uma existência situada a meio caminho entre a ‘coisa’ e a ‘representação’” (BERGSON, 2011, p.2). Bergson ainda afirma que há uma imagem “que prevalece sobre as demais na medida em que a conheço não apenas de fora, mediante percepções, mas também de dentro, mediante afecções: é meu corpo” (BERGSON, 2011, p.11). Dessa forma, todas as imagens em torno do indivíduo estão ligadas à memória que se constrói a partir de outras imagens, sendo o acesso a essas imagens o que o teórico vai chamar de “imagens-lembranças”. No resgate das imagens, passado e presente se unem em uma necessidade de reviver e refletir sobre atitudes e acontecimentos recordados. Nessa visão, o teórico acredita que a memória atua na subjetividade dos indivíduos interferindo na maneira como eles se percebem em meio à sociedade.

*A menina do sobrado* apresenta a retomada constante do passado, no qual Cyro dos Anjos explora suas lembranças esquecidas e as atualiza na rememoração da narrativa. Essa escrita de si instiga o leitor a conhecer cada vez mais as revelações da vida do narrador, atuando como cúmplice e confidente. Segundo Paul Ricoeur, em *A memória, a história, o esquecimento*, a seleção da memória que conserva e preserva os

indivíduos por meio das “imagens-lembranças” é uma “estrutura antropológica da condição histórica” (RICOEUR, 2010, p.511), essa recuperação do passado é um artifício indispensável para a autorrepresentação do autor.

Paul Ricoeur ainda relaciona a noção de imagem e lembrança com a capacidade imaginativa:

Ora, se a lembrança é uma imagem nesse sentido, ela comporta uma dimensão posicional que a aproxima, desse ponto de vista, da percepção. Em outra linguagem, que eu adoto, falaremos do tendo-sido do passado lembrado, último referente da lembrança em ato. Passará, então, para o primeiro plano, do ponto de vista fenomenológico, a divisão entre o irreal e o real (seja ele presente, passado ou futuro). Enquanto a imaginação pode jogar com entidades fictícias, quando ela não representa o real, mas se exila dele, a lembrança coloca as coisas do passado. (RICOEUR, 2010, p.64).

Assim, Ricoeur aponta que a memória “continua sendo a guardiã da problemática da relação representativa do presente com o passado” (RICOEUR, 2010, p.100) e, sobre sua relação com o esquecimento, ele diz: “a imbricação do esquecimento com a memória explica o silêncio das neurociências em relação à experiência tão inquietante e ambivalente do esquecimento comum” (RICOEUR, 2010, p.435). O passado é resgatado pela memória e o esquecimento coloca à prova a confiabilidade dessa memória, visto que o processo de rememoração não apresenta um passado fiel, já que as recordações são fragmentadas. Ricoeur ainda aponta:

Admito que, a título originário, o próprio das afecções é sobreviver, persistir, permanecer, durar, conservando a marca da ausência e da distância, cujo princípio buscamos em vão no plano dos rastros corticais; nesse sentido, essas inscrições-afecções conteriam o segredo do enigma do rastro mnemônico: seriam o depositário da significação mais dissimulada, embora mais originária, do verbo “permanecer”, sinônimo de “durar”. (RICOEUR, 2010, p.436)

A memória seria artifício para autopreservação de si, por meio da rememoração do passado, em que as “imagens-lembranças” são trabalhadas na narrativa com o intuito de fazer o narrador “permanecer”, “durar”, “conservar-se”. Essa necessidade de autoexibição do Eu inclui também a narrativa imaginativa: “a imaginação, voltada para o fantástico, a ficção, o irreal, o possível, o utópico; a outra, a da memória, voltada para a realidade anterior, a anterioridade que constitui a marca temporal por excelência da ‘coisa lembrada’, do ‘lembrado’ como tal” (RICOEUR, 2010, p.26). Jeanne-Marie

Gagnebin, em *Lembrar, escrever, esquecer*, também ressaltou a inconsistência da memória e dos rastros deixados por ela:

Por que a reflexão sobre a memória utiliza tão frequentemente a imagem — o conceito — de rastro? Porque a memória vive essa tensão entre a presença e a ausência, presença do presente que se lembra do passado desaparecido, mas também presença do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente. Riqueza da memória, certamente, mas também fragilidade da memória e do rastro. (GAGNEBIN, 2006, p.44)

A memória é frágil porque tem relação com o esquecimento e, dessa forma, as lembranças descritas pela linguagem serão permeadas de escolhas feitas pelo escritor, o qual poderá suprimir lacunas ou preenchê-las com a imaginação. Segundo Ecléa Bosi, em *Memória e sociedade*, no que se refere à construção da identidade, a memória evoca as “imagens-lembranças”:

A lembrança pura, quando se atualiza na imagem-lembrança, traz à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível, da vida. Daí, também, o caráter não mecânico, mas evocativo, do seu aparecimento por via da memória. Sonho e poesia são, tantas vezes, feitos dessa matéria que estaria latente nas zonas profundas do psiquismo, a que Bergson não hesitará em dar o nome de “inconsciente”. A imagem-lembrança tem data certa: refere-se a uma situação definida, individualizada, ao passo que a memória-hábito já se incorporou às práticas do dia-a-dia. A memória-hábito parece fazer um só todo com a percepção do presente. (BOSI, 1994, p.49)

O movimento de rememoração do que se viveu no passado é o que guia a escrita memorialística ao reconstituir essas recordações no presente. Em *A menina do sobrado*, encontramos uma escrita sobre si resistente ao tempo, em uma narrativa memorialística na qual Cyro dos Anjos também se constitui como sujeito. São memórias de um intelectual mineiro que se configuram em relatos ficcionais revelando aspectos autobiográficos.

Com a rememoração, Cyro dos Anjos reafirma a sua identidade e, ao mesmo tempo, promove uma autoexposição e uma autoanálise de sua vida. Ele retoma o passado e reflete, buscando uma nova compreensão sobre determinados episódios de sua história, conforme aponta Bosi:

Lembrar não é reviver, mas refazer, reconstituir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, "tal como foi", e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição. (BOSI, 1994, p.55).

O passado deixa rastros para serem revistos, mas são rastros incompletos dentro da memória individual de cada ser. Cyro dos Anjos cita essa inconstância nos arquivos de sua memória:

Permanecíamos até mais tarde junto ao bando. A esse tempo, Maria da Glória era a minha grande paixão. Eu teria oito ou dez anos; ela, dezenove ou vinte. De sua fisionomia, pouco me resta nos arquivos da memória: um branco leitoso, de creme Simon, em que se incrustavam grandes e negros olhos à Segundo Reinado, assaz contradições em retratos de fins do século. Quanto ao talhe, posso jurar que seria esbelto, conquanto cheio no busto, em contraste com o de Emerenciana, lisa como uma tábua. Dos cabelos, só direi que acompanhavam o negrume dos olhos e se arranjavam em coque, ao alto da cabeça. Mas o que efetivamente importa é que essa criatura cantava, ao violão, as mais lindas modinhas deste mundo. (ANJOS, 1994, p.14).

Os gêneros autobiográficos como correspondências, diários e memórias, permitem que muitos escritores sejam lembrados. Dessa forma, Cyro dos Anjos pode ter escolhido os relatos que considerou importante exaltar, assim como pode ter omitido histórias e acontecimentos que não queria associar à sua imagem, já que se constituem em rastros recontados com falhas e com acréscimos. Sobre a rememoração, Ecléa Bosi destaca que o indivíduo, ao lembrar o passado, “não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida” (BOSI, 1994, p.60).

Embora Cyro dos Anjos traga consigo essa pulsão do Eu poético que se modifica no espaço e no tempo do esquecimento, é na narrativa que seu Eu irá se materializar por meio das marcas do discurso autorreferencial:

Penso: não seria melhor atirar a pena pela janela, tornar-me puro leitor, sopitar esse vão desejo de trasladar ao papel a minha vã experiência? Já não consulto o fero Espelho, e sim ao meu filósofo de Várzea Alegre, de quem falei noutras páginas. Propõe-me, sabiamente, que vá ficando por aqui. Escrevo. A menina do Sobrado tece o seu intérmino tapete. Envelheci. Ela continua com dezessete anos, enamorada da vida. (ANJOS, 1994, p.421).

*A menina do sobrado* aproxima o leitor do texto porque o narrador em primeira pessoa vai revelando a sua intimidade, analisando a si mesmo e refletindo sobre seu Eu. Tece sua vida em um movimento de rememoração e reflexão constante frente ao leitor, como assim expõe:

A memória é manhosa, tenho de negacear. Primeiro, reproduzo o painel assim como vem à mente; depois, investigo pormenores, procuro restituir a pintura primitiva, removendo as finas pinceladas com que, sobre ela, o Tempo compôs outros quadros. Cenas fugazes, que antes haviam cintilado apenas – brinquedos no Largo de Cima, Atualpa contando histórias, soneca na marquesa da sala de jantar – desdobram-se, então, em perspectivas mais amplas, e mundos, que pareciam sempre perdidos, vão, aos poucos, emergindo à superfície da lembrança. (ANJOS, 1994, p.19).

O discurso da memória em *A menina do sobrado* é construído entre a ficção e a realidade, pois ao reestruturar o passado e selecionar os fatos que quer contar, o narrador constrói uma representação de sua identidade. As lembranças ficcionalizadas que oscilam entre o passado e o presente são marcadas pela memória que as evoca:

Protegidos pela bruma, os dias da infância e da adolescência não se rendem às primeiras investidas nossas, ou, antes, nunca se rendem: mostram-me de relance, numa luz cujo rasgo se desfaz, como as estrelas cadentes que riscavam o céu de Santana em noites de junho, quando, brigado com Risoleta ou com os companheiros, eu me estendia sobre a grama e ficava a contemplar o Caminho de São Tiago. Nos momentos extraordinários em que esses mundos remotos se deixavam entrever, eu os investigo até onde me guia o instantâneo lume. Quando me fogem, não desespero: vou deslocando a câmera, vou tomando vistas em diferentes posições. Assim, uma realidade poética exclusivamente minha, mais universal, seria, também, a de Loiola ou a de Espínola, se conosco palmilhassem ainda os caminhos da terra. (ANJOS, 1994, p.44).

As imagens lembradas surgem no momento presente da narrativa e se configuram de forma seletiva e fragmentada. Essas memórias revelam uma preocupação do autor com a sua identidade pessoal e social, percebida na elaboração do que escreve sobre sua formação como homem adulto e intelectual.

Cyro dos Anjos resgata a sua memória evocando as imagens ao organizar as palavras no papel e discorrer sobre os aspectos de enfoque na narrativa, assim como Ecléa Bosi descreve “as memórias dos velhos” em sua obra *Memória e Sociedade – Lembrança de Velhos*:

O velho, de um lado, busca a confirmação do que se passou com seus coetâneos, em testemunhos escritos ou orais, investiga, pesquisa, confronta esse tesouro de que é guardião. De outro lado, recupera o tempo que correu e aquelas coisas, que, quando as perdemos, nos fazem sentir diminuir e morrer. (BOSI, 1994, p.83).

A narrativa dos episódios vivenciados pelo autor e os seus contemporâneos em *A menina do sobrado* marcam o seu crescimento, a sua luta e as suas conquistas, como se

esse resgate do tempo o fizesse mais vivo, ativo e o tornasse permanente no campo da escrita, aniquilando qualquer esquecimento ou uma espécie de apagamento de si.

Afinal, o autor dessas memórias não é um fracasso: como pode ser fracassado o escritor que publicou dois dos mais importantes romances brasileiros do seu tempo, *O amanuense Belmiro* e *Abdias* e que acabou de nos dar experiência de leitura de *A menina do sobrado*? Ou, dizendo de outra forma, como deixar de estimar alguém que, reconhecendo seus erros, tenta emendar-se? (BUENO, 2010, p.592)

E na busca por emendar-se, por compreender a si mesmo, por relatar sua história, por tentar explicar sua trajetória, enquanto recorda com afeto e cuidado memórias coletivas de quem o acompanhou por todo o caminho do seu crescimento, em *A menina do sobrado* temos um narrador que nos permite uma experiência de leitura fluida, confidente e encantadora.

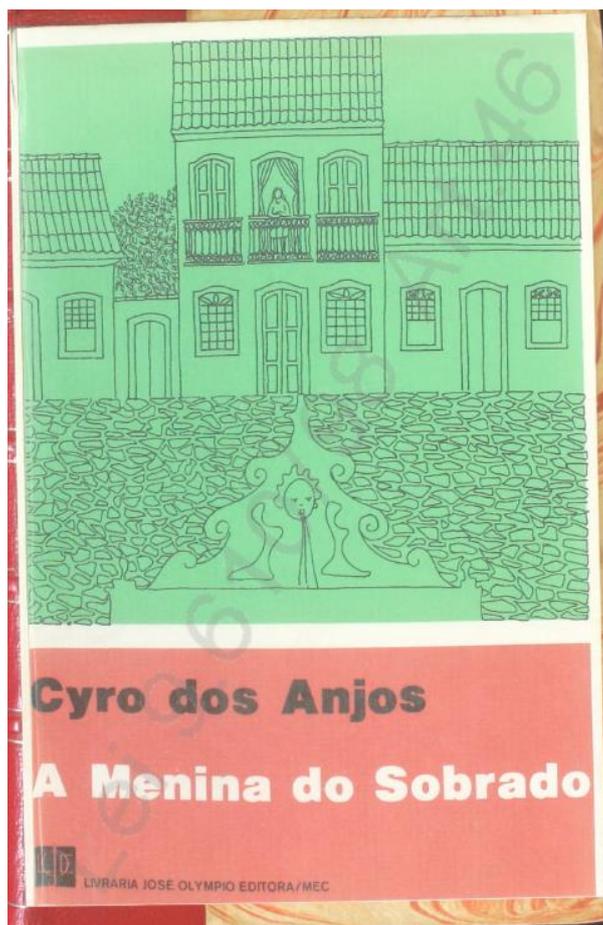


Figura 6: Capa da 1ª edição de *A menina do sobrado*.<sup>23</sup>

<sup>23</sup> Material obtido em visita ao Acervo de Escritores Mineiros, na UFMG.

**2.2 BELO HORIZONTE:  
CENÁRIO DAS EXPERIÊNCIAS URBANAS DE UM INTELLECTUAL  
LITERÁRIO EM BUSCA DE RECONHECIMENTO**

*No Diário, transferido, já então, da rua da Bahia para a rua Espírito Santo, apenas encontrei o Carlos e o João. Nos primeiros dias de redação andei desconfiado, pé atrás, orelha fita. Por certo não souberam dos artigos que, tempo atrás, eu publicara na Sentinela de Santana, descendo a ripa nos “futuristas da praça de Belo Horizonte”.*

(ANJOS, 2010, p.549)

É a segunda parte de *A menina do sobrado*, “Mocidade, amores”, que chama nossa atenção ao revelar um narrador que pode ser considerado um intelectual literário em busca de reconhecimento, e o transcorrer dessa busca ocorre ao se mudar para a capital mineira: Belo Horizonte.

Minha vida de menino e de adolescente passou-se entre a fazendola de meu pai, os amores reprimidos no peito, a leitura de romances e as primeiras aventuras literárias, em jornaizinhos que, mal nasciam, desapareciam. Cumpri, também, o meu tempo de serviço na loja do velho, como aconteceu a todos os irmãos. Aos dezoito anos, conseguida uma colocação em Belo Horizonte, para ali fui, com o propósito de estudar. A capital deslumbrou o moço vindo da roça. (ANJOS, *apud* SENNA, 1996, p.1)

Cyro dos Anjos constrói a narrativa em uma linguagem polida e elegante, trazendo ao leitor, através da recordação, a construção de paisagens de Minas Gerais ressuscitadas com maestria ao descrever as ruas, as serras, os fazendeiros, as festas religiosas, os encontros entre amigos, os namoricos constantes, as peraltices molecas, as provocações quanto à política e os bailinhos frequentes. Um mundo recuperado pela memória, mas também permeado por aspectos ficcionais.

Como pano de fundo para essa dominante temática amorosa, temos a Belo Horizonte dos anos 20: os acontecimentos políticos, os próceres do PRM, a vida nos jornais, as rodas literárias, os “futuristas”, como então se dizia em relação ao grupo modernista, os cinemas, os clubes, a vida boêmia e tantas outras esferas de que o autor nos dá notícia. Sem dúvida, tais relatos, ao de lado de Beira-Mar, de Pedro Nava, estão entre os mais importantes retratos já feitos da então muito jovem capital mineira. (FÁVERO, 1996, p.25)

O narrador não se coloca em posição individualista falando apenas de si, ele narra sobre outras pessoas, e até sobre acontecimentos alheios a ele. O estudioso Afonso Henrique Fávero, em seu artigo *As memórias de Cyro dos Anjos* (1996), acredita que a obra:

Ultrapassa o registro autobiográfico estreito, pois traz igualmente à tona notícias da família do autor, de grupos sociais de sua cidade, da própria cidade, no caso a mineira Montes Claros, ficcionalmente chamada “Santana do Rio Verde”. Posteriormente somos informados sobre a vida estudantil na Belo Horizonte dos anos 20, sobre o grupo modernista mineiro, a imprensa da época, a política e uma infinidade de outros assuntos, todos guardando interesse próprio. Trata-se, pois, de um livro de memórias inclinado a fazer também história de grupo. Para situar-se, o narrador acaba por fazer o mesmo com os grupos com os quais se relaciona. (FÁVERO, 1996, p.11)

Uma indicação dessa propensão pode ser observada em uma das primeiras cenas da segunda parte do livro, “Mocidade, amores”, um episódio que busca configurar o círculo de amigos do narrador que parte para capital quando percebe que seus amigos estão indo embora de Santana do Rio Verde, sua cidade Natal, e, por consequência, ele começa a se ver sozinho.

A dúvida começava quanto à carreira a seguir. Das profissões liberais, nenhuma falava aos meus pendores. Tendia mesmo é para as letras, ofício suspeito, nada recomendável a quem buscava meio de vida. Demais, as letras me tentavam antes como consumidor que como produtor. (ANJOS, 2010, p.307)

Ainda no começo de sua trajetória em BH, Cyro dos Anjos já ansiava por um trabalho envolvendo “as letras” e, ainda no princípio, já confessava que essa opção não era uma escolha favorável para se manter financeiramente. O narrador busca justificar sua mudança: “Por certo me haveria aguentado em Santana, se os companheiros tivessem permanecido lá. A ideia de viver num centro grande me excitava, mas eu queria bem à terra e doía-me o pensamento de deixá-la. Foram-se os marotos, um após outro; fiquei sozinho” (ANJOS, 2010, p.308). Além da ausência dos amigos, o ir e vir de sua enamorada Priscila foi também um dos motivos que levou o protagonista a não encontrar razões sólidas para permanecer no interior mineiro.

As memórias em *A menina do sobrado* transcendem a simples narração sobre si. “Para falar de si, o narrador vai compondo esse painel humano, e suas memórias tomam o feitio de história de grupo” (FÁVERO, 1996, p.12). O narrador não discorre apenas sobre sua experiência individual, evocando lembranças do seu eu. É possível afirmar que as memórias da obra também abrangem a vida coletiva daquele determinado período histórico de Belo Horizonte. *A menina do sobrado* pode ser considerada um registro da experiência vivida pelo narrador, mas também a experiência de uma geração daquela época. O narrador segue seus relatos:

A princípio, seduzido pela imagem da urbe nova, eu, como toda a gente, me acumpliciara com os demolidores. Depois, percebi que, do mesmo golpe com que a derruíam, as picaretas me derruíam também. Vi-me desterrado dentro da própria terra, vagando entre destroços. Havia, é certo, Priscila. Seu olhar verde e pestanudo tornará a envolver-me. Porém, se um dia se amarrava, no outro se desprendia, indo pousar nalgum engenheiro do ramal, ainda não fígado pelas concorrentes mais taludas. Casta nova de opressores, esses culotes cáqui haviam-se substituído as caixeiros-viajantes e nos esmagavam a nós, namorados locais, com as suas ferradas botas e o prestígio de graduados,

acrescido pelo de forasteiros. Assim, a Priscila escorregadia, interesseira, casadoira, seria, pra mim, antes razão de partir que de ficar. Não podendo apoiar-me em seu amor, eu soçobrava no vazio. Sucedeu, nessa altura, o que já se mencionou em páginas anteriores: o mano Antônio lançou uma tábua ao náufrago. Provido para a primeira investida sobre a capital, parti. Estava triste e alegre. Mais alegre que triste, acredito. (ANJOS, 2010, p.308)

O protagonista inicia uma transição entre o ir e vir de dois espaços: o espaço rural e o espaço urbano, na busca por sua formação. Mesmo com sua família e sua paixão adolescente morando no interior, a partida para a capital foi muito almejada, o narrador confessa: “A novidade subjugava a saudade. Entreguei-me, lépido, à ideia de que breve reencontraria os amigos e, como eles, iria também viver a vida da capital” (ANJOS, 2010, p.309). E complementa que deixou a donzela para seguir os amigos: “Esquecida Priscila e a rua do Bispo, só cuidava em Belo Horizonte e nos amigos que lá viviam” (ANJOS, 2010, p.310). Ao chegar em Belo Horizonte, ele descreveu seu entusiasmo:

Com os seus quase setenta mil habitantes, seus edifícios de três, quatro andares, e palácios, e jardins, a capital me haveria embasbacado, se eu já não a conhecesse. Embasbacado não fiquei, mas entusiasmo sentia. Uma coisa era ter estado em Belo Horizonte passageiramente, e outra, habitá-la, gozá-la. (ANJOS, 2010, p.311)

Cláudio Lister Marques Bahia, em seu artigo “Metamorfoses da metrópole”, fala sobre como BH era bem quista na época:

A criação da cidade de Belo Horizonte não foi simplesmente uma decisão linear e mecanicista do emergente espírito modernista da sociedade, pautada na mobilidade e na descontinuidade do seu tempo e espaço. Na formulação da nova capital, há que se considerar o processo histórico e a conjuntura política específica que não se fixaram em fatos ocasionais. Sua construção representou uma profunda mudança no plano material e no plano imaginário, acarretando vários desdobramentos, pois não significou um apartamento do passado, na vida individual, familiar ou de grupo, mas, pelo contrário, integrou-se ao momento presente da época, com muita força, principalmente na vida de seus primeiros habitantes, todos imigrantes. (BAHIA, 2007, p.64)

O narrador de *A menina do sobrado* tinha uma visão de que na capital tudo seria muito diferente da pacata cidade interiorana que morava: “Já me imaginava nos bares, aturdido pelo corre-corre dos garçons, já subia a rua da Bahia com os companheiros, já me incorporava ao *footing* da praça da Liberdade, onde em noites de retreta Priscilas outras haviam de surgir aos punhados” (ANJOS, 2010, p.311). Essas “Priscilas outras” seriam quaisquer figuras femininas que dessem brecha para o narrador durante sua

estadia na capital. Mas nem todas as expectativas foram atendidas, logo a realidade foi se apresentando diferente do esperado. A começar pelos amigos, que naquele mundo novo, não tinham tempo para fazer companhia ao narrador.

A pequena metrópole crescia, avoluma-se, esmagava-me. *Magna civitas, magna solitudo*, gemia um escritor antigo. Imersos no seu mundo novo, que nada tinha de comum com o meu, os amigos deixavam-me outra vez tão solitário como dois anos antes, ao partirem de Santana. (ANJOS, 2010, p.320)

*A menina do sobrado* permite que adentremos o espaço urbanístico de Belo Horizonte naquele período, identificando as condições sociais e como aquele espaço se configurava perante os personagens do enredo. A obra permite que o leitor ouça a voz de Cyro dos Anjos, mas também o eco de outras vozes da sociedade da época. O foco do narrador era o estudo e já no início de seu convívio em Belo Horizonte, teve contato com o escritor Abgar Renault<sup>24</sup>, que foi seu professor de inglês.

Em frente à casa do tio Veloso, um jovem poeta dos mais celebrados da cidade abria curso particular de inglês. Suas aulas, suculentas, matizavam-se de perspicazes observações literárias e por vezes de engraçadas anedotas, que fazia acompanhar de sua própria gargalhada, soberba, contagiante, capaz de garantir por si só o êxito de uma piada. Chamava-se Abgar Renault. (ANJOS, 2010, p.322)

É possível perceber que a literatura já sondava Cyro dos Anjos desde seus primeiros passos na capital mineira, como nas aulas de inglês. O narrador de *A menina do sobrado* deixa claro a todo tempo, que quanto mais tempo passava na capital, mais nutria o desejo de permanecer ali: “Não queria por forma nenhuma voltar ao balcão da loja ou ao laboratório da farmácia. Tomara pavor à pasmaceira de Santana” (ANJOS, 2010, p.325). O que se percebe é que mesmo com os empecilhos que surgiam em BH, o narrador não queria retornar à sua cidade de origem. É possível inferir que estar na capital mineira não era apenas uma busca pelos exames preparatórios que resultavam em certificados para o ingresso ao curso superior, na verdade o narrador estava insatisfeito com a vida familiar que levava no interior e com as previsões futuras que

---

<sup>24</sup> Abgar Renault (Abgar de Castro Araújo Renault), professor, educador, político, poeta, ensaísta e tradutor, nasceu em Barbacena, MG, em 15 de abril de 1901, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 31 de dezembro de 1995. Foi um grande poeta, contemporâneo de Carlos Drummond de Andrade, juntou-se ao grupo surrealista moderno e participou do movimento modernista de Minas Gerais. Desde então, sua importância na literatura contemporânea só fez crescer.

- Informações biográficas coletadas no site da Academia Brasileira de Letras.

tinha ali sobre si e, por esse motivo, partiu em busca de uma vida melhor, uma vida que aos seus olhos fosse ideal para quem queria se tornar. A estudiosa Maria Helena Alves Rocha em *A Menina do Sobrado de Cyro dos Anjos: uma história de formação* afirma sobre o narrador: “Caminhava o jovem num constante embate com o mundo que o cercava. Um mundo rural e citadino que não cabia na compreensão do jovem como compatíveis. O seu sentimento de pertencimento estava além cercas de arame” (ROCHA, 2013, p.116).

E em meio aos estudos e às tentativas de conseguir um trabalho, o narrador também participava de encontros noturnos com os amigos.

Alegria, propriamente, não se mercava no cabaré. Contudo, a animação, o vozerio, a música, fundidos na cerveja, às vezes expulsavam de mim as tristuras costumeiras. Então a são-joanense Marocas se metamorfoseava na moça da porta do Odeon ou me trazia os compridos cílios e o verde-mar dos olhos de Priscila. Tudo mais fácil é natural, à medida que o garçom servia novas rodadas. Mundo fluido, transmutável, sem resistências. (ANJOS, 2010, p.327)

A primeira figura que toma os olhares do narrador, como Priscila fazia em Santana, é Marocas, uma das funcionárias do cabaré, espaço que passou a ser muito frequentado pelo narrador nas noites da capital mineira. “Mas cabaré, Santana, burgo pobre, não pudera ofertar aos meus dezessete anos. Escassos eram os noctívagos, vigilantes as matronas, e o capitão Paula Rego, delegado especial, detestava traviatas e esbórnias” (ANJOS, 2010, p.317). Ele destaca que frequentar o espaço só era possível na capital, mais uma vantagem de BH a seu ver.

Um dos dramas comumente enfrentados pelo protagonista era a dificuldade financeira em se manter no lugar. Ficava constrangido, inclusive, com suas vestes simples.

Betinho já me convidava a sair. Ora com um pretexto, ora com outro, eu fugia. Sentia-me constrangido na companhia de moço tão bem escanhado, que polia as unhas, punha pó de arroz e mandava lustrar todos os dias os sapatos neolim, bico pontiagudo, novidade de estação. Aquelas calças de flanela creme, o jaleco cintado, a camisa de seda, a gravata fina, esvoaçante, humilhavam o meu terninho cáqui, confeccionado pelo Juvêncio Periquito, de Santana, que se apregoava alfaiate civil, militar e eclesiástico, porém brilhava mais nas charadas e acrósticos do que na tesoura, na prova e no remate. De vexame indumentário eu me ressarcia, é verdade, exagerando de mim para mim os meus dotes intelectuais e imaginando viesse a vida de espírito proporcionar-me prazeres superlativos a que nunca se poderiam ombrear os que o janota auferia com o luxo e as dissipações. (ANJOS, 2010, p.328)

E um escape, que fazia com o que o narrador esquecesse dos problemas por alguns instantes, eram as figuras femininas que aparecem e reaparecem a todo momento como pontos de enfoque da narrativa. No trecho a seguir, ele relata um passeio que fez com um amigo até uma peça teatral:

A peça que levavam \_ *A dama das camélias* \_ me deixou frio, conquanto a humildade do teatro amador de Santana me predispusse a achar tudo estupendo: interpretação, guarda-roupa, cenários. Decepcionado ou não, de modo algum teria eu tomado a iniciativa de me retirar, não só porque duvidava do meu gosto, imaginando que a deficiência estaria nele e não no espetáculo, como também porque, no recinto, me prendiam lindas mulheres, emolduradas nos carmesins e dourados das frisas e camarotes. (ANJOS, 2010, p.330)

Com pouco dinheiro em mãos, não iria embora do espetáculo tendo gasto tanto no ingresso de entrada. Cláudio Lister Marques Bahia destaca o quanto essas participações culturais em BH podiam ser caras e, portanto, apropriadas a um público elitizado:

Observou-se que, sobretudo no período entre 1930 e 1937, foi expressiva a participação da sociedade na vida política de Belo Horizonte. A vida cultural também se apresentou intensa, como convinha a uma cidade civilizada. Multiplicavam-se as notícias sobre concertos, óperas, peças teatrais, além da programação de outras casas de espetáculo. Porém, esses requintes culturais restringiam-se às camadas economicamente superiores, embora o nível de alfabetização da capital fosse alto. (BAHIA, 2007, p.68)

Mas seu companheiro com os bolsos fartos decidiu ir embora e Cyro aceitou logo lhe acompanhar até o cabaré.

Por último, uma razão suplementar me reteria até o fim da representação: vinha duma terra em que se tinha a poupança como virtude capital e se fulminava o desperdício como horrífico pecado; tendo-se gasto dinheiro na aquisição de entrada, devia-se aproveitar o investimento. Porém Betinho nem pestanejou. A certa altura, disse bem algo e olhando para os lados, como a desafiar os espectadores “É uma droga, positivamente! Vamos embora. Não aguento esses canastrões!”. Não ousei discordar. Acompanhei-o submisso, e, sendo cedo para o cabaré, juntos entramos no Cine Avenida, onde se exibia uma fita de John Gilbert. Mais um desperdício, contra o qual mudamente se insurgia o espírito de Santana: comprar bilhete para sessão já começada. Nada objetei. Betinho me achataria com o seu desdém, se eu fizesse um reparo desses. (ANJOS, 2010, p.330)

O narrador passou e relatou diversos percalços financeiros. Com poucos recursos, ele andava com o dinheiro contado nos bolsos e não podia se submeter a luxos, por esse motivo, chegou a passar por situações de aperto e constrangimento juntos aos colegas.

No calor do meu entusiasmo, uma aguda preocupação começou a crescer. Não ficara estipulado que a despesa corresse à conta do magnata. Segundo o costume, devia ser rachada entre nós dois. Como arranjar-me com as mirradas cédulas que trazia? Procurei afogar minha aflição em sucessivas taças. Perdido por um, perdido por mil. Com pouco, já fluuava, irresponsável. Afinal, Betinho devia saber onde tinha o nariz. E que coisa mesquinha ficar-se medindo a despesa, pensando na hora de pagar! A inquietação desapareceu de todo, a partir do instante em que a cantora, após ter sido bisada e trisada na *Cumparsita*, tornou à mesa e me puxou para a pista de dança. Aqueles volteios com a cheirosa e bonita mulher valiam todas as complicações, quanto mais o reles problema que me afligia. (ANJOS, 2010, p.331)

A aparição de uma mulher que desse atenção ao narrador sempre dissipava suas preocupações, sejam elas quais fossem. O episódio com Bentinho, no entanto, terminou bem: “Ao sairmos, tendo eu arriscado, gaguejando, uma proposta para dividir a conta, ele, com uma careta de nojo, intimou-me a não pensar nisso” (ANJOS, 2010, p.331). Mas o narrador viria a quitar a conta tempos mais tarde, surpreendido com um furto cometido pelo seu companheiro de quarto.

Custou me crer que o gentil-homem me houvesse subtraído aqueles dinheiros tão contados, que o mano Antônio enviara para o pagamento de aulas e despesas inadiáveis. Dúvida não podia haver: ele percebera que eu costumava guardar a carteira entre a fronha e a almofada do travesseiro e até fizera pilhérias a respeito. O ronco não testemunhava em seu favor. Costumava fingir que dormia, para não ser importunado pela manhã. Mas, provas cabais eu não possuía e, além disso, a distinção, a finura dele me desconcertavam, intimidavam. Nem sequer ousei falar-lhe no assunto. Bobo como era, talvez até me tenha sentido honrado em haver contribuído com o meu modesto óbolo para o brilho do fidalgo. (ANJOS, 2010, p.332)

A quantia faria falta nessa circunstância, pois a mesada do jovem Cyro era restrita aos gastos fundamentais. Mas sobre esse dia, ele esclarece: “Não me lembro como cobri esse desfalque. Ajudou-me, em parte, a circunstância de me haverem os dois professores desobrigado das mensalidades que lhes devia. Abgar, amigo da família do meu tio, nem admitiu que se falasse em pagamento” (ANJOS, 2010, p.332).

E após três meses de permanência na capital, a desejada liberdade de viver em BH acabou junto às condições financeiras de permanecer ali. Veio então o sentimento de descrença ao ter que retornar, nada conformava o narrador: “Não me consolava imaginar que Priscila poderia estar disponível e a rua Bispo viesse absorver ou mitigar a minha nostalgia” (ANJOS, 2010, p.335). Ele explicou: “Três meses de capital me deram asas, insuflaram-me ambições, arrancaram-me se Santana, com raízes e tudo. Sentia-me

um pedreiro desgraçado, e, ao chegar, internei-me na Pereirinha, não queria ver ninguém” (ANJOS, 2010, p.336). Depois de passar um tempo na capital, mesmo sem dinheiro e enfrentando algumas dificuldades, voltar para a fazenda da família incomodou imensamente o narrador, que nunca se deu por satisfeito em continuar na vida rural. Seu olhar estava sempre voltado à capital, uma cidade que crescia com a modernização, e que ele acreditava ser o espaço que poderia lhe proporcionar suas realizações profissionais e pessoais, dessa forma, o narrador se mostra a todo tempo cada vez mais convicto da sua decisão de se distanciar do ambiente interiorizado de Minas Gerais.

Sem possibilidade financeira de estudar em BH, restava ao mineiro conseguir urgentemente um emprego: “Mas o milagre aconteceu, e pelo telégrafo, nos princípios de novembro. “Emprego arranjado. Venha” — disse-me, pelos fios, o fiel Newton” (ANJOS, 2010, p.355). Então, o narrador partiu no mesmo dia, rumo à sua cidade preterida: “No dia seguinte, à Subinspetoria de Reclamações da E.F. Oeste de Minas, onde me esperava uma escrivanhinha de auxiliar de terceira extra, com salário correspondente ao mínimo de hoje ou pouco acima” (ANJOS, 2010, p.357).

Ao chegar na cidade grande o narrador sentia-se inferiorizado, diferente do sentimento de distinção que nutria no interior mineiro: “Em Santana, eu era filho do presidente da Câmara, vivia encarapitado num fordeco de bigodes. Na capital, não passava de anônimo auxiliar extra, intimidado pela verruga de um subinspetorzinho de reclamações” (ANJOS, 2010, p.357). Mas, na condição de empregado, sentia-se mais pertencente ao lugar.

Tinha afinal um emprego, ficara dono do nariz. Bem manobramos, os vencimentos dariam para a república e para o bonde. Não se omitisse o conforto suplementar de sentir-me cidadão belo-horizontino, coproprietário da metrópole. Plantara os pés na capital a título efetivo. Já ultrapassara a condição de estudantinho do interior que ia ali interinamente, só para exames parcelados. (ANJOS, 2010, p.358)

Em meios aos relatos, o narrador recorda sobre as transformações que a capital mineira sofria, dando ao leitor a oportunidade de imaginar um percurso histórico de BH pelos olhos do montes-clarense.

Por fim, recordo-me de que o neoclássico e o art nouveau implantados em Belo Horizonte por mestres de obra europeus, começaram a sofrer naqueles anos a competição dos bangalôs e de arremedos coloniais tidos então como o suprassumo do chique. Onde havia lote vago, brotavam construções desse

tipo. Ninguém queria mais as casas de entrada subiam jasmineiros que, rebatidos pelos lambrequins, deixavam pender a rama, velando o sacrário onde viviam as *Deidades*. (ANJOS, 2010, p.366)

Verifica-se continuamente a precária situação financeira do recente morador de BH, quando Cyro recorria à leitura do obituário a procura de um falecido de alta classe que pudesse ter um velório farto.

Quando não havia dinheiro para o sanduíche do Guarani, consultava-se o obituário, à cata de um velório promissor. Se encontrávamos o Chico Martins, o problema resolvia-se de pronto. O Chico trazia de memória os defuntos do dia, quer os abastados, onde a empadinha e o pastel eram certos, quer os modestos, assistidos apenas a biscoito Maria e café. Obviamente, íamos velar o mais rendoso. (ANJOS, 2010, p.396)

E quando tinha algum dinheiro sobrando, se reunia com os amigos em um bar popular da capital, chamado Estrela:

Indo reunir-nos no Estrela, que havia muito nos seduzia, por ser frequentado pela turma da Revista. Do Estrela descíamos ao Guarani, onde se comia o sanduíche da madrugada. O sanduíche e suculentos bifés, estes quando se tomava mesa, o que só a gente endinheirada fazia. Nós íamos para uma salinha interior, mais modesta, que consentia o chocolate ou a média. (ANJOS, 2010, p.411)

Ao se deparar com vários escritores no Estrela, o narrador voltava para casa reflexivo sobre o ato de escrever:

Fico a pensar na vasta, extensíssima família dos escritores que não escrevem e que partem sem nos deixar o seu pensamento, às vezes tão rico, tão matizado. É melancólico observar que — enquanto se perde o fino pecúlio desses conversadores de café, companheiros de leitura meditada é opinião sagaz — circunstâncias malignas favorecem a proliferação de obras que nada trazem ao espírito e apenas servem para atravancar bibliotecas e livrarias, desorientando o consumidor literário. (ANJOS, 2010, p.416-417)<sup>25</sup>

O Café Estrela era um ambiente de debates literários que muito interessavam o estudioso, isso porque grandes nomes da literatura brasileira se encontravam ali. Nesse

---

<sup>25</sup> Julgamos pertinente deixar aqui um complemento da citação, em que Cyro dos Anjos continua discorrendo sobre a escrita literária:

Não será absurdo admitir que muitos dos melhores livros estariam entre aqueles que não foram escritos: os que ficaram inéditos, perdidos em tertúlias de bar ou conversas de esquina. Aquela madrugada voltei para casa deslumbrado. Tivera a revelação de que poesia é música, e música é poesia, e toda arte, afinal, poesia e música, se não poesia apenas, que a poesia tudo contém. E não só a arte, pensava, mas também a vida, que só vale em estado de poesia. E não só a vida, mas também Deus. Sim. Deus também era poesia. A suprema. (ANJOS, 2010, p.416-417)

espaço, começaram a se formar amizades e contatos que levaram o narrador a se tornar escritor posteriormente.

No Estrela, como antes no Norte-Mineiro, as discussões pouco variavam, quase toda noite eram repisadas. Queríamos era papear. Machado seria ou não maior do que Eça? Anatole valeria pelos dois, embolados, insistia o Ari, com brandura. Em matéria de Anatole, eu fechava o bico. Supremo vexame: não degustara ainda aquele néctar, tão gabado pelo dr. Cantídio nas conversas de Santana, quando, recém-formado, ali chegara derramando novidades. Sobre Machado e Eça, tinha o meu aviso. Sem penetrar as razões da escolha, pendia, por instinto, para o reticente, o ambíguo mestre da escolha, Casmurro, mais fidedigno, em seus entretons, às contradições da alma, do que o rasgado, o transbordante Eça, cujas páginas todavia me fascinavam pela graça e luminosidade. Newton, queirosiano radical, pouca simpatia mostrava a Machado, talvez por julgá-lo do ângulo do sentimento. (ANJOS, 2010, p.418)

Ele cita figuras importantes da Literatura Brasileira, que vieram a conviver com o autor com o passar do tempo, como Emílio Moura, Pedro Nava e Carlos Drummond de Andrade.

Dois ou três trabalhavam no Diário de Minas, todos escreviam na Revista, só isto se sabia. Não conseguíamos distinguir qual deles era o Carlos Drummond — se o magro, de óculos e de fala incisiva, lacônica, ou aquele outro não menos magro, sem óculos e de compridíssimas pernas, em quem depois identificaríamos o Emílio Moura. E o João, filho do mestre Alphonsus, por algum tempo confundimos com o Pedro Nava. Ressalvo, no concernente ao Abgar, a propósito do Martins de Almeida, esclareça-se que logo o fixamos, pelo chapéu-coco e pelo riso de muitos dentes, e adiados. (ANJOS, 2010, p.423-424)<sup>26</sup>

Na passagem anterior ele apenas observa os literatos com quem futuramente nutriu estreito contato, sobretudo com o escritor Carlos Drummond de Andrade. Mas tendo que retornar novamente à Santana, devido à falta de condição de permanecer em BH, ele declara sua angústia:

---

<sup>26</sup> A seguir está a continuação da citação, em que o narrador detalha a euforia e anseio pela aproximação dos literatos da época:

Não raro o nosso grupo via chegar ao Estrela o pessoal da Revista. Aí, Newton, Ari e eu, enfrentando os remoques do Zeca, silenciávamos. Queríamos, espichando o ouvido, recolher aqueles reparos breves, cortantes, entremeados de vastas gargalhadas e exclamações zombeteiras. Nada escapava à devastação. Escritores de fama eram sumariamente desalojados de seus nichos, enquanto nomes até ali desconhecidos do público vinham à tona festejados: o Oswald, o Mário, o Prudente, o Manuel, o Sérgio, o Couto, o Miliet... Quando partiam, ficávamos a digerir o dito ou inferido. Recém-chegado de Santana, eu fazia enormes confusões. Newton me acudia: “Não, rapaz, o Manuel de que falam vive no Rio, é aquele do ‘Madrigal melancólico’... Você até copiou os versos. O Pau Brasil é de Oswald, não do Mario. Apareceu há pouco. E os poemas são uma coisa, o Manifesto, outra. Do Mário é a Pauliceia desvairada”. Se podia esclarecer-me sobre o pessoal de fora, o informadíssimo Newton pouco me adiantava quanto aos modernistas locais. (ANJOS, 2010, p.423-424)

Em Santana, o largo de cima, o de baixo, a rua de Bispo — velha estrutura emoldurada pelo hábito — infundia-me confiança, apaziguava-me. Penduravam-se das coisas o mormaço e o tédio, mas o mundo físico sustinha de certo modo o mundo moral. Na álgida dentro de mim, ensoberbava-se, negando o afeto que eu, mendigo orgulhoso, pedia sem estender a mão. Aquele vazio, aquele desalento entre a vigília e o sono. Mesmo cansado, muito cansado, custava a dormir. (ANJOS, 2010, p.426)

O retorno a BH surge novamente com uma possibilidade de emprego:

Fingi entusiasmo, ao receber a notícia, mas, no íntimo, a melancolia era grande. Não queria banco nem companhia. Queria era emprego público, e ser literato, estudante, girar, na rua, a minha bengalinha, de castão de prata, como Newton, Zeca, Levi, Alkmim, Juscelino. Ser caixeirinho da representação duma usina de açúcar parecia-me o fim. Ainda por cima na rua da Bahia! “Fico lá até cavar outra coisa. Esse negócio de açúcar não me pega” — disse comigo, quando me vi sozinho. (ANJOS, 2010, p.484)

O narrador não queria trabalhar “em banco nem companhia” não só pela ânsia em acompanhar o percurso dos amigos escritores e servidores públicos, como também é possível observar através da leitura de *A menina do sobrado* que sua vontade de ser “estudante, literato”, tem raízes ainda mais profundas. No capítulo sete, é relatada uma prática diária de seu pai, Coronel Antônio dos Anjos, que durante as refeições, com a família toda reunida, compartilhava a leitura de trechos com temas diversos, como filosofia, biografias, textos políticos, científicos.

Meu pai, o Coronel Antônio dos Anjos, como já era chamado ao tempo em que nasci, veio, menino, da fazenda para a cidade, e começou a vida com um jornal e uma tipografia. Mais tarde foi, sucessivamente, professor da Escola Normal, comerciante e fazendeiro. Quando me entendi por gente, ele já contava mais de cinquenta anos, tinha os bigodes grisalhos, a pele cheia de rugas e crestada pelo sol do sertão. Versado em letras latinas, era, contudo, homem de seu tempo, entusiasta do progresso das ciências, em que punha ilimitadas esperanças, como bom filho do século XIX. (ANJOS, *apud* SENNA, 1996, p.1)

O patriarca é recordado e mencionado com muito respeito, em um capítulo contemplativo e muito expressivo, o título por si só já demonstra a importância da figura do pai: “Uma entidade poderosa”<sup>27</sup>.

---

<sup>27</sup> Em *Poemas Coronários*, a figura do pai também é notada no poema de número 11. O poema é dedicado ao pai, que é recordado em um momento difícil a que Cyro dos Anjos passou:

*Coronel Antônio dos Anjos  
lustre e ufania da Guarda Nacional de Montes Claros,  
professor, lojista e fazendeiro,  
vossos quatorze filhos  
agora somam onze.*

Minha primeira ideia a seu respeito era, porém, aquela de uma entidade poderosa e distante, provavelmente justa, mas severa e inflexível, que imperava discricionariamente na casa, na loja e na fazenda. A essa poderosa entidade, que presidia às refeições do clã na grande mesa de pereiro-branco e, com um simples olhar, nos mantinha imóveis, a ouvir leituras que nos mortificavam, cabia decidir sobre todas as petições, desde as importantes, como a relativa à minha entrada no América Infantil Futebol Clube, até às que pareciam somenos, tal a de passar eu o domingo na casa dalgum amigo. Inútil tentar resolver o problema em instância mais benigna: consultada, a mãe sempre respondia: “Vou perguntar a seu pai” (ANJOS, 2010, p.52,53).

A presença da leitura é marcante nas lembranças da infância, principalmente com as leituras proferidas pelo pai no momento das refeições. Os livros chegavam até o interior mineiro através de caixeiros-viajantes ou pelas viagens que o pai fazia ao Rio de

---

*Nieta, a de mão hábil,  
ao morrer ainda pintava casinhas da roça e milharais  
[embonecando.*

*Zezé, mano boníssimo,  
que professava o espiritismo  
e nos arranjou aquela briga com o Sr. Bispo  
abriu pelas próprias mãos a porta do Mistério.  
Depois partiu Pedro,  
o de bela cabeça, claro engenho,  
filho doutor em que púnheis tantas esperanças.  
Os demais continuam firmes,  
a pequena que nasceu paralítica chegou aos cinquenta e  
[seis anos, e dispõe-se a durar na cadeira de rodas.  
Contudo, o caçula dos homens com quem gostavas de  
[conversar no caminho da fazenda  
quase foi embora,  
teve um pé na Eternidade.  
Mais ano menos ano  
segundo a lei da carne  
estaremos, Coronel, convosco,  
a ouvir vossos pitos e brabezas.  
E depois nos queixaremos à Mãe Lolota, a mansa,  
que dirá: “Sosseguem, rapazes,  
Antoninho é nervoso, isso não tem importância”.  
Onde estás,  
industrioso como és,  
deves ter arranjado outra loja, outra fazenda.  
(Um amigo meu é fazendeiro do ar  
e não se tem dado mal no ramo.)  
De qualquer modo,  
Coronel,  
nos arrumaremos no azul  
e quando nos chamardes,  
responderemos: “Presente!”  
como nas aulas de Mestre Eponina.*

*(Que estas maltraçadas linhas cheguem às vossas mãos  
por intermédio do oficioso Santo Antônio.)*

(ANJOS, 2009, p.62-63)

Janeiro. O autor cita diversos escritores durante a narrativa, ora mencionando os impactos de suas leituras, ora tecendo elogios aos seus literatos favoritos, dentre eles, ele cita: *Os três mosqueteiros*, de Dumas pai; José de Alencar; Joaquim Manuel de Macedo; Camilo Castelo Branco; Júlio Dinis; Vítor Hugo; Anatole France; etc.

Além das leituras impostas pelo pai de forma diária, a infância do narrador também foi carregada de histórias contadas por pessoas que frequentavam a sua casa. Ele cita o primo Atualpa, a cozinheira Luísa Velha e o funcionário da fazenda José Carreiro como figuras que preencheram suas memórias com enredos ficcionais. Reinaldo Marques em seu artigo “Sujeito, identidade e autobiografia em Cyro dos Anjos” afirma que:

Autobiografar-se é também se constituir como leitor, apropriando-se do arquivo literário e cultural do Ocidente. Na experiência do escritor montesclarenses, entretanto, a apropriação da cultura letrada mescla com a cultura popular presente em Santana, seja sob a forma das histórias da ama Luísa Velha, das canções e festas, seja sob o deslumbramento recente cinematográfico. (MARQUES, 2006, p.107-108)

No primeiro capítulo, ele já cita o apreço por ouvir as histórias do primo, deixando de fazer o que quer que estivesse fazendo para ouvi-lo: “Sucedendo vir à nossa casa Tia Julinda, e com ela o primo Atualpa, eu me desinteressava da conversa à porta da loja e preferia escutar histórias da Carochinha, de que ele era insigne contador” (ANJOS, 2010, p.18). Sobre o primo Atualpa, Maria Helena Alves Rocha afirma que:

O ato de contar histórias é um antiquíssimo costume popular que ensina a criança a escutar, a pensar e a ver com olhos da imaginação! O resultado disso mostra que as histórias infantis têm papel importante na formação de uma criança. Sendo assim, o primo Atualpa, enquanto brincava, usava sua imaginação a serviço do desenvolvimento da imaginação daquele menino sem nome próprio, porém de muitos ouvidos e múltiplos olhares. (ROCHA, 2013, p.63)

No quarto capítulo, o narrador também reconhece quão boas eram as histórias da ama da família: “Nada ficariam a dever às do primo Atualpa. Cada estação da infância pede uma literatura específica, e a mais adequada àqueles dias recuados seria a da ama, com suas onças e mulas sem cabeça, os seus coelhos, macacos e lobisomens” (ANJOS, 2010, p.33). No capítulo quinze, reconhece que ocupava boa parte do seu tempo de infância à espera de tais histórias, o que pode ser relacionado ao fato de que criado na

fazenda, no interior mineiro, suas opções de distrações eram reduzidas ao estreito limite de espaço que ocupava com sua família.

Veja o universo de minha infância dilatar-se progressivamente em círculos concêntricos, nos primeiros dos quais é mínima a área conquistada ao espaço. O tempo dominava por completo: dias de Luísa Velha e Atualpa, rodas da sala de jantar e da loja, antigos serões musicais. Então, o largo de Cima, a rua Bate-Couro, a travessa dos fundos e a misteriosa casa contígua à nossa, sempre fechada, demarcavam o meu domínio primitivo, a ele pertencendo menos que à nebulosa circundante. (ANJOS, 2010, p.106)

No quarto capítulo, também destaca o agregado da fazenda “José Carreiro, o grande amigo da minha infância” (ANJOS, 2010, p.238), que contava causos após o jantar à beira da fogueira: “causos de bois brabos, que José Carreiro amansava com reza forte, ou arrepiantes histórias, como a do vaqueiro que virava lobisomem na Quaresma, e por isso vivia amarelo que nem açafraão” (ANJOS, 2010, p.38). A obra *A menina do sobrado* apresenta diversas informações sobre a formação do narrador-autor, já que cercado por esses contadores de histórias e tendo o pai sempre com uma leitura à mão, é possível inferir que tais leituras e enredos contribuíram para que Cyro dos Anjos se tornasse um futuro escritor.

Em meios aos registros, o narrador-personagem mostra que os primeiros empregos que conseguiu não lhe deixaram satisfeito. O emprego público era o alvo do literato, pois sabia que seu gosto pela escrita só poderia ser concretizado com o tempo e as facilidades que um emprego público proporcionaria para essa prática. ““Logo da rua da Bahia, esquina com Paraopeba... É muita urucubaca!” — pensava eu, de novo, quando, na manhã seguinte, me dirigia ao escritório da Companhia Usinas Nacionais” (ANJOS, 2010, p.485). Até mesmo o local do novo emprego desagradava a Cyro. “Largar aquela droga de emprego... Daí por diante não pensei noutra coisa” (ANJOS, 2010, p.489). Mas não poderia abandonar o emprego naquele momento, precisava do dinheiro: “Deixar logo o empreguinho era impraticável. Nem teria meios de manter-me, nem queria escandalizar a família, com uma demonstração de leviandade e inconstância” (ANJOS, 2010, p.489-490). O trecho abaixo demonstra a sua insatisfação com o emprego e sua vontade de seguir os caminhos de outros literatos da época:

De novo me vinham ímpetos de atirar para longe os compêndios e afastar de minhas vistas o meu Anatole, o meu Wilde, o meu Machado, o meu Eça. Os compêndios para nada me serviriam, já que eu não ia mais estudar. E literatura não era coisa de caixeiro. Abria o Diário de Minas, lia crônicas e versos de Carlos Drummond, de João Alphonsus, de Emílio Moura... Já não

ousava pensar que, um dia, talvez pudesse abeirar-me deles no Estrela. (ANJOS, 2010, p.490-491)

O narrador confessa: “Para ganhar a vida, pretendia formar-me em direito e, para entretê-la, continuar rabiscando tolices que vinham à cachola. Gosto, mesmo, só tinha por literatura” (ANJOS, 2010, p.495). O protagonista acaba por pedir demissão do emprego que não condizia com sua personalidade e, ao abandonar o emprego, voltou a passar por dificuldades:

Passei a andar a pé, a fim de poupar os níqueis do bonde; fui acumulando déficits, atrasei-me na república; a esta, atrasos não assustavam: atrasava-se, por sua vez, no armazém. O turco descontava no preço, cobrava juros. Para o cinema, quando aparecia uma fita de Greta Garbo, Valdemar vasculhava os bolsos e me dava uns trocadinhos. Se eu espichava a noite com os companheiros, o estômago se forrava em velórios, onde eram garantidos o cafezinho, os sanduíches de Minas Gerais e optávamos pelas casas presumivelmente fartas. Nunca velei tanto defunto. (ANJOS, 2010, p.507)

Em meio aos percalços, ele teve a oportunidade de publicar alguns textos seus e almejou ser reconhecido por meio da sua escrita.

Com a repercussão do artiguete, explorei o gênero, levei outros a Confúcio. E, quando saía a página mineira, eu trançava, ancho, pela rua da Bahia, convicto de que todo o mundo me havia lido e que em breve os transeuntes, ao verem-me, cochichariam, apontando: “Aquele é o fulano, que escreve na página mineira do Correio da Manhã”. Por antecipação, sentia-me comovido, e figurava-me a dizer a quem se cumprimentasse: “Bondade do senhor, meus rabiscos não valem nada”. (ANJOS, 2010, p.508)

Com a ajuda de um amigo, a situação do mineiro na capital começou a melhorar com a oferta de um emprego de função e salário que agradaram o memorialista. “Aurelio não sabia que me dera mais, bem mais do que pedi. Candidatara-me ao humílimo lugar de praticante, e fui contemplado com o de auxiliar, vencendo trezentos mil-réis por mês!” (ANJOS, 2010, p.520). A oferta foi tão generosa que ele se mostrava preocupado com a duração ou veridicidade desse emprego.

Nossa senhora! Isso não vai durar”, pensei, apavorado. Aquele dinheirão todo, e o chefe ainda prometendo aumento... Escarmentado com o entra e sai de empregos em que vivera nos dois últimos anos, eu me sentiria mais seguro se começasse modestamente, com um ordenadinho que não chamasse a atenção de ninguém. Trezentos mil-réis! (ANJOS, 2010, p.520)

A partir desse episódio as oportunidades começaram a surgir e a permanência em BH se tornava mais sólida: “Terminavam três anos de insegurança, três anos de vexamos e de apuros, vividos desde quando eu desembarcara do fumarento trenzinho da Central, na segunda investida sobre Belo Horizonte” (ANJOS, 2010, p.521). A narrativa memorialística se dá, em grande parte do livro, em uma busca incessante pelo emprego público, visto que apenas com a concretização desse emprego ele poderia dedicar-se à escrita literária, assim como estar próximo de seus amigos com quem gostava de falar sobre literatura.

No capítulo “No QG do modernismo”, Cyro dos Anjos começa a narrar o início de sua aproximação com o grupo Modernista liderado por Carlos Drummond de Andrade: “Quando, em 1925, passamos a frequentar a Estrela e ali topamos os rapazes da Revista, pouco sabíamos a respeito deles, e até os confundíamos uns com os outros — escrevi em página anterior” (ANJOS, 2010, p.545). Apesar de já se encontrar com integrantes do grupo modernista no Café Estrela, a influência deles sobre Cyro dos Anjos ocorreu com o passar do tempo, visto que, no princípio, sobre o movimento modernista, ele dizia: “Só vagamente se falava, em Belo Horizonte, de modernismo e modernistas. O movimento foi, ali, discreto, fez-se em surdina, pois a ordem mineira, pesada e conservadora, não apreciava badernas, ainda que literárias” (ANJOS, 2010, p.545). E relata o primeiro contato com os rapazes do Diário de Minas:

Só três anos mais tarde, quando fundamos a Cidade Verde, Newton e eu nos decidimos a procurá-los. Num desses arrancos de canhestro desembaraço com o tímido, às vezes, consegue vencer as suas inibições, abeiramo-nos da mesa deles e lhes desfechamos, à queima-roupa, um pedido de colaboração. Em palavra meio engroladas, nervosas, explicamos o plano: seria uma revista ilustrada. (ANJOS, 2010, p.547)

Ele também explica como se aproximou de figuras como Carlos Drummond, Pedro Nava, João Alphonsus e Abgar Renault:

O ar malicioso com que os rapazes do Diário nos ouviram não excluiu benévolo atendimento: Carlos Drummond — assim o chamávamos em Minas, onde nunca se dispensava o prenome — e Emílio nos prometeram poemas; João Alphonsus, uma página de prosa; Pedro Nava ficou de ver se tinha algo à mão, nos seus guardados; Abgar nos mandaria também qualquer coisa. Nem por isso se abriu intimidade. Bisonhos, xucros, cômicos de nossa modesta posição na hierarquia das letras, continuamos encolhidos ante aquele grupo, que, emergindo como uma força nova, original, perturbadora, iria mudar, em nossa arcádica província, os padrões estéticos ali solidamente implantados. (ANJOS, 2010, p.548)

É possível inferir que Cyro dos Anjos teve influência dos autores do Modernismo com quem passou a ter um contato cada vez mais estreito. Essa influência não se deu especificamente pelo movimento e pelas ideias defendidas pelo movimento em si, mas, sobretudo, pelo convívio do escritor com os modernistas que se tornaram amigos. Inclusive, algum tempo depois, ele conseguiu estabelecer um contato mais estreito com Carlos Drummond de Andrade:

Um imprevisto veio, entretanto, permitir, daí a pouco, que eu, isoladamente, me engajassem, não no grupo do Estrela, que aliás se dissolvera — indo Emílio para Dores do Indaiá; Nava, para Juiz de Fora; Martins de Almeida, para Oliveira; Abgar, para a política —, e sim naquele que remanesceu e passou a compor a redação do Diário de Minas. (ANJOS, 2010, p.547-548)

E através da amizade com o poeta, começou a trabalhar no Diário de Minas:

Submeteu o meu nome ao Carlos Drummond, chefe da redação, que me aceitou, não sem sorrir das precauções daquele amigo. Afinal, acomodado na advocacia, Canedo acabou não voltando, e vim a tornar-me efetivo no Diário. Assim, quando menos esperava, dei comigo, de súbito, no próprio quartel-general do modernismo mineiro. (ANJOS, 2010, p.549)

Cyro dos Anjos deixa claro na narrativa de *A menina do sobrado* a importância dos amigos para ocorreresse um crescimento literário em si próprio, através das discussões ele foi impulsionado a refletir a se aproximar cada vez mais da literatura. Ele narra como foi a aproximação com os personagens do Estrela: “O Carlos, que me acolhera com polida reserva, fora, aos poucos, concedendo-me cordial camaradagem. E João Alphonsus, com as suas pilhérias, não tardara a pôr-me à vontade” (ANJOS, 2010, p.549). É perceptível que o contato com Drummond foi benéfico à Cyro dos Anjos desde os primeiros instantes. Graças ao poeta, o narrador se viu, finalmente, em um emprego que atendia seus anseios no mundo das Letras.

Mas Carlos, que, pelo visto, sabia que minhas veleidades literárias, não me deixou só com os folgados encargos do Canedo: exigiu um cabeço para a seção, em forma de crônica ou coisa parecida, de modo a quebrar-lhe a rotina. Tive, pois, de extrair de mim, diariamente, um palmo de coluna, a mais das vezes de substância lírica, segundo era costume então; para variar, não me limitei à prosa: eu, que antes nunca me exercitava em versos, fossem metrificados, fossem livres, meti-me a fazê-los e a publicá-los, vejam só, ali, entre marechais. Por meios indiretos, mais de uma vez tentei apurar o que pensavam dos meus mofinos escritos. Ao Carlos nada arranquei. Do João me vinha, de quando, algum comentário maroto, acompanhado do sorriso da banda com que costumava sublinhar as duas palavras e que imprimia à frase séria um ar zombeteiro, ou, inversamente, permitia que o gracejo ganhasse tom sisudo. (ANJOS, 2010, p.551-552)

O trecho anterior evidencia o quanto Carlos Drummond de Andrade foi para Cyro dos Anjos o maior incentivador de seu ingresso no mundo literário, exigia-lhe textos, cobrava-lhe datas e depositava no montes-clarense votos de crescimento na área. Além disso, construíram uma amizade que durou por toda a vida dos dois autores.

Com o excelente João não me foi dado conviver por muito tempo: partiu cedo, bem antes do vago, brando Emílio. A amizade ao Carlos, esta iria poder exercer-se longamente, pela vida afora, em Belo Horizonte, no Rio, na maturidade, na velhice. Suscitadas pela admiração, converter-se-ia em culto porque a natureza moral do poeta não cativaria menos ao companheiro que as finas essências do seu espírito. (ANJOS, 2010, p.553)

O trecho a seguir, retirado do capítulo “O birô, o espelho”, apresenta mais um momento em que o narrador tenta justificar o porquê de ter permanecido tanto tempo no serviço público, o porquê de ter escolhido a faculdade de Direito, evidenciando ainda mais que, se tivesse condições, teria dedicado sua vida à escrita, a função que mais exercia com prazer.

Se não lamento o escritor, também não lamentarei o homem civil e o doméstico, e agora, por esta razão singela, que me parece necessária e suficiente, como se diz nos teoremas: aquele trabalho aborrecido, obscuro e anônimo foi o meu ganha-pão. Não me sentia atraído pela advocacia; mal me iniciei nela, abandonei-a. Escolhendo o direito, apenas procurara curso mais folgado. Não teria de dissecar cadáveres e decorar o Testut, nem de atormentar-me com as matemáticas. Agrônomo, farmacêutico, dentista, não quis também ser. Outras profissões liberais não havia então, e as não liberais nunca me seduziam. Era fatal que eu me arrimasse à máquina do Estado. (ANJOS, 2010, p.585)

Verifica-se que Cyro dos Anjos, autor, escreve suas memórias deixando sempre em evidência as suas influências literárias. Os motivos por quais o escritor adentrou o mundo da literatura estão intimamente ligados à cidade de Belo Horizonte. Ali, Cyro dos Anjos pôde ingressar no emprego público e, ali, estar em constante contato com outros escritores de prestígio da época. Dessa forma, ao citar sua busca pelo emprego que tanto almejava e os contatos que teve no decorrer desse processo, Cyro dos Anjos elabora sua própria imagem dando grande espaço à sua formação como escritor.

O narrador estabelece não só um diálogo com o leitor, como também um diálogo constante consigo mesmo, ao citar, por exemplo, as impressões que surgem a partir de uma observação diante de um espelho:

\_ Diz-me, fiel espelho meu: culpado quem foi? Foi o birô<sup>28</sup>? Fui eu?  
\_ É tua, só tua, a culpa – responde-me o energúmeno. \_ Ires abrigar-te à sombra do birô já denunciava comodismo, se não fragilidade e impotência. Demais, punhas alto as vistas, muito alto para a tua altura. E por que tanto rigor, tal obstinação? Deixasses a obra emergir como uma flor singela e tímida. Não a cobiçasses opulenta ou profunda, luzente ou sutil. Tu a assustaste. Obras menores também têm lugar ao sol. Precisa-se do carvalho; não se precisa do caniço? (ANJOS, 2010, p.586)

Ao questionar sua culpa por não ter se dedicado integralmente ao campo literário, o narrador tem sua resposta refletida em si mesmo. Afinal, a escolha pelo serviço público havia lhe garantido estabilidade e segurança, demandando muita coragem para se abster de tal função considerando a instabilidade do papel de ser apenas escritor. Além disso, não só ao emprego público, que foi conquistado com muito afincamento desde sua chegada em Belo Horizonte, cabia toda a culpa de seu afastamento em relação à escrita literária. Isto porque, em relação à sua escrita, Cyro dos Anjos sempre foi muito rigoroso e obstinado a oferecer o seu melhor e, na ânsia por uma criação “grande” e de prestígio, pode ter deixado de escrever obras “menores” que poderiam ter tido sim muito “lugar ao sol”. Ele segue se justificando no diálogo: “\_ Sentenciosa arenga – suspirei. \_ Mas agora, que as forças se foram, já não há como trazer ao sol sequer obras menores. Eis por que liquido, neste volume, as minhas memórias” (ANJOS, 2010, p.586). E assim, não só o birô e não só sua exigência quanto ao fazer literário são os motivos para que cessem suas publicações, mas, agora, o tempo e a idade são as causas da pausa na literatura, se referindo à obra de memórias como uma despedida de suas publicações. O espelho insiste:

— Digo-te, pois, que continues a pôr as tuas lembranças no papel. Quando menos, é um exercício de narcisismo.  
— És implacável. Juro-te que estou longe de adorar a minha imagem. Desde que me conheço, aborreço-me de mim. Quando moço, não ia com a minha cara. Agora, não vou com o que escrevo. Disseste que ponho as vistas demasiado alto. Não será próprio do artesão? Quer-se o suprasumo. E, se a mão cai, impotente, sofre-se. Passado o fervor dos primeiros escritos, descobri a minha mediocridade. (ANJOS, 2010, p.587).

E, de fato, após o diálogo, Cyro dos Anjos termina de “pôr as tuas lembranças no papel”, finalizando *A menina do sobrado* em apenas mais um capítulo, de uma página e meia. Ao se referir a si mesmo caracterizando-o como medíocre, fica claro a

---

<sup>28</sup> Se faz necessário entender que o birô a que Cyro dos Anjos se refere diz respeito ao seu trabalho, tendo significado ligado à: mesa em que se escreve; escritório de serviços; repartição, departamento ou agência.

exigência constante que estabelecia em suas autoavaliações. Ainda no capítulo trinta e nove, ao finalizar o seu diálogo com o próprio espelho, o narrador conclui:

O espelho perdeu o aço e minha imagem sumiu. O que vi diante de mim foi o papel rabiscado sobre a mesa, a mão segurando a caneta, os livros escorados uns nos outros, o Quixotezinho de madeira, o jabuti de bronze (prêmio literário!) e a coruja de vidro me espiando com um grande olho azul, pasmado. (ANJOS, 2010, p.588)

E diante de si o narrador enxerga sua imagem, mesmo sem a presença do espelho. Visto que, os papéis rabiscados em uma mesa, sua mão segurando a caneta, os diversos e dispersos livros no seu espaço e o prêmio literário são representações do que o autor foi e significou, mesmo tendo negado tantas vezes seu próprio valor no meio artístico. A coruja de vidro, símbolo de sabedoria que acompanhou Cyro dos Anjos por toda a vida, o encarava, em expressão “pasmada”, visto que ainda ali, quase ao final do livro, ainda deveria parecer mesmo “inacreditável” que ele não mais escreveria, se sua essência, afinal, foi exercer sua vida como escritor, ultrapassando todos os obstáculos “possíveis” para se manter nesse papel.



**Figura 7:** Fotografia da mesa de Cyro dos Anjos, onde é possível observar a presença de alguns de seus objetos pessoais, entre eles uma coruja de vidro como a citada no trecho anterior.<sup>29</sup>

<sup>29</sup> Material obtido em visita ao Acervo de Escritores Mineiros, na UFMG.

Em *A menina do sobrado* temos um escritor que buscou por Belo Horizonte para se configurar como um intelectual literário em busca reconhecimento e, ao narrar as suas memórias, não só conta aos leitores todo seu percurso, como também anseia por compreender sua trajetória de vida e sua formação até se tornar escritor. Dessa forma, Cyro dos Anjos utiliza da narrativa para justificar suas escolhas, suas influências e refletir sobre os rumos a que sua vida tomou, numa busca por “criar uma coerência no caos das ocorrências da vida” (GALLE, 2006, p.71), assim, ainda segundo Helmut Galle “desde que o indivíduo se viu livre para buscar seu próprio caminho, a narração tem servido particularmente para integrar os episódios dispersos e os contingentes contidos na formação de uma vida” (GALLE, 2006, p.71). A narração de *A menina do sobrado* nos apresenta a formação da vida de Cyro dos Anjos através do seu próprio olhar, o que nos permite conhecê-lo mais, mas também o indagar mais e confirmar impressões ainda obtidas em suas obras ficcionais.

### 2.3 UM OLHAR FIXO PELA FIGURA FEMININA

*Memória*

*Amar o perdido  
deixa confundido  
este coração.*

*Nada pode o olvido  
contra o sem sentido  
apelo do Não.*

*As coisas tangíveis  
tornam-se insensíveis  
à palma da mão.*

*Mas as coisas findas,  
muito mais que lindas,  
essas ficarão.*

(DRUMMOND, 2012, p.26)

*Todos os meus amores acabavam daquele modo,  
frustrados. Então eu nunca iria acertar? Nunca  
encontraria aquela que esperava? Nem teria nunca a  
certeza de amar e de ser amado? Infinita era a minha  
solidão, e a companheira não vinha.*

(ANJOS, 2010, p.559)

As figuras femininas na obra de Cyro dos Anjos representam a fantasia, o amor platônico e, ao mesmo tempo, a chance de uma união estável a dois, com segurança e completude. Essas personagens da obra retratam não só a sensualidade e o prazer, mas, principalmente, algo essencial à vida do protagonista. João Luiz Lafetá em seu artigo “À sombra das moças em flor” destaca que já no primeiro romance do escritor, em *O amanuense Belmiro*, “sente-se claramente que o amor é entendido como uma força vital: amor é sinônimo de vida” (LAFETÁ, 2004, p.34).

A presença das figuras femininas permeando toda a segunda parte de *A menina do sobrado* já é anunciado pelo seu próprio título “Mocidade, amores”. Nessa parte, ocorre uma constante busca do narrador pelo amor. A leitura nos apresenta várias meninas-moças, desde a primeira, até a “finda”<sup>30</sup> escolhida para o casamento. O narrador segue seus relatos mostrando o quanto sofria por paixões que nutria por várias moças que apareceram em seu caminho. A reciprocidade tampouco importava, ele se apaixonava e devaneava múltiplos encontros com várias donzelas com as quais se deparava. Logo nos primeiros meses em BH, o narrador já relata seu deslumbramento pelas moças que encontrou na Pensão Albornoz: “Não omitirei recordações menos contemplativas, mais existenciais, que me deixaram as moças Albornoz. O orgulho, talvez, ou o recato as traziam confinadas no gineceu, nome que dávamos à ala do edifício reservada a família” (ANJOS, 2010, p.334). Além do destaque às moças Albornoz que conheceu, ele também discorre sobre as “divas” que moravam próximas à pensão:

Num palacete próximo da pensão, uma castelã entreteve também os sonhos do visionário. [...] aquele soberbo produto que punha a pensão toda em alvoroço, quando, com as tranças negligentemente atiradas sobre o colo, ia a caminho da aula de música, num passo que a mim, analista compulsório de *Os Lusíadas*, lembrava o de Vênus, a avançar para Júpiter e implorar-lhe proteção para os portugueses, contra as ciladas de Baco: “Andando, lácteas tetas lhe tremiam...”. Meus suspiros esqueciam Priscila, traíam as donzelas Albornoz e seguiam a nova diva rua Timbiras abaixo, dobrando pela rua Sergipe, depois pela Guajajaras, para, enfim, entrarem na avenida e se perderem dentro da escola de maestro Flores, cujo interior eu tanto gostaria de conhecer, por causa das náiades e sílfides que ali deslizavam entre violinos e violões. À Vênus do palacete nunca percebeu, creio, esse pobre amor que se estendia a seus pés, como um tapete se oferecendo a ser pisado. (ANJOS, 2010, p.334)

---

<sup>30</sup> Em referência ao poema “Memória”, retirado do livro *Claro Enigma* de Carlos Drummond de Andrade.

Na própria pensão ou nos lugares que costumava caminhar e frequentar, sempre havia um olhar voltado às figuras femininas. No trecho anterior, é evidenciada essa perseguição sutil que ele se dedicava a algumas delas, mas sempre sem colocar em prática alguma ação que concretizasse suas vontades de estar junto a elas. Também seria possível associar a leitura do trecho às investidas de Abdias para com Gabriela, no romance *Abdias* de Cyro dos Anjos, obra que também apresentava um narrador que ao mesmo tempo que se movimentava em busca da donzela, concomitantemente se mostrava inerte e receoso: “[...] teria sido capaz de pôr fogo a uma cidade, só para ver Gabriela. Mau... Começo a usar a linguagem hiperbólica dos namorados. Há nisso, sem dúvida, espantoso exagero. Por certo, eu não atearia fogo nem a um monte de alfafa” (ANJOS, 1994, p.83).

Após os primeiros três meses morando em BH, o narrador de *A menina do sobrado* precisou retornar à Santana por falta de dinheiro. Ao reencontrar Priscila, sua paixão de sua terra de origem, verificou que ela “continuava toda avanços e recuos, engodos e negaças, e, melhor que nunca, movia as peças do seu xadrez, amiúde me pondo em xeque, fosse com olhadelas para algum forasteiro” (ANJOS, 2010, p.345). Nesse episódio, o narrador julga ter aprendido alguns truques em BH que poderiam ser válidos para conviver com ela:

Acontecia, porém, que eu me adestrava na convivência de sujeitos abusados, especialmente o Betinho da Pensão Albornoz; o sentimentalão inerte aprendera truques, tornara-se mais capacitado para iniciativas. Assim, surpreendi-a com uma nova tática, externando um cinismo postiço, que dissimulava o meu interior apaixonado. E ela, quem sabe contente com a mudança, consentia-me carinhos nunca antes tentados, e a que em aventurava atônito com a própria ousadia. Pergunto-me se naqueles dias afetivamente amava Priscila. Viera a desejá-lo se outro modo; talvez já não lhe tivesse amor. (ANJOS, 2010, p.345-346)

O narrador assume: “O platonismo, subsistente em mim, via nas amadas objeto de pura adoração; e outras, não a elas, se dirigíamos ardores da minha jovem sexualidade” (ANJOS, 2010, p.345-346). E esclarece que as investidas de Priscila poderiam ser vistas como um discreto interesse, já que após retornar de BH ele trazia consigo uma carga maior de distinção na cidade pequena: “Voltando de Belo Horizonte com quatro preparatórios, eu me apresentava com melhores títulos. Assumira novo estado, seguia carreira, convertendo-me em expectativa de casamento” (ANJOS, 2010, p.346). A figura de Priscila chama a atenção pelo jogo de querer e não querer que a personagem propõe:

Encegueirado, eu só queria tê-la, não outra, quando o vazio da rua mal iluminada ensejava os proibidos afagos. Aqueles meneios, o jeito de se oferecer recusando-se, o modo seu de me comer com os olhos, a graça que lhe desabrochava no riso, no motejo e ainda na faísca de cólera ou no muxoxo despeito — mel e fel, sal e acrimônia, tudo nela era garra, era visgo, eu não podia desprender-me. (ANJOS, 2010, p.347)

E enquanto permanecia em Santana o narrador continuava a procurar por Priscila. Por um período, ele não conseguiu recursos para retornar à capital: “Viúvo ao tempo em que custeara os meus primeiros preparatórios, o mano Antônio estava agora casado; sua modesta receita não mais lhe permitiria ajudar-me” (ANJOS, 2010, p.349). Seu pai andava apertado e não apoiava a saída do filho da cidade, então o narrador relatou: “Continuei a roer a pasmaceira de Santana, dia a dia mais deprimido” (ANJOS, 2010, p.350). A fixação pelo retorno a BH era tamanha que até mesmo a morte de sua mãe foi sentida com desembaraço, uma preocupação aparentemente deixada em segundo plano:

Meus dezessete anos digeriam com facilidade as tristezas e mágoas; ferimentos da alma cicatrizavam-se rapidamente, como os da epiderme. Via minha mãe no leito, a debater-se, aflita. Condoía-me disso, mas, ao afastar-me, não transportava comigo o meu pesar, logo tinha o pensamento voltado para Priscila, para as festas, para os encontros com amigos. A morte viera com lentidão, na terceira semana de agosto, quando a enferma já não conhecia ninguém, era só gemidos e estertores. (ANJOS, 2010, p.351)

Ele recorda que naquele tempo: “tão pouco durou meu luto interior, que, transcorrido um mês, já eu aparecia nos bailes de dona Rosa, velha senhora que distraía a solidão de solteirona abrindo o salão as moças e rapazes” (ANJOS, 2010, p.352). Após a morte de sua mãe e passado algum tempo em Santana, o narrador consegue retornar à BH. Na capital mineira, procura brechas para conquistar as donzelas da cidade. Mas ressalta que os olhares femininos eram dificilmente voltados para si:

Nem as enfeitiças do quadro, nem as suplentes nos davam confiança: tinha o Castelo deputação duvidosa, e seus moradores representavam escassa esperança matrimonial. Namoro com rapazes do interior, destinados a voltar à terra e por lá casarem, constituía investimento precário. As moças preferiam promissória firme, com aval idôneo. (ANJOS, 2010, p.378)

Para continuar um percurso pelos “amores” pelos quais o narrador se deparou, desde Priscila de Santana, até as várias moças da capital, recorreremos aos conceitos de amor presentes em *O Banquete* (1972), de Platão, intencionando apresentar que o amor

representado em “Mocidades, amores” pode ser relacionado aos discursos que se referem ao amor presentes em *O Banquete*. Para tanto, se faz necessário percorrer o que foi dito por Fedro, Pausânias, Erixímaco, Aristófanes, Agatão, Sócrates e Alcibíades, no banquete oferecido por Agatão, um poeta e homem de prestígio em Atenas, que decide convidar seus amigos para celebrar um prêmio que havia ganhado.

Os presentes no jantar proposto por Agatão decidem, em determinado momento, que cada um discorreria sobre o amor. Quem começa a falar é o jovem Fedro, que defende que o amor é uma espécie de Deus “o amor é o mais antigo dos deuses e também o mais honrado e poderoso para a aquisição da virtude e da felicidade pelos homens, tanto em vida como na morte” (PLATÃO, 2017, p.33) e que, além disso, o amor tem a capacidade de tornar virtuoso aquele que ama. Outro aspecto presente em sua fala é que quem ama é capaz de resistir ao sofrimento pelo amor: “e quanto ao morrer pelo outro, é só o que querem os que amam” (PLATÃO, 2017, p.31).

Em algumas passagens de *A menina do sobrado* é possível notar que, assim como para Fedro, para o narrador, mesmo enfrentando situações difíceis na capital, o amor é um recurso que lhe permite resistir aos sofrimentos que venha a enfrentar. Como no relato a seguir, em que em meio às dificuldades ele nutre um sentimento por Olguinha, a primeira moça que lhe chama a atenção após seu envolvimento com Priscila no interior mineiro:

Adorei-a. Até que ponto? Naquela altura, eu me desinteressava das florinhas em botão, volvia-me para Sulamitas e Hermengardas, já desabrochadas em mulher. Digo só que Olguinha me invadiu, plantou-se dentro de mim. Acompanhava-me a caminho da repartição, sentava-se a meio corpo no meu birô, pulava de uma página a outra do processo, volvia comigo para a república, e não raro me apareceu em sonhos. Namoro não seria, então, mas havia qualquer coisa. Talvez apenas as três valsas de Chopin, que ela tocou aquele dia. Com os seus dedos de pluma ela extraía dessas valsas uma beberagem mágica, um filtro que, não me apaziguando inteiramente o ser, trocava o existir pelo contemplar, e me protegia do hiante vazio que ameaçava travar-me. Eu me sentia só e triste. Aprendi com Chopin o deleite da tristeza. Descobri a volúpia que vive nela, escondida. (ANJOS, 2010, p.381)

Retornando ao percurso pelo *Banquete*, o segundo a falar é Pausânias, que divide o amor em Urânio, que seria o Celestial: “ele exige que se empreenda muito esforço, tanto do amante, no cuidado de sua própria excelência, quanto do amado” (PLATÃO, 2017, p.40); e Pandêmio, o popular: “de modo que o amor popular de Afrodite é verdadeiramente popular e se perfaz, seja lá o que ocorrer” (PLATÃO, 2017, p.34).

Recorrendo ao discurso de Pausânias é possível inferir que em *A menina do sobrado*, o narrador passa a maior parte do tempo em um amor que poderia ser considerado Pandêmio, visto que não há, em grande parte dos casos, um esforço em relação à figura amada e, sim, uma busca incessante por várias figuras, sejam elas quais fossem. Assim, o amor Urânio segundo Pausânias se encaixaria mais ao final da narrativa de Cyro dos Anjos, quando o amor se refere à “menina do sobrado” escolhida para o casamento.

O próprio narrador confessa que na verdade sua atenção era voltada para todas:

Uma pequena a mais, imaginei. Amava-as a todas, com universal amor, que não pedia e, até, dispensava reciprocidade. Ou não amava a nenhuma, pois que a todas amava? Contudo, o olhar de esguelha, que eu recebia no adro da Boa Viagem, foi-se infiltrando aqui, ali, entre o jardim de Hermengarda, o muro da Sulamita, o coque de Alexandra e o bomboleio de Esmeralda. Quando viria a exclusiva dona dos meus penares? Pobre de mim. Outros amores ainda me assaltariam. Priscila apagara-se. Dir-se-ia que nunca tinha existido. Equívoco da idade verde. A gente não se despreza assim das amadas. Priscila, *toujours recommencée*, ainda voltaria. Voltaria com Santana, outro *intermezzo*. (ANJOS, 2010, p.382)

E a partir de então é possível verificar demasiada fixação pelo universo feminino no decorrer da narração da segunda parte de *A menina do sobrado*:

No que me respeita, era por mero virtuosismo que adejava em torno delas. Liberto de Priscila, eu, Dom Juan platônico, arrastava a asa a qualquer saía. Namoradas não faltavam ao amador cerebrino, que dispensava reciprocidade. Demais, a esse tempo, começava a virar namoro o flerte com Olguinha. (ANJOS, 2010, p.394)

Ele compara-se a um Don Juan e esclarece que a reciprocidade não é fator determinante para que ele goste das mulheres, ele as admira sozinho, sem se dedicar a apenas uma e sondando vários ao mesmo tempo: “Parecia que tinha vindo pisar em Olguinha o verdadeiro amor, o antigo amor de Priscila, quando este ainda não se tornara concupiscente e se enlaçava na pura troca de olhares. Gula de curvas não era; seria talvez gula de infinito” (ANJOS, 2010, p.394). “Gula” de curvas não seria, já que ele endeusava as curvas, várias, de distintas donzelas. Olguinha seria mais uma possibilidade de romance duradouro na imaginação do narrador. O narrador segue seus relatos refletindo sobre seus sentimentos amorosos nutridos pelas inúmeras figuras femininas que perpassam sua vida:

E a psicanálise, como vê o fenômeno? Instinto coarctado, nada mais, dirá Freud. Tendências sexuais, reprimidas na infância, refugiam-se no

inconsciente, deixando na consciência, como resíduo, sentimentos de ternura. Na puberdade, tais tendências, de novo irrompidas, e aí com forte ímpeto, por vezes separam-se da linha puramente sentimental. Então, poderá um homem manifestar apaixonada inclinação por certa mulher que, entretanto, não o incite ao comércio amoroso, e, ao mesmo tempo, desejar outra a quem não ama, ou estima pouco, se não despreza. (ANJOS, 2010, p.405)

E discorre alguns trechos na tentativa de entender o amor:

Daí existirem três formas de amor, que ora se sucedem, ora coexistem: o absorvente ou captativo; o de identificação, e, por fim, o oblativo. O absorvente [...] incita o indivíduo a considerar a parceira apenas como objeto, propriedade sua. O amor de identificação é próprio de quem associa a parceira à sua vida, com ela compartilha suas leituras, anseia por, ao lado dela, contemplar um belo espetáculo [...]. Quanto ao oblativo, trata-se de sentimento superior, que se mede pela aptidão ao sacrifício. Não procura absorver, nem apenas comungar, e sim transbordar, propagar-se. (ANJOS, 2010, p.406)

Conclui que, na verdade, ele ama o amor: “Nessa altura, o seresteiro de Santana iria descobrir a longínqua raiz daquele sentimento que lhe despedaçava o peito: veria que, à maneira de Tristão, amava o amor, não àquilo que parecia o seu objeto” (ANJOS, 2010, p.407). É possível perceber que as barreiras e dificuldades para se alcançar o objeto amado são atrativas aos olhos do narrador. Quanto mais distantes, indiferentes e recolhidas, mais o narrador se interessa e deseja estar entre elas.

Daí os obstáculos que o amante cria à realização de seu amor. Seriam esses obstáculos um ardil necessário ao progresso da paixão, ou a ela estariam vinculados, de modo mais profundo? Quem sabe constituiriam o próprio objeto da paixão, que é a vitória sobre o desejo? (ANJOS, 2010, p.407)

Em *O Banquete*, no terceiro discurso proferido pelo médico Erixímaro, o amor é explicado com base na ciência. O médico argumenta que o amor é um deus presente no universo e o amor adequado só é possível através da medicina e que, sem a medicina, o amor se manifestaria por meio de doenças. Ele finaliza dizendo que os indivíduos que se valem da medicina quando envolvidos pelo amor, promovem uma experiência amorosa com benefícios: “o amor que se volta às coisas boas e se realiza nelas com temperança e justiça, entre nós como entre os deuses, é o que possui o poder mais grandioso; é este que nos prepara para a felicidade” (PLATÃO, 2017, p.45).

Não encontrando uma estreita relação entre o discurso de Erixímaro com a obra de estudo em questão, passamos ao quarto discurso feito por Aristófanes, que discorre sobre o amor a partir do mito do andrógino. Ele explica que antigamente “nossa anatomia era diferente da que se vê hoje. Primeiro, não havia apenas dois sexos –

masculino e feminino, como agora – mas três” (PLATÃO, 2017, p.46). Dessa forma, naquele tempo “existia o andrógino, distinto dos demais sexos na forma e designação, tendo partes do macho e da fêmea” (PLATÃO, 2017, p.46). Sobre o mito desses seres, ele conta que os andróginos foram divididos em dois e após essa divisão ficaram sempre à procura de sua metade. Consoante a isso, em *A menina do sobrado* a busca do narrador pelas amadas parecia algo essencial para sua felicidade, assim como o contentamento do andrógino também dependia de sua metade. Como pode ser observado na narração a seguir, em que as noites preenchiam a mente do narrador com os devaneios amorosos e para fugir da solidão ele saía em busca de uma companheira:

Essa perpétua fuga à solidão explicará a desenfreada sociabilidade que então desenvolvi. [...] arranjei uma terceira aula: a do poeta Sílvio Brant, que regia um bando feminino pelas cercanias do Abrigo Ceará. Fiz um terno a prestações no Ventura, e pus-me em campo. Entre essas moças, uma havia, de calos à la garçonete — a Zuleide —, a quem imolaria de bom grado a Priscila que dançava ainda dentro de mim, e mais as pequenas da república, as Deidades do Odeon, senão o soslaio olhar que Olguinha me enviava, ao sair da missa. Eu amava a beleza-em-si, não importando o transitório receptáculo que a contivesse. E, impávido, buscava-a, onde se achasse. Podia a pequena fechar a cara, desviar a vista para o lado. Amoroso múltiplo, quimérico, bastante a mim mesmo, não me deixava acabrunhar pelo malogro. (ANJOS, 2010, p.428-430)

Assim como os andróginos, o narrador estava sempre em busca de uma espécie de contentamento ao encontrar uma “metade”. Nessas buscas, é importante ressaltar que em vários episódios ele se considerava um homem feio perante os demais. Na passagem a seguir, ele usava a moça Ismênia, um pouco mais velha, para conseguir gracejos com as mais novas, o que prova sua constante predileção pelas “moças em flor”:

O clã do Sílvio abria-me as portas de uma casa na avenida Paraúna, onde quase toda semana havia assustados. Logo à primeira noite, observei que a filha dos proprietários — a Ismênia — era pouco requestada para as danças. Carregava já os seus vinte e oito anos, e, naquele tempo, as que passavam dos vinte iam logo encostadas como títias. [...] Nem bonita nem feia, Ismênia era simpática e espirituosa. Um tanto por cortesia, outro tanto por cálculo, eu sempre a tirava para os primeiros foxes. Reconhecida, passou a retribuir-me, e com largueza, trazendo-me sempre, depois de bailarmos, ora uma, ora outra das garotas monopolizadas pelos bonitões. Desprovido de atrativos, vamos dizer, aparentes, eu não era objeto do interesse dessas desalmadas [...] inexoráveis para com os feios, logo rejeitavam, após sumária inspeção, aquele cara de filhote de passarinho, espinhento, pressuroso e solícito. (ANJOS, 2010, p.428-430)

Ismênia serviu de ponte para que o narrador alcançasse voos mais altos com novas e belas donzelas: “Ismênia [...] remediava a situação, levando-me, pelo braço,

amigas suas, recalcitrantes. Tão pobre de companhia quanto eu, e receosa de perder-me, não deixava de me advertir [...]: “Volte, hem? Não me traia!”. Fiel, eu sempre voltava” (ANJOS, 2010, p.430). Para o andrógino é impensável não procurar sua metade, assim como o narrador que, mesmo condições financeiras precárias, não se ausentava da vida noturna em busca de amor. E mesmo em momentos de estudo, as donzelas que conhecia vagavam pelos seus pensamentos, imaginando os possíveis encontros ansiados por ele:

O certo é que, na aula, enquanto João Martins demonstrava um teorema ou resolvia uma equação, os meus olhos, em vez de acompanharem as evoluções do giz no quadro-negro, seguiam o verde rastilho do olhar de Priscila, não de todo apagado na minha lembrança, ou varavam a parede, evadiam-se por entre as magnólias da avenida Carandaí e subiam a rua Pernambuco, buscando Hermengarda, a reclusa — quando não desciam rumo à igreja de Boa Viagem, e sonhavam Olguinha, à saída da missa das nove, toda chique no vestidinho de organdi bordado. (ANJOS, 2010, p.441)

Em seus retornos à Santana, não só nos retornos concretos, como também quando retornava à Santana pela lembrança, a principal vontade do narrador era reencontrar Priscila:

Podia, enfim, ir a Santana: tinha, agora, para exibi-los ao mano Antônio e à cidade, dois outros certificados. Ao todo, sete. Entraria triunfalmente na rua de Bispo. E, o principal, reveria Priscila. Embora o escondesse a mim mesmo, eu não queria outra coisa. O demoniozinho, ultimamente, mandava-me recados: esquecera dela? Estava viva e desimpedida... Vim a saber que, de fato, rompera com o seu caixeiro-viajante, o piratão que, com partes de mais velho, tratava-a como menina, e acabara ferrando namoro puxado. Ante essa possibilidade de reatamento eu ficara assanhado, esquecera mágoas antigas. Abril, com as suas lufadas de ar fresco, trazia-me promessas perturbadoras. Os namoros belo-horizontinos teriam sido talvez apenas uma intermitência no amor a Priscila. O trem do norte apitava, espetando-me. (ANJOS, 2010, p.453)

Mas seus planos são interrompidos ao encontrá-la com outro<sup>31</sup> e, portanto, novamente o narrador parte em busca de encontrar uma garota para ficar consigo durante sua permanência em Santana:

---

<sup>31</sup> A seguir está o diálogo do narrador com Priscila, ao encontrá-la com outro:  
Fingi que não vira. Olhos arregalados, ela marchou para mim: — Uai, você chegou? E, muito à vontade, apresentou-me o namorado. Depois, com a costumeira versatilidade, foi dizendo: — Sabe, amanhã tem dancinha na casa de Rosângela. Você vai, não é? Respondi que talvez não fosse. — Vai, sim! - insistiu, mandona. Seu acompanhante, impaciente, esgaravatava frestas de calçada com a ponteira de bengala. Virei-me de chifre para os companheiros e propus-lhes uma volta ao longo da Cima. Tal brusquidão surpreendeu Priscila, que, entretanto, a revidou, de pronto, com um remoque: “Não precisa ir correndo. O largo não vai sair do lugar. Nem se afundar!”. Esse encontro deixou-me arrasado. Viera para vê-la, mais que tudo, e agora me aparecia com o bancariozinho a tiracolo! Iam por água abaixo os desígnios acarinhados na manhã daquele dia, quando o lastro rodava, cauteloso, sobre dormentes cobertos pelas enchentes. Não mais os foxes de corpo grudado, a gente mal podendo respirar. Nem as carícias, noite erma, à hora de deixá-la em casa, oi as sessões do Cine Renascença, minha mão agindo, medrosa,

Agora, de quem me valeria? De Amelinha, ela não tinha ciúmes. Em Rosângela não adiantava pensar: ficara noiva. Zezé Loiola, hum... Zezé Loiola, aquele azougue ... Não, melhor seria Naná. Muito melhor! Enfureceria Priscila. Menina chique, ex-aluna do Santa Maria, de Belo Horizonte, largando-te frases em francês e comendo de mão esquerda, no dorso do garfo... Pai invernista... Puxa, Naná me vinha sob medida. Ali mesmo, em torno do coreto, ao pé da herma do meu avô, tratei de abordá-la. Para contrabalançar a cara espinhenta, a magralice e a feiura, eu trazia no bolso sete preparatórios, brilhava nas colunas da Sentinela e, por cima disso, era filho do presidente da Câmara! Conversamos um pouco, o suficiente para engatar flerte. Naná estava disponível, sonhadora, querendo ouvir coisas menos triviais, e nisso, modéstia à parte, eu podia servi-la. (ANJOS, 2010, p.455-456)

No episódio, mesmo encontrando Naná para estar consigo no interior mineiro, é perceptível que seu olhar continuou a sondar Priscila. “Naná, uma nas-boléu álgida, nada feminil. Priscila, uma gata, uma felina, toda negaça e provocação. Botava os olhos, atraía, depois repelia, rosnando, exibindo os dentes. Tinha noção de quanto valia” (ANJOS, 2010, p.463-464). E ele a seguiu durante toda a noite, até conseguir uma dança com a amada:

Pelas tantas da madrugada, tendo ido Naná dançar com outro rapaz, que reclamava contra o monopólio por mim exercido, ela marchou, agressiva, em minha direção: - Não quis me dar a honra de uma dança, hem? Respondi, pronto, que o Armando não a deixara um só instante. - Ele já foi embora. Tem de entrar cedo no banco. Despachei-o. Agora, você não tem desculpa. (ANJOS, 2010, p.459-461)

Mas tendo cortejado Priscila por anos seguidos, o narrador foi surpreendido por ela e se viu sem reação: “Parou um instante [...] e perguntou-me, de chofre: - Você seria capaz de casar comigo? - Eu? Agorinha mesmo! - respondi, brincando, sem atentar na expressão grave do rosto. Não imaginei, nem podia imaginar, que ela me falava a sério” (ANJOS, 2010, p.460). O desfecho da história com Priscila foi concluído com a possibilidade do flerte constante se tornar algo mais sério:

De notável, mesmo, o que aconteceu, naqueles vinte e tantos dias de Santana, foi a pergunta à queima-roupa que Priscila me fez, e o esfriamento de nossas relações, produzido pelo tom da resposta. Ao aventurar a sondagem, teria sido talvez movida pela ideia de que, já possuindo eu um emprego, poderia casar-se comigo e ir viver em Belo Horizonte. Fantasia surpreendente em cabeça fria, raciocinadora como a sua. Metendo-se de permeio, o interesse

---

enquanto Adolphe Menjou, na tela, sorria, conivente, aguçando as pontas do bigode. Platônico seria eu com Olguinha, não com Priscila. Pelas alamedas do largo de Cima, represálias me foram acudindo. Precisava quanto antes arranjar garota, para não ficar sobrando na festa de Rosângela. Em 1924, no baile de ministro Sá, conseguira espezinhar Priscila, exibindo-me com Solange. (ANJOS, 2010, p.455)

lhe obliterava o senso prático, a objetividade. Doida por sair de Santana, ia-se agarrando a toda solução que entrevisse, e nesses lances não afastava as quimeras. O pai degradava-se dia a dia. (ANJOS, 2010, p.462)

O narrador não deu esperanças de permanecer futuramente com Priscila. “Como safar-se de lá, a não ser casada com alguém que morasse fora?” (ANJOS, 2010, p.462). Ele refletiu sobre os planos de Priscila naquela noite: “Aquela noite, na rua do Bispo, eu lhe caíra do céu, como instrumento ostensivo da providência. Seria a solução!” (ANJOS, 2010, p.463). Mas não tendo demonstrado interesse: “Nos dias que se seguiram, o ódio venceu o orgulho e ela mais encobriu o despeito. Rompeu hostilidade, riscou-me do mapa. Se lhe acontecia encontrar-me, virava o rosto para o lado” (ANJOS, 2010, p.463). E, por fim, o narrador assume que amava Priscila, assim como amava várias outras mais:

Eu queria reter Priscila, porém era cauto bastante para não lhe encorajar esperanças esponsalícias. Demais, não estava certo de amá-la. Sobre o amor físico ou o platônico, muito escrevi, e nada concluí, afinal, a meu respeito. Amava a muitas, e a cada uma de maneira distinta. (ANJOS, 2010, p.464)

Ao encerrar suas aproximações junto à Priscila, o narrador segue em busca de outras moças: “Para agravar a melancolia daqueles dias, conheci, como o travo, já, da iminente separação, a maravilhosa Débora, jovem professora do círculo da prima Helena” (ANJOS, 2010, p.470). Ainda recorrendo ao discurso sobre o amor proferido por Aristófanes, em *O Banquete*, ele argumentava que todos têm uma parte que ainda irão encontrar, dessa forma, o amor seria dois em um, pois representaria o reestabelecimento de uma parte que lhe foi separada, assim como nos andróginos. Dado o exposto, até o finalizar de *A menina do sobrado* e, também, até o finalizar deste capítulo, existem vários trechos que exemplificam esse longo trajeto do narrador para encontrar a parte que lhe falta, até se tornar apenas um com sua elegida.

Por conseguinte, o episódio embaraçoso com Priscila não paralisou o narrador frente à sua busca, Débora é quem finalizou os dias do narrador em Santana:

As moças não me retribuíam a morada gulosa que eu lhes lançava. Relanceando à vista em mim, logo a afastavam, desestimuladas por aquela cara coniforme, de filhote de passarinho, inçada de espinhas graúdas, miúdas, vermelhas, amarelas, roxas, nascentes, extintas. Para chamar a atenção dessas inexoráveis criaturas que não transigiram com a fealdade eu tinha de brilhar, tinha de surpreendê-las com um dito agudo, um paradoxo, uma réplica inesperada. (ANJOS, 2010, p.470)

Em *O Banquete*, o próximo filósofo a falar sobre o amor é Agatão. Para ele, o amor está nas almas dos homens, mas só permanece nas que tenham costumes delicados e é ausente daquelas que são rudes:

O amor é delicado. Com efeito, ele não caminha sobre a terra ou sobre cabeças, que nem são absolutamente macias, mas anda e faz sua morada nas coisas mais macias que existem. Assim, nos costumes e nas almas de deuses e homens ele estabeleceu sua casa. E nem o fez em todas as almas que se apresentam para tal, pois se afasta de qualquer uma que revele um costume rude e inflexível. (PLATÃO, 2017, p.55-56)

Agatão também afirmou que “tudo o que é bom passou a existir para os deuses e para os homens a partir do amor das belas coisas” (PLATÃO, 2017, p.58). Consoante ao discurso de Agatão, o narrador de *A menina do sobrado* se mostra sempre delicado ao tratar do amor, apesar de perambular entre várias jovens por um período, ele nunca se mostra rude com nenhuma delas. Além disso, assim como Agatão, o narrador parece acreditar que o amor é capaz de trazer o bem e por isso se daria sua perseguição incessante por ele. O trecho a seguir, demonstra a delicadeza e preocupação do narrador que, enquanto esteve em Santana, se dedicou a conquistar Débora: “E, informado, pela prima, de que Débora gostava de modinhas, até cantei modinhas, embora com algum vexame. Era um seresteiro escasso de dons e não muito convicto - já se sabe” (ANJOS, 2010, p.471). Ele segue relatando um dos momentos que vivenciou com a moça:

Ela se debruçou sobre o meu braço. A pressão dos seios e morno perfume que deles se desprendia me deixaram sem voz, todo trêmulo.  
— Não lhe disse? - gaguejei, afinal, com esforço. — Olhe ali uma estrela.  
Ainda debruçada, virou-se para mim, provocante:  
— Garanto que você não está vendo estrela nenhuma! (ANJOS, 2010, p.471)

E, ao retornar para BH, se mostra arrependido de não ter coragem de concretizar um beijo com Débora:

E aquele busto apertando-se o meu antebraço? Uma besta é o que eu era. Não arriscar nem um beijo! Débora, Débora, Débora, arquejava a locomotiva, ganhando os altos do tabuleiro e atirando fumaça em meus olhos doridos. Nas intermitências da mágoa de amor, eu entregava-me a outras macerações: pensar e repensar na perda do emprego e na pouca possibilidade de conseguir outro. Será quimérico esperar mesada de papai. As coisas não iam nada boas para ele. (ANJOS, 2010, p.472)

Em Santana as preocupações financeiras da família persistiam: “Dinheiro estava faltando para custear a fábrica. Papai falava em vender a Porteirinha... Coitado! - suspirou - o que o mantinha de ânimo alto eram os trilhos chegando a Santana e os

preparativos para a recepção do ministro” (ANJOS, 2010, p.474). A curiosidade sobre como estaria Priscila surgiu. “A expectativa de ver os amigos e saber novidades logo pela manhã me levantou o moral. E esqueci Leocádio, ganhei ânimo, já não pensava em Débora, começava a pensar em Priscila. Continuará com o Armando, a bandida?” (ANJOS, 2010, p.474)<sup>32</sup>. E, em mais um regresso à Santana, descobriu que Priscila estava comprometida. Nas próximas idas à cidade no interior ele se questionava: “Morreu? É viva? Tem filhos, tem netos? Em que cidade mora? Nunca pude apurar. E prefiro não vê-la com as marcas da velhice. A minha bela Simonetta!” (ANJOS, 2010, p.477). Enquanto moça muito lhe interessava, mas com as marcas da velhice não desejava vê-la, o que realça ainda mais sua predileção pela juventude. O narrador relata que a paixão foi esquecida com facilidade: “É que, mergulhando na memória, não encontrei no episódio efeitos de paixão, despeito ou desejo. Naquela quadra, em vinte e quatro horas, eu, com alguma cerveja, enterrava uma paixão e saía para outra” (ANJOS, 2010, p.478-479). E volta seus olhares para Olguinha:

O que me preocupou foi ter verificado que Olguinha, a quem eu voltara a cortejar, estava abrindo as asas, indo a bailes do Automóvel Clube, sociedade aristocrática que sucedera ao antigo Clube Central e a que eu, um pária, não tinha acesso. No mais, continuei a frequentar a porta de Odeon, a escrever crônicas para a Sentinela e a esperar o impossível. (ANJOS, 2010, p.483-484)

A busca incessante pelas moças também perpassa por Osetta: “Osetta não tinha a beleza rafaelesca de Olguinha nem prometeria o amor sonhado, que era enlevo, doçura, quietude. Pelos modos, antes me ofertaria incertezas, desassossego, agruras. Outra Priscila?” (ANJOS, 2010, p.522). Apesar de declarar que gosta de “qualquer” figura feminina, as mais arreadas e difíceis/populares eram as que mais chamavam a atenção do narrador.

---

<sup>32</sup> No trecho a seguir está a resposta para o questionamento do narrador:

Na rua, encontrando Amelinha Rezende, que ia para o dentista, a resposta veio, sem ser pedida: ia ficar noiva e só não pusera, ainda, aliança no dedo, porque não queria noivado longo. No banco, haviam prometido ao Armando remoção para o sul de Minas até o fim do ano. Noivaria só um mês, casaria e raspava-se de Santana. A certa altura, consegui ficar a sós, numa janela, com Amelinha, que dava, já, sinais de inquietação. Cochichou-me: — Queria lhe pedir uma coisa, posso? — Claro que pode... — Não atrapalhe a vida de Priscila... — Eu, atrapalhar a vida de Priscila? Como? — Vai mesmo casar com Armando. Mas, você estando aqui, as coisas podem mudar de rumo. — Não creia nisso, ela gosta dele. — Pois sim! Jura que não conta a ninguém o que eu vou dizer? Jura mesmo? Ela gosta é de você. Mas precisa casar, ir embora, e você não quer saber de casamento. — Priscila gosta de mim? Duvido. Ela disse isso? — Ela? É mais fácil ela morrer do que fazer uma confissão dessas. Mas eu sei... Olhe, ela até guarda os seus artigos da Sentinela... (ANJOS, 2010, p.475-476)

Eu não me firmara num arquétipo feminino. [...] Indiviso, queria a todas. Angélicas, ofídicas, afáveis, desdenhosas, mansas, ariscas, tímidas, espevitadas, longilíneas, brevilíneas, morenas, louras. E azuis, amarelas, roxas. Don Juan veleidoso, o mais das vezes rechaçado, não esmorecia na caça ao belo. [...] Osetta pulou no meu coração sob a forma de um diabinho vermelho, de orelhas pontudas, cauda, cornos, que dançava e cantava sem parar. (ANJOS, 2010, p.522-523)

O narrador nutria ciúmes quando encontrava as moças com outros rapazes e investigava fatos sobre a vida deles. “Nem sim, nem não. De novo, Olguinha Luzira, matutina, vespertina” (ANJOS, 2010, p.531). Quando Olguinha já se encontrava com outro, ele relatou: “Dizia-se que era rico; as madamas casamenteiras o tinham por partidão. Isso nada significava para Olguinha, eu sabia” (ANJOS, 2010, p.531). O narrador chegou a pensar que Olguinha poderia ser a sua escolhida para passarem uma vida juntos:

Às vezes imaginava que, amando Olguinha, eu amava apenas o amor, ou amava-me a amar. Tão frágeis raízes tinha aquele sentimento, que, nos bailes em casa de Ismênia, se dissipava ao aceno de qualquer garota, quando não sucumbia de todo a novo encontro com Priscila, como sucedeu na rua do Bispo, ao voltar eu a Santana, pelas férias da Oeste. Sentimento bastante indeciso, que, se me assalta de novo, no meu regresso de Santana, logo se esvai, com a alucinação por Débora. E, se, em seguida, renasce e cresce, quando ela, Olguinha, estava sendo cortejada pelo engenheiro, não tarda a apagar-se no baile do Palestra Itália, tendo eu Osetta nos meus braços. (ANJOS, 2010, p.534)

E, novamente, em se tratando de Olguinha, o narrador parece se recuperar rapidamente de mais uma paixão que não durou: “Na Seção do Café havia entrado uma datilógrafa, a ebúrnea Cléo. Rainha morta, rainha posta” (ANJOS, 2010, p.538). Sobre o amor, ele volta a refletir:

Amores efêmeros, sazonais, ainda acometeram o maltratado Don Juan, antes que recebesse voz de prisão na famosa viagem a Santana. Cléo, a ebúrnea. Paixão de maio — vejam só —, maio, mês mariano, que só devia suscitar cânticos celestiais, castos sentimentos, enuncia afecções desordenadas ou tempestades de concupiscência. (ANJOS, 2010, p.554)

A datilógrafa passa a ter a atenção do narrador voltada para si:

Vê-la e amá-la foi obra de um momento, para o debilitado menestrel que apenas convalescia do rompimento com Olguinha. Viera substituir a outra datilógrafa, que se afastara para casar. Desde esse dia, não mais pude ter mão de mim. A todo instante, a pretexto de levar-lhe um bombom, um livro, ou emendar um texto, eu me acercava de sua mesinha e ferrava compridas conversas. (ANJOS, 2010, p.554)

O narrador chega a pedir ao seu chefe uma possibilidade de estar mais próximo da moça: “Pedi ao chefe permissão para transferir-me à sala contígua. De lá ouviria a batida da máquina, mas preservaria os olhos da tentação da saiazinha, do decote, dos alvos braços, da soberba nuca” (ANJOS, 2010, p.556). Mas a história com a datilógrafa termina quando ela é transferida no trabalho.

Porém, outra vez, uma nova figura feminina surge aos olhos do narrador: “sobre a sala do consultor jurídico, vizinha da nossa, desceu um anjo que, por coincidência, se chamava Ângela, e que podia entrar diretamente num retábulo de Correggio” (ANJOS, 2010, p.557). E, como fez com as anteriores, o narrador trata de logo investigar e se inteirar sobre a vida de Ângela: “O namorado de muitos anos, formando-se em medicina, deixara Belo Horizonte e fora clinicar no sertão. As cartas começaram a rarear. De súbito, o golpe: ia casar-se com outra. A bela, a casta Ângela, tomou-me por confidente” (ANJOS, 2010, p.558). O narrador, então, começou um romance com Ângela: “Íamos ao footing da praça, ao sorvete do Trianon, às danças de casa de família, ao cinema, a irmã menor ao lado. Eu adorava os seus olhos cor de mel e o outro desmaiado dos seus cabelos. Não seria apenas flerte, mas não chegava a ser amor” (ANJOS, 2010, p.558). Mas a donzela não conseguiu esquecer o ex-namorado, e a relação não deu certo: “Julgava-se desonesta estimulando em mim sentimentos a que não poderia corresponder. Pobre Ângela, alma sem dolo, incapaz de fraudes: o embusteiro era eu, não ela!” (ANJOS, 2010, p.559). Confessa o narrador ser, ele próprio, quem tinha o costume de não se apegar verdadeiramente e fielmente a uma só pessoa amada.

O sexto e penúltimo discurso de *O Banquete*, e o último a ser tratado aqui<sup>33</sup>, é proferido por Sócrates. A princípio, Sócrates dialoga com Agatão sobre a noção de desejo. O filósofo afirma que “quem deseja, deseja o que lhe falta, e que não há nenhum desejo da parte de quem não tem carência de nada” (PLATÃO, 2017, p.62) e complementa que qualquer um que sente desejo, “deseja o que não está em sua posse ou não está presente, de forma que o que não tem, o que ele mesmo não é e aquilo de que tem carência são as espécies de coisas que serão objeto de amor e desejo” (PLATÃO, 2017, p.63). Estabelecendo uma relação entre as afirmações iniciais de Sócrates e a

---

<sup>33</sup> O último discurso de *O Banquete* é o de Alcibíades, porém, foi decidido não o utilizar no capítulo visto que seu discurso foge do padrão dos demais filósofos, pois ele não trata do amor, especificamente, e sim de Sócrates.

narração de *A menina do sobrado*, é possível inferir o narrador empreendia sua procura pelo amor em busca do que lhe faltava naquele momento em Belo Horizonte. Tendo conquistado sua permanência na capital, estudando e buscando por emprego, só lhe faltava uma mulher que fosse “sua” para que a sensação de completude fosse concretizada.

Nos capítulos finais da obra, o narrador demonstra esperança em encontrar um amor verdadeiro para si: “A esperada viria, e em menos tempo do que eu imaginava. Viria a Santana e, com tudo o que me sucede de importante na vida, de imprevisto, de pancada. Parece que, procurando-as nós, as coisas não nos vêm” (ANJOS, 2010, p.559). Ele confessa sua necessidade interior de estar com alguém:

Osetta, Olguinha, Cléo, Ângela, tudo acontecera de enfiada, atordoando-me. Priscila a sensação de estar solto no mundo, aquela grande carência de um afeto firme, que me fizera precipitar o fim do namoro com Olguinha. Mais premente do que nunca era a necessidade de lançar uma âncora, prender-me a alguém. Mas eu passara a temer experiências, a preservar-me de frustrações. (ANJOS, 2010, p.560)

E durante uma de suas viagens para Santana, o narrador se depara com mais uma donzela, que ao acaso viera se tornar a sua “menina do sobrado”: “Em viagem a Santana, encontrei, no trem, a menina do sobrado. A menina do sobrado... Agora, mocinha. Dezesete anos, parecia ter catorze” (ANJOS, 2010, p.568).

Ainda recorrendo à Sócrates, seu discurso sobre o amor também é construído a partir de outro diálogo, que ele tivera com uma mulher chamada Diótima: “Ela era sábia neste e em muitos outros assuntos” (PLATÃO, 2017, p.65). Nessa parte, se pautando em Diótima, ele argumenta que “em geral, para todo indivíduo, todo o desejo por coisas boas e por ser feliz é o ‘grandioso e traiçoeiro amor’” (PLATÃO, 2017, p.72) e que “o amor é o desejo de ter o bem consigo para sempre” (PLATÃO, 2017, p.73). O discurso final de Sócrates coroa todos os outros discursos, mas não significa que sua fala seja a melhor ou a mais verdadeira, mas, talvez, seja a escolhida por Platão para realçar que o amor se refere só à necessidade da sexualidade física, por exemplo, mas está diretamente relacionado ao desejo, um desejo específico por aquilo que não se tem. Em *A menina do sobrado*, encontramos esse juízo de amor bem evidenciado, em que a impossibilidade da concretização do desejo de estar junto ao amor desperta no narrador fortes anseios e uma incansável busca. Prova disso, é seu alívio ao acreditar ter encontrado, enfim, sua desejada noiva:

“É a noiva!” — pensei, maravilhado. — “Essa aí não me escapa!” Cansado de andar atrás de moças, doido para casar, sentia-me esponsalício como uma laranjeira carregada de flores. Os Don Juans se fatigam. Mormente os malsucedidos, que se fadigam cedo. Como poderia sustentar família, eu sabia. Mas queria casa, mulher. Marchei para a menina do sobrado e, não havendo o seu lado assento vago, fiquei mesmo de pé, a conversar com ela, sem me incomodar com o desconforto que causava à vizinhança. (ANJOS, 2010, p.568-569)

Ele declara sua exaustão na busca por uma amada, após tantos encontros, desencontros e desilusões. E ao avistar a menina na viagem de trem, se aproxima com cuidado: “Além da cautela, outra razão podia adivinhar-se: o feio não se impõe facilmente. Moças gostam de rapazes bonitos. Não digo que a feiura não as conquiste, mas conquista-as devagar, espera que se acostumem com ela” (ANJOS, 2010, p.569). Dessa forma, é perceptível uma coragem e investida a mais ao se tratar desta donzela em questão. O narrador se lembrava da menina quando mais nova e iniciou a conversa com um elogio: “Contei-lhe que me lembrava dela, e muito, na ingrata fase dos oito, dez anos, e não esperava que viesse a ficar tão bonita” (ANJOS, 2010, p.569). Ele também declarou: “me apaixonara por ela, no tempo em que eu vivia em Santana, desde o dia em que vi, meninota, à sacada do sobrado. Adorava moças de sobrado” (ANJOS, 2010, p.569). E detalhou que: “tinha mania de sobrados. Talvez porque a casa do meu pai tivesse apenas um modesto sótão, a que, para consolar-me, eu chamava de sobradinho” (ANJOS, 2010, p.569).

O namoro com essa moça deu certo e “já na condição de namorado oficial, escoltei-a por toda parte, durante a temporada em Santana. E lá voltei dois meses depois, para ficar noivo” (ANJOS, 2010, p.570). O narrador confessa: “Eu só queria amor, era noivo, apenas noivo, totalmente noivo, da cabeça aos pés” (ANJOS, 2010, p.570). E parece encontrar em sua menina do sobrado, o amor tão sonhado:

“É o amor, marechal!” Parecia que os amores todos, de Risoleta a Priscila, de Olguinha a Débora, Osetta, Cléo, Ângela, todos, os reais e os de mentira, os brandos e os lacerantes, os que pediam a vida e os que traziam anelos de morte, haviam-se confundido e amalgamado, para se transsubstanciar num só é único amor, alma e corpo, adoração e desejo, fantasia e ternura, e o infinito mais, que o amor total contém. (ANJOS, 2010, p.571)

Ele relata apaixonado:

Desde então, não fui uma só pessoa, mas duas pessoas numa só, eu e ela. Como uma das bandas morasse em Santana, e a outra em Belo Horizonte, vivi esticado no espaço, uma perna lá, outra cá, unidas ao tronco pelo trenzinho fumarento, devorador de tabuleiros. Vinte e quatro horas de solavancos, pó e fumaça me separavam do meu soberano bem; vezes sem conta as enfrentei, para, ainda que só por vinte e quatro horas, tê-la nos meus braços. (ANJOS, 2010, p.571)

O retorno à Santana se tornou mais frequente e agradável na busca pela companhia de sua amada e, nos dias que estava ausente, escrevia cartas para se manter presente em Santana: “cartas de dez, doze páginas, e queria-as de pronto respondidas [...], só para me reafirmarem o seu amor, só para testemunharem que ela não podia viver sem mim, e de mim se lembrava todo dia, a toda hora, a todo instante” (ANJOS, 2010, p.572). Na sequência, ele relata que logo veio o casamento, colocando fim à sua busca frequente pelas figuras femininas que encontrava em seu caminho: “a menina do sobrado pôs termo à carreira do malsucedido Don Juan. Veio, em seguida, o casamento, veio o birô, vieram os filhos, houve passagem pela administração e pela política” (ANJOS, 2010, p.589). Sobre o narrador, Reinaldo Marques afirma que ao encontrar a menina do sobrado: “suas desventuras amorosas e a inquietação sexual se amainam. No plano privado, o casamento se constitui em poderosa instância de normalização da vida do jovem intelectual” (MARQUES, 2006, p.103).

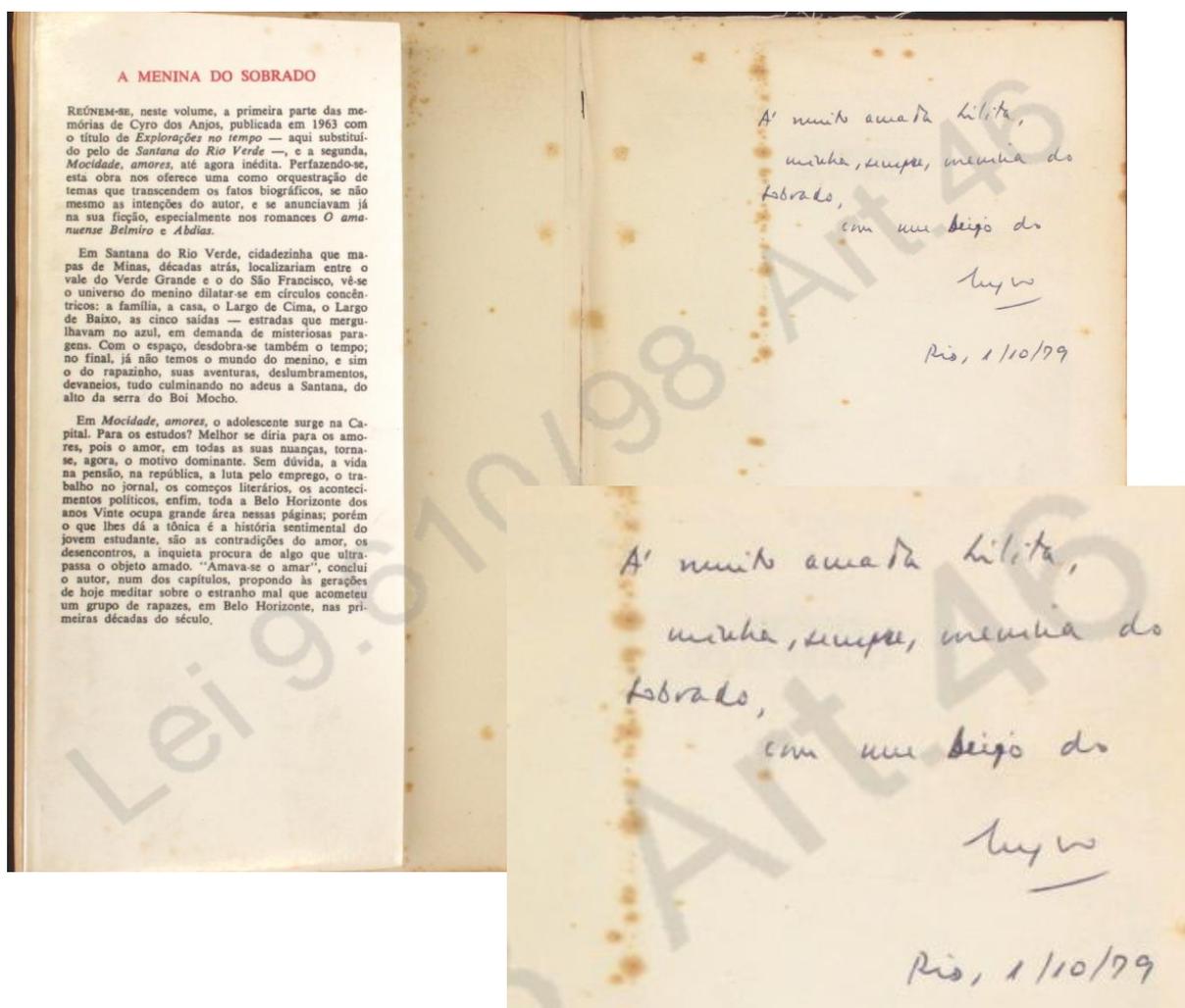
E termina a escrita de suas memórias refletindo sobre se deve continuar na criação literária, ou aposentar a pena e se portar apenas como leitor. Finaliza seus relatos reafirmando que a “menina do sobrado” continua ali, a escolhida/enamorada de sua vida:

Penso: não seria melhor atirar a pena pela janela, tornar-me puro leitor, sopitar esse vão desejo de transladar ao papel a minha vã experiência? Já não consulto o feto espelho, e sim ao meu filósofo de Várzea Alegre, de quem falei noutras páginas. Propõe-me, sabiamente, que vá ficando por aqui. Escrevo. A menina do sobrado tece o seu intérmino tapete. Envelheci. Ela continua com dezessete anos, enamorada da vida. (ANJOS, 2010, p.589-590)

Assim, os discursos presentes no livro *O banquete*, de Platão, contribuíram para a análise dos trechos que se referem ao amor nessa pesquisa. Fedro ajudou com a definição de que o amor torna virtuoso quem ama e o faz resistir aos sofrimentos. Pausânias mostrou dois tipos de amor: o amor popular e o amor celestial, que se fazem presentes em momentos distintos da obra estudada aqui em questão. Erixímaco ressaltando que o amor é um deus presente em todo universo. Aristófanes com o mito dos andróginos mostrando o desejo por outra pessoa, por sua metade. Agatão com sua

definição de que o belo é o próprio amor. E Sócrates com suas afirmações de que o amor é uma constante busca pelo que falta ao indivíduo.

Considerando os discursos a respeito do amor presente no *Banquete*, é possível constatar que o amor em *A menina do sobrado* é representado, principalmente, pela falta que o narrador sente em relação a ter sua amada. O narrador deseja ser feliz acompanhado de uma figura feminina que, em sua visão, traria à sua vida uma completude almejada. Entretanto, ainda é possível inferir que o narrador buscava nas moças que sondava e, por fim, na “menina do sobrado”, aquilo que lhe faltava, também, socialmente, assim, ele ama não só as donzelas e a escolhida final, mas também aquilo que representam: beleza, juventude, liberdade, segurança matrimonial, status, completude, companhia.



**Figura 8:** Contracapa de um exemplar de *A menina do sobrado* com dedicatória de Cyro dos Anjos para sua esposa Lilita, a “menina do sobrado”.<sup>34</sup>

<sup>34</sup> Material obtido em visita ao Acervo de Escritores Mineiros, na UFMG.

## **CAPÍTULO III**

### **3.1 VESTÍGIOS CONCRETOS: ARQUIVO LITERÁRIO DE CYRO DOS ANJOS**

*Arquivar a própria vida, é simbolicamente preparar o próprio processo: reunir as peças necessárias para a própria defesa, organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós. Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens.*

(ARTIÈRES, 1998, p.31)

A preservação de arquivos de escritores é de grande relevância para estudiosos literários. Em janeiro de 2020, foi realizada uma visita ao Acervo de Escritores Mineiros (AEM) da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Um espaço de exposição e pesquisa que abriga acervos e coleções de livros, documentos e objetos de escritores, artistas e personagens de destaque na história literária e cultural de Minas Gerais e do Brasil.

A sala dedicada aos arquivos de Cyro dos Anjos tem uma perspectiva museográfica e cenográfica que recria o ambiente de trabalho do escritor. Nessa sala, encontram-se exemplares raros, manuscritos de textos publicados e inéditos, periódicos, fotografias, obras de arte, cartas, mobiliário e objetos pessoais do escritor mineiro. Todo esse arquivo foi doado à UFMG pelos seus familiares e herdeiros. Promovendo a passagem da memória individual à memória coletiva, a instituição tem o objetivo de resgatar, preservar e reelaborar o patrimônio literário e cultural – esforço contínuo de gerações de pesquisadores na busca por novas possibilidades de reflexão e construção de conhecimento.



**Figura 9:** Escritório de Cyro dos Anjos montado no Arquivo de Escritores Mineiros.<sup>35</sup>

---

<sup>35</sup> Material obtido em visita ao Acervo de Escritores Mineiros, na UFMG.

O professor Reinaldo Marques escreveu um livro intitulado *Arquivos literários: teorias, histórias, desafios* onde discorre sobre a importância do acervo literário, após anos trabalhando de forma direta com o Acervo de Escritores Mineiros da UFMG. Classificação, organização, restauração e disponibilização de diferentes tipos de arquivos de escritores mineiros foi atividade vivenciada pelo professor, quando diretor do Centro de Estudos Literários e Culturais da Faculdade de Letras da UFMG. Sobre os arquivos, ele ressalta:

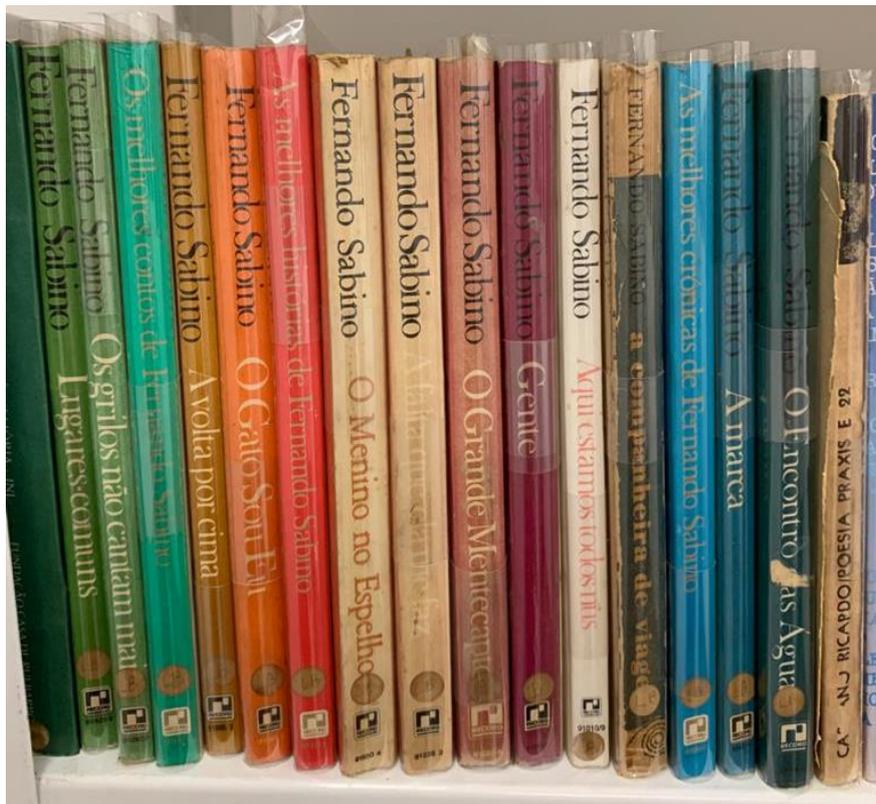
Os arquivos literários constituem mediações importantes para o desenvolvimento de pesquisas com as fontes primárias e documentais da literatura, contribuindo para o surgimento de novas abordagens críticas - a exemplo da crítica genética -, a revitalização de antigos discursos críticos, como nos casos da crítica biográfica e da história da literatura, e o incremento de uma metodologia transdisciplinar de pesquisa no âmbito dos estudos literários. (MARQUES, 2015, p.30)

A busca pelos arquivos literários do escritor Cyro dos Anjos se tornou uma etapa indispensável, ao meu ver, para o andamento da presente pesquisa. Principalmente no que se refere às correspondências do escritor, já que com elas é possível identificar prováveis referências de outros autores contemporâneos de Cyro dos Anjos. E também, em relação à sua biblioteca, para observar as predileções de leituras do escritor enquanto grande leitor.

A princípio, uma grande coleção de livros do autor já é notada ao chegar em seu acervo. Várias prateleiras, com diversos títulos, já realçam seu gosto e afinco pela leitura. Haviam não só vários exemplares distintos, como também exemplares de um mesmo volume em edições diferentes, bem como agrupamentos de coleções de livros de alguns autores específicos. A seguir, seguem duas imagens da coleção do autor, uma delas mostra alguns exemplares que ele possuía do escritor Fernando Sabino.



**Figura 10:** Parte da coleção de livros de Cyro dos Anjos.<sup>36</sup>



**Figura 11:** Parte da coleção de livros de Cyro dos Anjos, obras de Fernando Sabino.<sup>37</sup>

<sup>36</sup> Material obtido em visita ao Acervo de Escritores Mineiros, na UFMG.

<sup>37</sup> Material obtido em visita ao Acervo de Escritores Mineiros, na UFMG.

Outro material visto com destaque no acervo é o traje que o autor montes-clarense utilizou na posse de sua cadeira na Academia Brasileira de Letras. A conservação impecável da veste pode dizer muito sobre o escritor que, provavelmente, ao arquivar a peça com zelo, pode ter visado que os pósteros pudessem identificar e apreciar o lugar de prestígio a que ele ocupou no campo literário. Dessa forma, mesmo que se mostrando com determinada modéstia frente às suas produções, pode-se inferir que haveria também, no íntimo de Cyro dos Anjos, orgulho e satisfação perante suas publicações e à imagem que ele conseguiu alcançar no universo das Letras.



**Figura 12:** Traje usado por Cyro dos Anjos na posse de sua cadeira na Academia Brasileira de Letras.<sup>38</sup>

**Figura 13:** Registro da visita ao Acervo de Escritores Mineiros.

Sobre os arquivos dos escritores, Reinaldo Marques define:

Ao longo de sua vida e atividade profissional, um escritor vai montando sua biblioteca, reunindo documentos de ordem pessoal [...] e ligados ao seu trabalho criativo - cadernos de notas, rascunhos manuscritos e/ou datiloscritos de seus textos, cartas com outros escritores, editores, críticos e leitores -, formando coleções de objetos pessoais e de obras de arte. Assim, com a noção de "arquivo do escritor" pretendo designar um arquivo cuja localização se dá essencialmente no âmbito do privado, de uma economia doméstica e cujos fundos documentais são reunidos segundo critérios e interesses particulares de seu titular. (MARQUES, 2015, p.33)

---

<sup>38</sup> Material obtido em visita ao Acervo de Escritores Mineiros, na UFMG.

Ao ser transferido para um novo espaço, os arquivos literários dos escritores são rearranjados, manipulados e organizados por bibliotecários, arquivistas, pesquisadores, entre outros; passam a ser e, ao mesmo tempo, a não ser mais arquivos pessoais do escritor. De acordo com Reinaldo Marques, “assiste-se, portanto, a uma passagem institucional do privado ao público, em que um arquivo pessoal é depositado noutra endereço e lugar, confiado aos cuidados de outrem e posto em reserva” (MARQUES, 2015, p.35). Pensando nisso, o espaço reservado aos arquivos de Cyro dos Anjos foi observado conforme orientação dada por Marques, ainda no livro “*Arquivos literários*”, em que ele afirma que os pesquisadores do arquivo literário não devem fixar sua “atenção exclusivamente nos conteúdos e nas informações preservadas no arquivo, nos procedimentos de textualização dos documentos [...]. É preciso considerar com zelo o processo mesmo do arquivar” (MARQUES, 2015, p. 36).

Sobre a prática de o indivíduo manter os seus arquivos pessoais, Reinaldo Marques salienta:

Por se tratar de uma prática interessada, que se dá de maneiras múltiplas e de forma incessante ao longo da vida, o arquivamento do eu permite ao indivíduo construir uma imagem de si mais próxima da forma como ele se vê, ou de como gostaria de ser visto, contrapondo à sua imagem social uma imagem mais íntima e verdadeira de si mesmo. Por construir sucessivos e variados tipos de arquivo pessoal ao longo do tempo e valendo-se de diferentes suportes e técnicas, em função de determinadas demandas e situações, do tipo de destinatário, no seu espaço privado o indivíduo tem a possibilidade de estar sempre remontando seus papéis, operando novas seleções, recortes, incluindo uns e excluindo outros, reelaborando a imagem de si. (MARQUES, 2015, p.59)

Cyro dos Anjos, em observação às suas cartas, se mostrou bastante preocupado com a crítica que posteriormente poderia vir a ter com a leitura de arquivos guardados. Ele chega a escrever para Carlos Drummond de Andrade algumas vezes corrigindo erros de cartas enviadas e até deixando claro que a correção se dá para evitar constrangimentos com futuros leitores. Reinaldo Marques apresenta um exemplo que ilustra uma dessas situações de correção ortográfica, um trecho de uma carta de Abgar Renault para Carlos Drummond de Andrade, em 1970: “Hoje escrevo-lhe para mandar-lhe um recorte, chamar a sua atenção para um erro tipográfico na página 223 de *Poesia até agora*, onde apareceu *pose* por *posse*” (MARQUES, 2015, p.63). O estudioso verifica que:

O conteúdo da carta de Abgar revela o apreço pela correção linguística, o cuidado com a aparência da obra literária do amigo e compadre no espaço público; salienta modos de apropriação dos poemas de Drummond e sua exposição nas ruas. Zelo que se detecta em relação à sua própria obra: muitos dos poemas de Abgar colados em seus álbuns apresentam marcas de revisão, correção de gralhas tipográficas. Como professor de língua e literatura inglesas, Abgar demonstra uma sensibilidade aguçada para os usos e costumes linguísticos de seu tempo, para os desvios de norma gramatical, compartilhando de uma concepção bastante conservadora de língua, como se pode ver nas cartas em que discute com Drummond as reformas ortográficas, recusando-as. (MARQUES, 2015, p.63)

Semelhante a Abgar, Cyro dos Anjos também tinha uma grande preocupação com fatores linguísticos. Como podemos verificar em uma carta do romancista para Drummond, de Brasília em 4 de março de 1969, em que o mesmo se preocupa com um pequeno detalhe de correção referente a uma carta enviada anteriormente:

Meu caro Carlos, ao guardar a cópia da carta que lhe enviei a 25, vi que, por distração, a datilógrafa escreveu avidez, em vez de aridez, e pôs um g, no lugar do j, de engajar. Não por mim, mas pelo destinatário, é de presumir que a carta, se guardada, venha a ser lida por futuros biógrafos. Achar-se-ia descabida, no texto, a palavra avidez. E o infeliz g conduziria a um mau juízo acerca dos acontecimentos etimológicos e ortográficos deste velho escriba. Assim, com vista aos pósteros, peço fazer no original as competentes correções... (MIRANDA; SAID, 2012, p.279)

No trecho nota-se sua preocupação com erros ortográficos e, também, sua preocupação com os “pósteros”, evidenciando que o arquivo já era, em vida, pensado e considerado. Sobre sua escrita impecável, em uma entrevista concedida a Homero Senna, Cyro dos Anjos confirmou a cautela que sempre teve em seus textos: “Naturalmente, esforço-me por escrever com propriedade. [...] Certos erros são tão grosseiros que ofendem os bons costumes. Evito, assim, quanto possível, as incorreções de linguagem, até por uma questão de estética” (ANJOS *apud* SENNA, 1996, p.1).

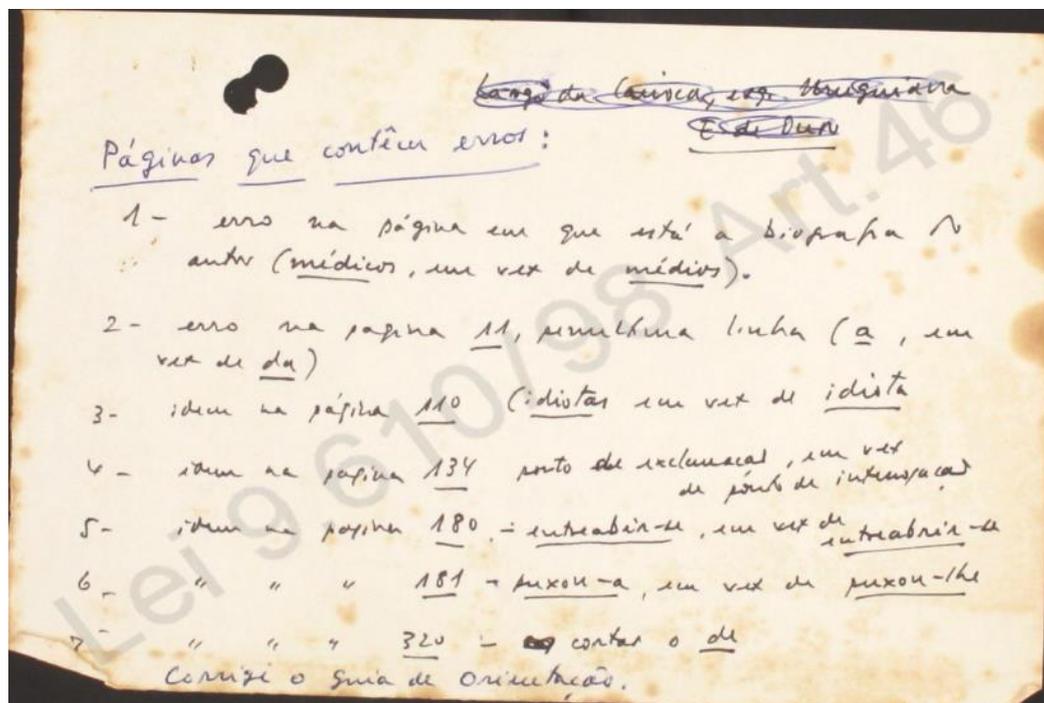
É preciso destacar que ao reunir o arquivo pessoal, os escritores parecem selecionar e moldar com cuidado o que desejam que fique à disposição de olhares futuros.

Na montagem de seu arquivo pessoal, os escritores mostram-se bastante conscientes das implicações que isso acarreta para sua imagem pública. Tanto que recorrem a variadas práticas de arquivamento de si. Além de arquivar papéis e documentos de trabalho em pastas, gavetas ou armários, montar álbuns de fotografia, também se valem de formas mais sofisticadas de arquivamento de si: a prática da correspondência, a escrita de autobiografias e de memórias. Para tanto, realizam diversas operações intelectuais e manuais: analisar, selecionar, fazer triagem, manipular, omitir, sublinhar, rasurar, riscar, recortar etc. (MARQUES, 2015, p.59-60)

No arquivo de Cyro dos Anjos constam inúmeras correspondências, e, além disso, rascunhos sobre seus livros de memórias: *Explorações do tempo* e *A menina do sobrado*.

Juntamente com seus livros, os escritores costumam guardar ao longo do tempo materiais diversos - cadernos de notas, rascunhos, originais de seus livros, recortes de jornais e revistas, cartas, fotografias, documentos pessoais, contratos com editoras, coleções de objetos e obras de arte. E o fazem seja em razão de um projeto de escrita de novo livro, seja por desempenhar uma função pública, seja ainda por mero hobby - o prazer lúdico de colecionar: chaveiros, cartões postais, obras variadas de artesanato. (MARQUES, 2015, p.60)

No caso do escritor mineiro, além dos livros, correspondências e recortes, também foram encontrados rascunhos de prováveis momentos de estudo do escritor. Como pedaços de papel com listas de palavras e seus significados ou traduções, trechos de leituras com comentários e interpretações. Além de alguns objetos de sua mesa de escritório, como uma coruja, pequenos bibelôs e um porta-retrato com a foto de sua esposa. A seguir, estão algumas imagens que evidenciam esses registros encontrados.



**Figura 14:** Anotações de Cyro dos Anjos, quanto à erros encontrados durante alguma leitura.<sup>39</sup>

<sup>39</sup> Material obtido em visita ao Acervo de Escritores Mineiros, na UFMG.



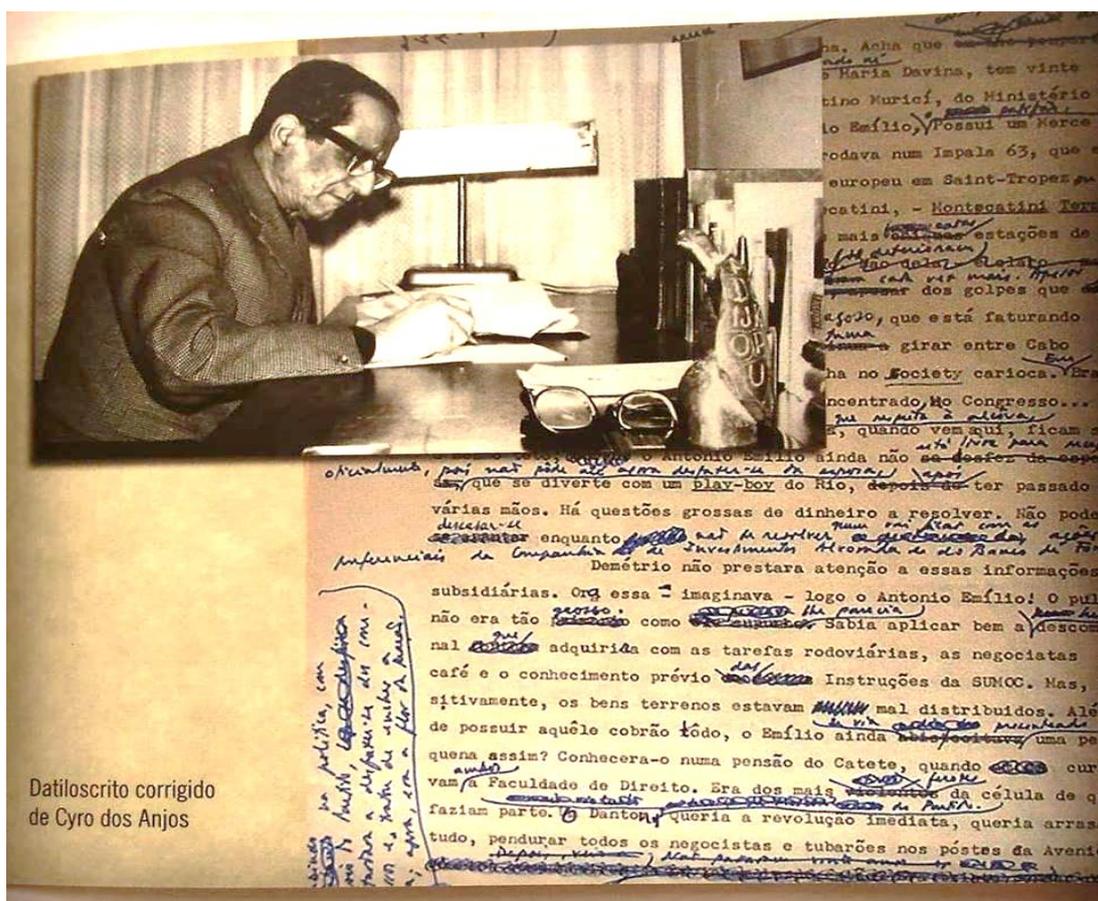


Figura 16: Correções em datiloscrito feitas por Cyro dos Anjos.<sup>41</sup>

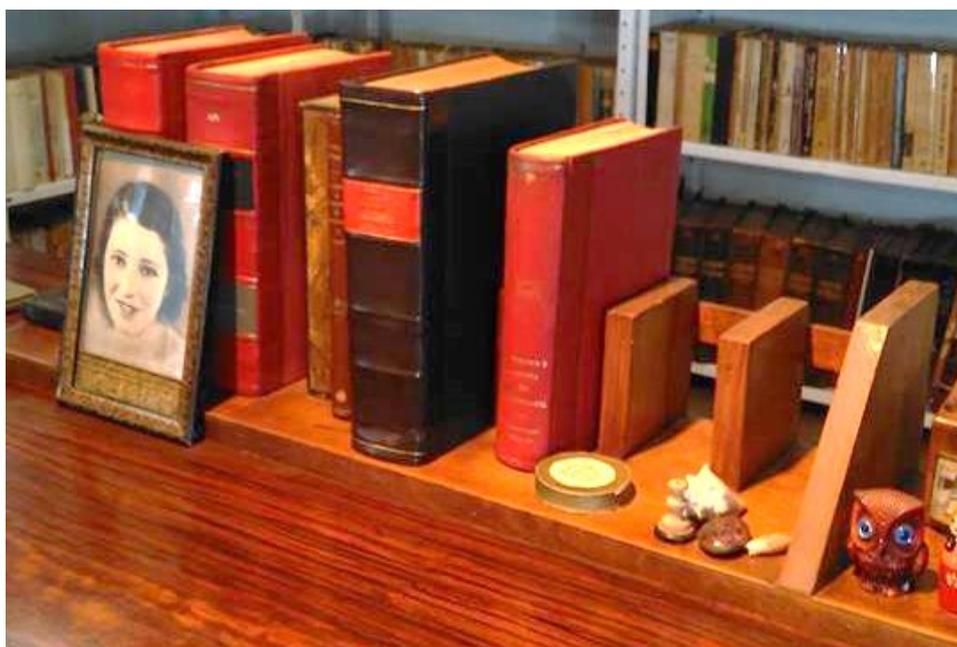


Figura 17: Escrivaninha de Cyro dos Anjos com alguns objetos pessoais.<sup>42</sup>

<sup>41</sup> Material obtido em visita ao Acervo de Escritores Mineiros, na UFMG.

A constituição do arquivo pelos escritores é realizada com pretensões de que tudo seja visto pelo olhar do outro, uma questão de publicidade de si. Reinaldo Marques assinala alguns possíveis usos do arquivo pelos escritores: “Como instrumento de cuidados relativos à circulação de sua obra, à forma como aparece ao público leitor, e como instância de controle de sua imagem pública” (MARQUES, 2015, p.65).

Reinaldo Marques também aponta que como se sabe, no Brasil da primeira metade do século 20, “o ofício de escritor só se tornava possível mediante o emprego público. Por outro lado, era forte o esquema de cooptação dos intelectuais por parte do Estado, atraindo-os para seus cargos” (MARQUES, 2015, p.65). Dessa forma, “frente a essas estreitas vinculações dos intelectuais brasileiros com as esferas do poder, com as agências do Estado” (MARQUES, 2015, p.65), Cyro dos Anjos e outros escritores mineiros poderiam usar o arquivo literário como forma de provar seus posicionamentos caso fosse necessário, ou provar suas produções e engajamentos. Os arquivos pessoais poderiam fornecer “justificativas e álibis” (MARQUES, 2015, p.65).

Em observação às cartas trocadas entre Abgar Renault e Carlos Drummond de Andrade, Reinaldo Marques observa:

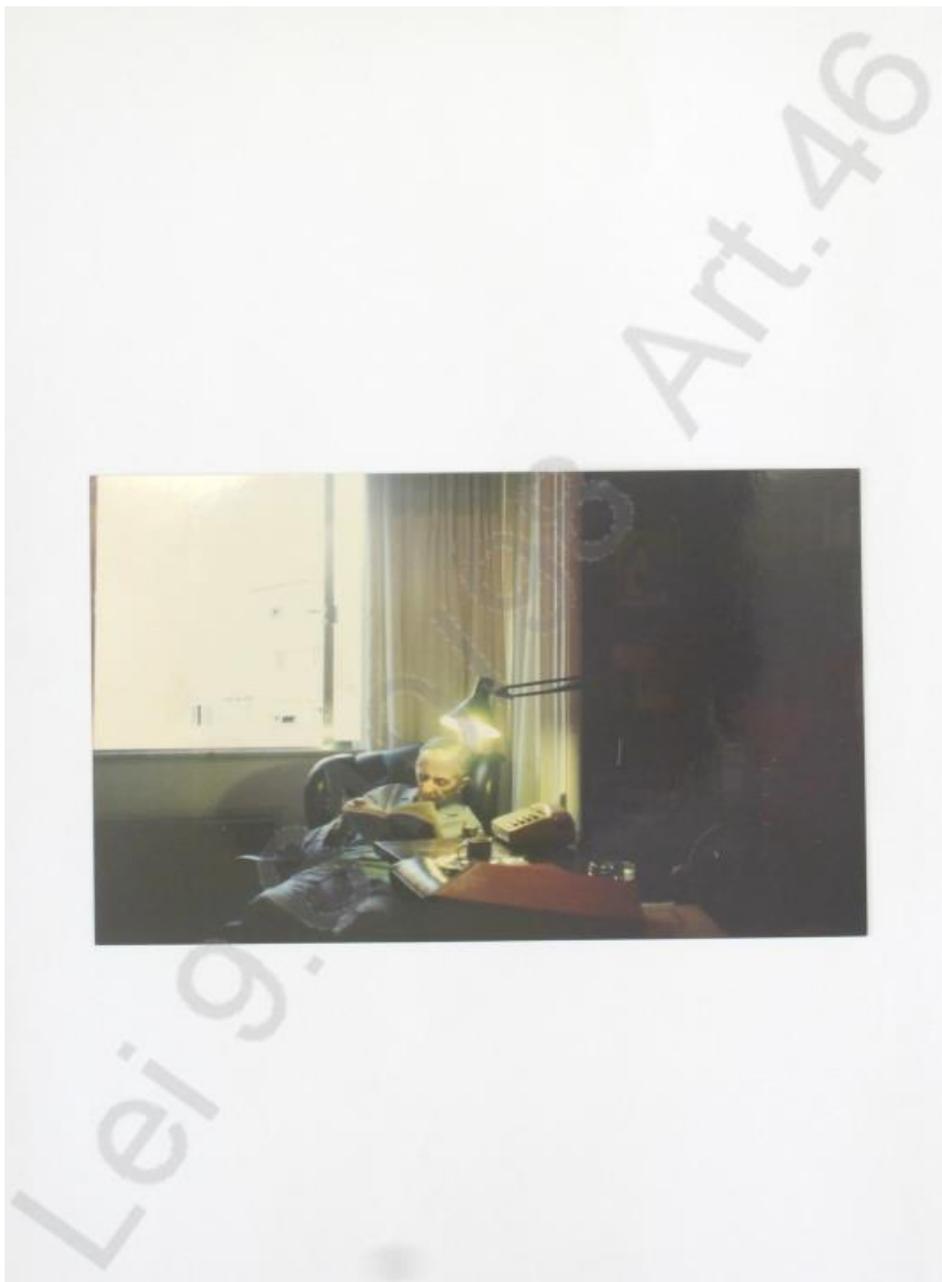
A partir do trabalho com a correspondência recíproca entre Abgar Renault e Carlos Drummond de Andrade, frisei a existência neles de uma compulsão arquivística, conforme demonstram várias cartas em que tratam de remessa de recortes de jornais, com Drummond chegando a afirmar que tem "a mania do arquivo no sangue". Compulsão que parece se constituir em traço saliente nos autores mineiros de modo geral, senão atávico, resultante de remitente inclinação memorialística e autobiográfica. [...] o arquivamento do escritor articula um duplo movimento: de um lado, arquivando documentos e papéis, constituindo seu arquivo pessoal e de trabalho; de outro, ao fazê-lo, ele também se arquivava. Ou seja, ele monta imagens de si, preservando a memória de sua formação intelectual, de relações afetivas e profissionais, estamos assim diante de práticas de arquivamento do eu que trazem uma intenção autobiográfica, um movimento de subjetivação. (MARQUES, 2015, p.100-101)

Cyro dos Anjos, ao deixar suas correspondências arquivadas, permite que os estudiosos de sua literatura possam encontrar, de alguma forma, em arquivo, o próprio Cyro dos Anjos montado por si mesmo. No capítulo sobre as correspondências entre Cyro e Drummond, pretende-se analisar as leituras, relações afetivas e outras questões autobiográficas do autor em estudo por meio de suas correspondências.

---

<sup>42</sup> Material obtido em visita ao Acervo de Escritores Mineiros, na UFMG.

E ao guardar algumas fotos, seus próprios retratos, desenhos feitos por pintores, ao conservar as cartas trocadas com sua família e amigos, agrupar coleções de objetos pessoais e livros, “o escritor constitui o seu arquivo, destacando também uma gama variada de imagens de si mesmo, como autor, artista e intelectual” (MARQUES, 2015, p.101). Daí a necessidade de se visitar o acervo do escritor, em busca de saber mais sobre Cyro dos Anjos autor, artista e intelectual daquele tempo. As fotografias a seguir foram escaneadas a partir de seu arquivo no acervo:



**Figura 18:** Foto de Cyro dos Anjos em seu escritório durante leitura.<sup>43</sup>

---

<sup>43</sup> Material obtido em visita ao Acervo de Escritores Mineiros, na UFMG.



**Figura 19:** Foto de Cyro dos Anjos com sua esposa.<sup>44</sup>

---

<sup>44</sup> Material obtido em visita ao Acervo de Escritores Mineiros, na UFMG.

Reinaldo Marques também chama a atenção para uma questão importante quanto ao estudo dos acervos:

Cabe ter em conta que, mesmo consultando seus documentos, seus arquivos, é preciso se desfazer da ilusão de termos acesso a uma intencionalidade primeira que cria a obra de arte literária, atingirmos a verdade de um sujeito criador e da sua obra. Ledo engano. Como se pode inferir da proliferação de representações do escritor propiciada pelos arquivos literários, só temos acesso a suas imagens, figurações e poses. (MARQUES, 2015, p.112)

Reinaldo Marques enfatiza que não devemos ter a ilusão de que consultando o arquivo estaremos atingindo a verdade pura quanto ao sujeito criador. Ele esclarece que se trata de uma via de mão dupla que “une obra e vida, autor e escritor, num jogo recíproco de influências e contaminações” (MARQUES, 2015, p.113). Ele explica que do escritor, “hoje, suas imagens nos fornecem não um indivíduo em plenitude e esplendor, mas restos, fragmentos, descontinuidades - um "palimpsesto de biografemas", para ficar num tom barthesiano” (MARQUES, 2015, p.113). Dessa forma, entendemos que as suposições realizadas aqui não são a verdade em si a respeito de Cyro dos Anjos, apenas inferências que postulamos ao percorrer seu livro juntamente com a leitura de suas publicações literárias.

Ao visitar o acervo, algumas impressões a respeito do autor Cyro dos Anjos se confirmaram, como o fato do escritor ser um grande leitor, através da observação dos inúmeros livros encontrados em sua biblioteca pessoal, levando em consideração também que além dos livros presentes no acervo da UFMG, ainda existem outros arquivos do escritor, como na Fundação Casa Rui Barbosa – no Rio de Janeiro – e em sua cidade natal Montes Claros. Outra questão observada após a visitação foi a confirmação do quanto o escritor era um estudioso dedicado da literatura, visto que entre as páginas dos livros foram encontrados diversos pedaços de papel com considerações anotadas, além de escritos nas margens dos livros, inclusive, foram encontrados pequenos rascunhos do escritor que não estavam catalogados e que foram entregues para as monitoras responsáveis. Também foram encontradas diversas traduções de trechos de literatura estrangeira, demonstrando que o autor se dedicava à leitura de títulos em francês e inglês, por exemplo.

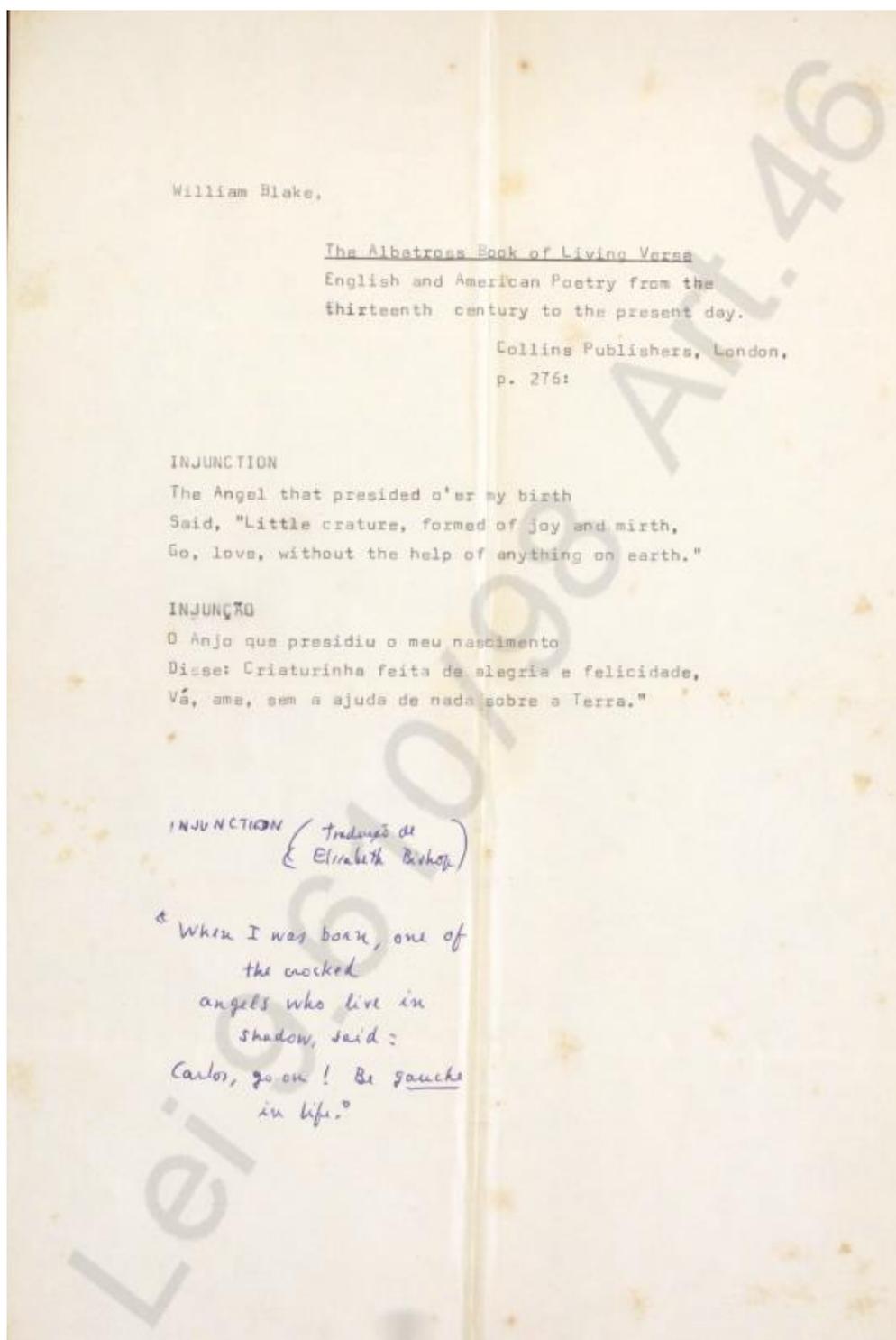


O anjo que perdeu o meu nascimento  
diz, "Va", criaturinha feita de <sup>alegria e</sup> felicidade,  
~~que eu sou de fora,~~  
~~que eu sou de fora e ajuda~~  
Ame sem a ajuda de nada sobre a  
terra."

~~O anjo que~~  
diz o anjo que perdeu o meu  
nascimento,  
"Va", criaturinha feita de alegria e  
felicidade,  
E  
~~que~~ ame sem a ajuda de nada sobre  
a terra."

**Figura 20:** Anotações de Cyro dos Anjos, possível tradução realizada durante leitura de poemas de William Blake.<sup>45</sup>

<sup>45</sup> Material obtido em visita ao Acervo de Escritores Mineiros, na UFMG.



**Figura 21:** Anotações de Cyro dos Anjos, tradução realizada durante leitura de poemas de William Blake, numa aparente tentativa de relacionar o poema de Blake ao poema de Drummond: Poema de Sete Faces. <sup>46</sup>

<sup>46</sup> Material obtido em visita ao Acervo de Escritores Mineiros, na UFMG.

- O artigo "O Pico dos Três Irmãos, obra interrompida de Mário de Andrade" (2013), do estudioso Marcos Antonio de Moraes, perpassa essa questão da relação do poema de Blake com o poema de Drummond, caso a comparação venha a interessar futuros pesquisadores.

Contudo, a visita ao acervo foi uma experiência enriquecedora, que auxiliou nessa tentativa de aproximação da vida e obra do escritor montes-clarense, reforçando possíveis impressões e trazendo ainda mais encantamento por Cyro dos Anjos. Em relação à paixão pelos livros por parte do escritor, que possuía vários exemplares de um mesmo título em edições diferentes, incluindo diversas edições de suas próprias obras, destaca-se um exemplar da edição comemorativa de *Poemas Coronários* encontrado no acervo, luxuoso e belíssimo, apresentado nas imagens a seguir.



**Figura 22:** Edição de luxo de “Poemas Coronários” de Cyro dos Anjos.<sup>47</sup>  
**Figura 23:** Registro de visitação ao Acervo de Escritores Mineiros – UFMG.

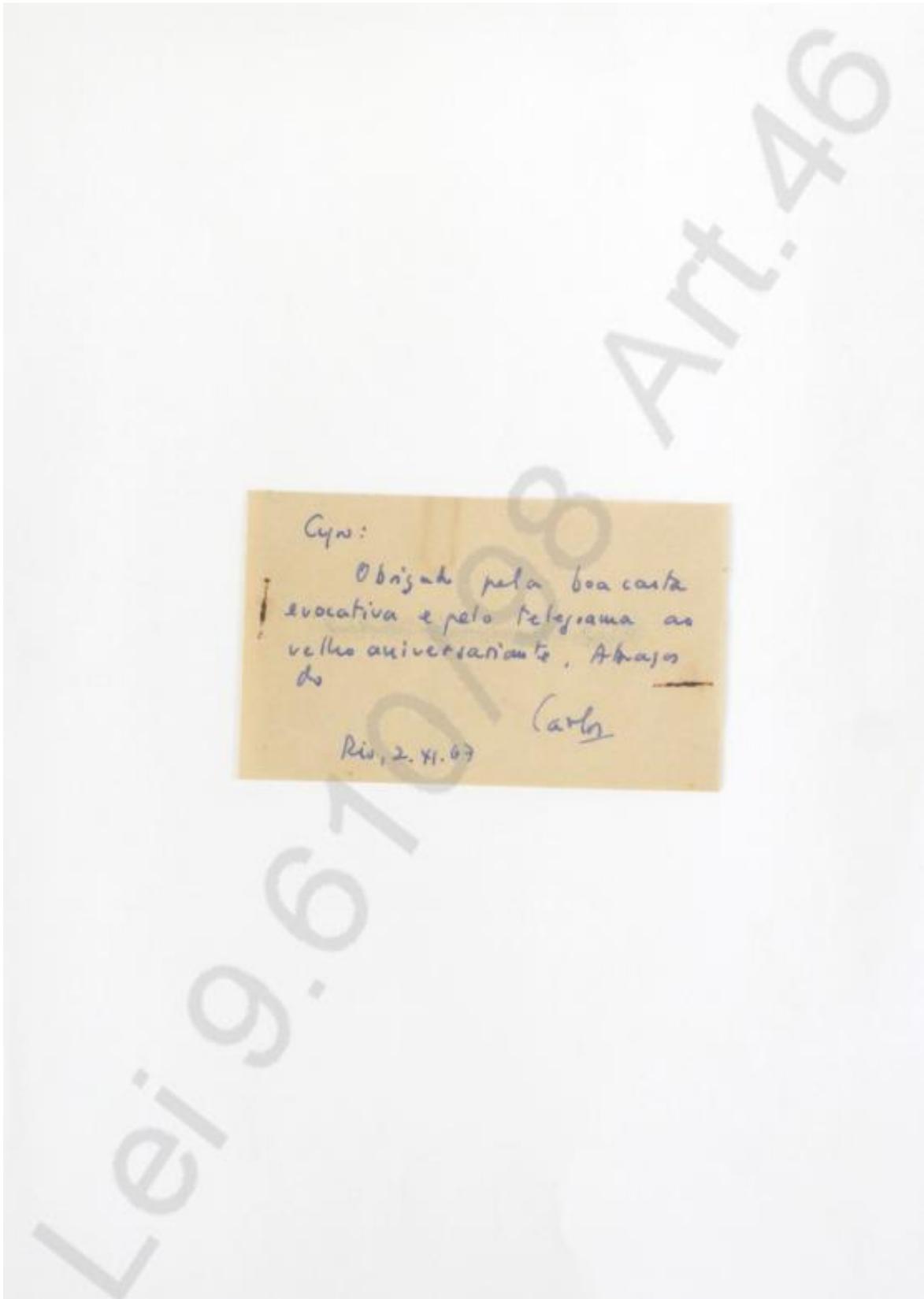
---

<sup>47</sup> Material obtido em visita ao Acervo de Escritores Mineiros, na UFMG.

### **3.2 CYRO & DRUMMOND: UMA AMIZADE MARCADA POR CORRESPONDÊNCIAS**

*Foi quando conheci o poeta Carlos Drummond de Andrade, que se tornou o chefe literário da nossa geração. Como aos de hoje, Drummond fascinava os rapazes de 1926. Não aliciava discípulos. Com a ferocidade drummondiana, descoroçoava, mesmo, aqueles que se aproximavam. Contudo, atraía-os.*

(ANJOS, *apud* SENNA, 1996, p.1)



**Figura 24:** Bilhete de Carlos Drummond de Andrade para Cyro dos Anjos.<sup>48</sup>

---

<sup>48</sup> Material obtido em visita ao Acervo de Escritores Mineiros, na UFMG.

Carlos Drummond de Andrade foi um dos maiores nomes da literatura brasileira, tendo uma obra vasta e de muito prestígio. Ele viveu a maior parte de sua vida no Rio de Janeiro, entre 1934 e 1987. O mineiro, nascido em Itabira, produziu poesias, crônicas para jornais e compartilhou a vida de funcionário público com a escrita literária. Drummond era rodeado de rapazes que também oscilavam entre a escrita e o serviço público. Um desses amigos foi o escritor Cyro Versiani dos Anjos.

O autor montes-clarense, além do apreço pela literatura, teve algumas semelhanças entre sua vida e a vida de Drummond. Ambos nasceram em ambientes interioranos e se mudaram para centros urbanos, além disso, também é possível notar algumas semelhanças entre seus textos, que mostravam, em alguns casos por exemplo, narradores que representavam bem o “*gauchismo*” a que Drummond se refere em seu “Poema de Sete Faces”, publicado em *Alguma Poesia* (1930):

*Quando nasci, um anjo torto  
desses que vivem na sombra  
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.*

*As casas espiam os homens  
que correm atrás de mulheres.  
A tarde talvez fosse azul,  
não houvesse tantos desejos.*

*O bonde passa cheio de pernas:  
pernas brancas pretas amarelas.  
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.  
Porém meus olhos  
não perguntam nada.*

***O homem atrás do bigode  
é sério, simples e forte.  
Quase não conversa.  
Tem poucos, raros amigos  
o homem atrás dos óculos e do bigode.***

*Meu Deus, por que me abandonaste  
se sabias que eu não era Deus  
se sabias que eu era fraco.*

*Mundo mundo vasto mundo,  
se eu me chamasse Raimundo  
seria uma rima, não seria uma solução.  
Mundo mundo vasto mundo,  
mais vasto é meu coração.*

*Eu não devia te dizer  
mas essa lua*

*mas esse conhaque  
botam a gente comovido como o diabo.  
(DRUMMOND, 2013, p.11-12)<sup>49</sup>*

O estudioso Alcides Celso Oliveira Villaça discorre sobre o “*gauchismo*”, na poética drummondiana, sobretudo no que se refere ao “Poema de Sete Faces”, ele diz que: “no “clima” dele reina uma instabilidade psicológica que impede a fixação da perspectiva única [...] Drummond dota o seu sujeito da identidade complexa de quem está sempre fora de alguma ordem de expectativa” (VILLAÇA, 1999, p.27-28). E ressalta que “Até aqui a pluralidade não espanta, pois confina com a atitude modernista que tem a fragmentação como critério” (VILLAÇA, 1999, p.28). Sobretudo, na quarta estrofe do poema, é possível notar uma fragmentação do eu lírico que parece fugir ao que o “anjo torto” proclamou, quando, apenas nestes versos, se distancia de si mesmo e parece observar ao longe descrevendo-o como um sujeito que “é sério, simples e forte”, em um olhar “de fora” que contrasta com a estrofe seguinte ao anunciar que “era fraco”.

Esse vai e vem entre ser um e ser outro também pode ser notado em alguns textos de Cyro dos Anjos, que tem em suas narrativas traços marcantes de sujeitos fragmentados. Como seu anjo é “torto”, o *gauche* vive sem direção, pois não teve alguém para lhe guiar, dessa forma, vive em uma inconstância. O ser *gauche*, visto dessa forma, caracteriza o personagem Abdias, em *Abdias*, por exemplo. Pois o protagonista nunca está satisfeito, é sempre inconformado com sua posição na vida. Ele busca uma significação para sua existência sem saber ao certo qual caminho seguir, e, talvez por isso, siga sempre os caminhos “tortos”, como a busca por um relacionamento amoroso com uma de suas alunas, mesmo sendo casado: “Dentro dos obscuros movimentos de minha alma, só uma coisa posso enxergar nesse instante: temo distanciar-me de Gabriela” (ANJOS, 1963, p.58).

No poema de número três, em *Poemas Coronários* (1964), de Cyro dos Anjos, o eu lírico, que acreditava estar próximo de sua morte declara na última estrofe:

[...]  
*É no regaço de Deus que hei-de ser acolhido.  
Ele me puxará as orelhas, brincalhão: Vai, Belmiro,  
perdoados são os teus pecados! [...]*<sup>50</sup>  
(ANJOS, 2009, p.27)

---

<sup>49</sup> Marcações nossas.

<sup>50</sup> Marcações nossas.

É notório que o “Vai, Belmiro...” pode ter sido inspirado em “Vai, Carlos...”, mas, neste caso, Cyro dos Anjos preferia que o discurso fosse dito por “Deus” e não por um “anjo torto”. A sequência do verso em “perdoados são os teus pecados”, mostra que o eu lírico pretendia seguir, pós morte, perdoado dos erros cometidos à forma “belmiriana”, “*guache*”, em que viveu. Contudo, não só os textos literários, mas também as correspondências trocadas entre os autores Cyro dos Anjos e Carlos Drummond de Andrade permitem ao pesquisador inferir algumas possibilidades de leitura sobre suas vidas e obras. Uma dessas possibilidades, é notar traços drummondianos nos textos de Cyro dos Anjos, por exemplo.

Dando início a um breve percurso por algumas correspondências, na publicação de *Alguma poesia*, de Drummond, citada aqui, a amizade entre os dois já era concreta. Publicada em 30 de abril de 1930, com uma tiragem de quinhentos exemplares, em 19 de julho do mesmo ano, Cyro dos Anjos já escrevia para Drummond: “Várias pessoas têm me procurado aqui, com o fim de injuriar o seu livro, e, se em todas as cidades mineiras você ficou conhecido e combatido como aqui, mando-lhe felicitações abundantes” (ANJOS *apud* MIRANDA; SAID, 2012, p.23). E a amizade não se pautava apenas em conversas sobre as obras de um e outro, mas se prolongava ao convívio íntimo dos dois autores.

Em 1932, no dia 21 de março, Cyro dos Anjos proferia um convite a Drummond: “Resolvi [...] abreviar o casamento, tanto mais porque minha futura sogra convidou-me para morar em sua casa. É um antigo sobrado, um enorme sobrado onde minha sogra teria que morar só [...]. Daí, o seu pedido, a que eu acedi aliás com entusiasmo” (ANJOS *apud* MIRANDA; SAID, 2012, p.40). E o convite para padrinho veio com sutileza: “Será para mim um motivo de grande alegria [...], mas, digo-lhe outra vez que, caso você não possa vir, não se acanhe [...]. Essa viagem, para quem não está habituado a ela, representa algum sacrifício” (ANJOS *apud* MIRANDA; SAID, 2012, p.40).

Em discurso durante o congresso “Encontro com Mineiros”, Cyro dos Anjos discorreu sobre sua amizade com Drummond e perpassou por essa questão do convite de padrinho para seu casamento. A seguir está o discurso, que apresenta um resumo de como o romancista apreciava seu laço com o poeta. Posteriormente, está um trecho de uma carta de Drummond à Cyro confirmando sua presença no casório.

O Centro Cultural do Banco do Brasil convidou-me a participar deste "Encontro com Mineiros", que tem, como objetivo, conversar sobre a vida e a obra de Carlos Drummond de Andrade, o grande poeta, cujo desaparecimento golpeou, a fundo, a cultura nacional. Da importância da obra já falou um escritor de fina perspicácia crítica — Alphonsus de Guimarães Filho, também amigo de Drummond. Ocupar-me-ei de outro aspecto dessa fascinante figura que tanto enriqueceu a literatura de língua portuguesa e tamanha admiração e afeto deixou entre nós.

Não fui dos primeiros companheiros do poeta. Não pertencê à famosa turma do Café Estrela. Mais novo do que Drummond, só fui conhecê-lo quando o tive como chefe, na redação do Diário de Minas. Então começou nossa amizade, que devia durar sessenta anos.

Antes, falarei, porém, como surgiu o modernismo mineiro. Não seguiu de perto o paulista, como supõe muita gente. A Semana de Arte Moderna, ocorrida em 1922 em São Paulo, não teve repercussão imediata em Minas. Escassos comentários se ouviam, ali, sobre esse movimento inovador, que, no momento, pouco ou nenhum eco teve além-Mantiqueira e, supenho, no resto do País, que era, então, dividido em ilhas culturais de frouxo comércio. Bomba de efeito retardado, veio a explodir e ganhou importância foi nas páginas da história, por obra de escavações de crítica. Na imprensa — pelo menos a mineira — o acontecimento passou quase despercebido. Parece que a vanguarda de Minas só travou relações com a paulista em 1924, quando Mário de Andrade visitou Belo Horizonte, Sabará e Ouro Preto, na companhia de Blaise Cendrars, Osvaldo Andrade e Tarsila do Amaral.

A turma do Estrela agia à mineira, sem estrépito. Como, anteriormente, procederam os futuristas de São Paulo, ocupando o Correio Paulistano, órgão do conservantismo parrepista, também os de Belo Horizonte vieram, posteriormente, estabelecer o seu quartel-

**Figuras 25:** Discurso de Cyro dos Anjos para o congresso "Encontro com Mineiros".

General no Diário de Minas, porta-voz do Partido Republicano Mineiro. Mas, sorrateiro, o grupo de Minas se absteria de proclamações solenes, um pouco por temperamento e um pouco, talvez, por cautela, para não assustar Artur Bernardes, Venceslau Brás e outros sisudos membros da Comissão Executiva do Partido Republicano Mineiro.

No trivial, os rapazes do Diário de Minas se limitavam a brincadeiras moderadas: trocar placas de ruas, fazer enterro simbólico de algum delegado, botar fogo, de brincadeira, em casas de namoradas, para depois apagerem as chamas, se estas pegavam de verdade.

Mas estou-me estendendo sobre um assunto que compete mais aos historiadores da literatura. Resumirei a minha fala, lembrando que o modernismo mineiro nasceu, de fato, foi com a publicação de "A Revista", em 1925. Pouco mais tarde, quando a Revista desaparecera, foi que vim a conhecer os seus redatores: Drummond, Emílio Moura, João Alphonsus, Martins de Almeida, Pedro Nava, Abger Renault.

Havendo ocorrido uma vaga no Diário de Minas, um amigo, Gregoriano Canedo, que ia deixar o lugar de redator, submeteu o meu nome ao nosso Drummond, que era, então, o redator-chefe do jornal. Este me recebeu friamente, fazendo-me desconfiar que ele lera umas pilhérias que escrevi numa revistinha sobre o modernismo local. Desconfiança sem fundamento. Ele não iria ler as minhas insignificantes linhas. O ar distante e reservado com que me acolheu era, mesmo, do seu temperamento, como mais tarde pude observar. Dentro em pouco tornávamo-nos íntimos, tão generoso era ele para com os jovens estreantes.

A amizade estreitou-se e daí a dois anos o grande poeta comoveu-me profundamente, aceitando ser meu padrinho de casamento. Para desempenhar o encargo, — era efetivamente um encargo — o meu querido Carlos realizou uma monumental proeza: ele, que tinha notória aversão a viagens, enfrentou vinte horas de trem — um

**Figuras 26:** Discurso de Cyro dos Anjos para o congresso "Encontro com Mineiros".

fumarento trenzinho da Central — e foi de Belo Horizonte a Montes Claros, minha cidade natal, onde se realizava a cerimônia. E, vencendo o constrangimento, aceitou hospedar-se na casa do meu Pai. Sempre que me recorde disso, cresça, no meu coração, o reconhecimento ao querido amigo pela extraordinária prova de estima.

Nossa convivência, tão rica para mim, continuou por alguns anos em Belo Horizonte, até quando ele se transferiu para o Rio. E, mais tarde, quando por minha vez, vim a residir aqui, anos depois, sempre nos comunicávamos pelo telefone, já que os encontros, no Rio, são hoje impraticáveis.

Para resumir estas palavras, que já devem fatigar o auditório, quero dizer que jamais conheci amigo tão perfeito e espírito tão nobre e alto. Tão nobre e alto como é a sua poesia é nobre e alta.

*Cyros dos Anjos*

**Figuras 27:** Discurso de Cyro dos Anjos para o congresso “Encontro com Mineiros”.<sup>51</sup>

<sup>51</sup> Material obtido em visita ao Acervo de Escritores Mineiros, na UFMG.



SECRETARIA DO INTERIOR  
DO  
ESTADO DE MINAS GERAES

Bello Horizonte, 2 de abril de 1932

Secção

Cyro, o Ingiunguo:

sua resolução de abreviar o casamento não me surpreendem. O que me surpreenderia é que V., chegando a Montes Claros, não o abreviasse. Tudo contribuiu para esse desfecho, aliás amavel, e eu só posso felicitá-lo pela deliberação de apressar a Constituinte, que vira pôr ordem na sua vida. Poder-se-ia afirmar que sua vida nunca andou desordenada, mas isso é o menos, o coração inventaria outros pretextos. O essencial é casar, e eu vou a Montes Claros casá-lo no dia 16.

**Figura 28:** Correspondência de Drummond para Cyro, em 02.04.1932.<sup>52</sup>

<sup>52</sup> Material obtido em visita ao Acervo de Escritores Mineiros, na UFMG.

Ainda sobre a ilustre presença do poeta em um momento tão significado da vida de Cyro dos Anjos, segue trecho de uma correspondência de Drummond enviada à Cyro após o acontecimento, em 22 de abril de 1932: “Velho Cyro: Aqui cheguei, perfeitamente íntegro, e com um baú de saudades de Montes Claros. Fiquei querendo um grande bem à sua terra, que é mesmo muito boa, de uma bondade inteligente e fina” (DRUMMOND *apud* MIRANDA; SAID, 2012, p.40).

Cyro dos Anjos, de Montes Claros, Carlos Drummond de Andrade, de Itabira, também vivenciaram, em comum, grandes mudanças ao deixarem suas raízes para se aventurarem à cidade grande. Cyro dos Anjos, em suas obras, explora com detalhes as mudanças da modernização que vivenciou, inclusive, em uma de suas entrevistas, já citada no capítulo dois<sup>53</sup>, justifica não ter escolhido o nome real “Montes Claros” para uma de suas obras, visto que sua cidade de origem já não era a mesma lembrada de seu tempo de infância e início da juventude. Mesmo sem citar o nome real, é possível, através de pistas dos textos literários, perceber que o autor recorreu a esse espaço em várias de suas criações, sendo, portanto, de grande estima a ele seu lugar de origem.

De forma semelhante, Carlos Drummond de Andrade também recorreu a Itabira em suas produções literárias. O poeta, assim como Cyro dos Anjos, também pareceu lamentar, em alguns casos, a Itabira que se perdeu com a modernização dos tempos. Diferente do montes-clarenses, Drummond chegou a utilizar o nome real do local em que nasceu. A exemplo disso, tem-se o poema “Confidência do Itabirano”, retirado do livro *Sentimento do mundo* (1940):

*Alguns anos vivi em Itabira.  
Principalmente nasci em Itabira.  
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.  
Noventa por cento de ferro nas calçadas.  
Oitenta por cento de ferro nas almas.  
E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.*

*A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,  
vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e sem  
[horizontes.*

*E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,  
é doce herança itabirana.*

---

<sup>53</sup> A seguir está, novamente, a citação a que se refere:

Montes Claros cresceu muito, é hoje uma rica metrópole regional. Nada resta ali da cidadezinha de minha infância. O Rio Verde Grande passa pelo município e, na cidade, no Alto do Morrinho, há uma capela de Sant’Ana. Eis os elementos que me sugeriram o novo nome. Achei que esse assentava mais a Montes Claros dos meus tempos de menino. (ANJOS, *apud* STEEN, 2008, p.119)

*De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:  
esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil;  
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;  
este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;  
este orgulho, esta cabeça baixa...*

*Tive ouro, tive gado, tive fazendas.  
Hoje sou funcionário público.  
Itabira é apenas uma fotografia na parede.  
Mas como dói!*<sup>54</sup>  
(DRUMMOND, 2012, p.13)

A partir do poema de Drummond exposto, é possível associar essa “dor” de uma Itabira que passou a ser “apenas uma fotografia na parede”, ao sentimento de Cyro dos Anjos pelas mudanças bruscas que enfrentou ao deixar Montes Claros para trás. Sob o nome de “Santana”, em *A menina do sobrado*, o narrador memorialístico declarou: “Em Santana, eu era o filho do presidente da Câmara, vivia encarapitado num fordeco de bigodes. Na capital, não passava de um anônimo [...]”<sup>55</sup> (ANJOS, 2010, p.357). Ambas as famílias tiveram impactos financeiros e, concomitantemente, de prestígio devido às mudanças políticas e modernas da época, ambos tiveram, então, que se adaptarem a uma nova realidade. Além disso, é possível inferir que essas cidades, sempre recuperadas pela memória e citadas em suas obras, demonstram o quanto o passado tem força e influência na vida e obra do romancista e do poeta.

A amizade entre esses dois grandes escritores se criou em Minas Gerais, boa parte dela em Belo Horizonte. Mas esse laço ultrapassou as fronteiras mineiras e seguiu circulando pelo Rio de Janeiro e até mesmo fora do Brasil por meio de cartas. Segundo Marco Antonio de Moraes, em seu livro *Orgulho de Jamais Aconselhar*, “correspondência se produz com distâncias (ainda que mínimas: ausências, desencontros...)” (MORAES, 2007, p.80) e a amizade dos dois escritores brasileiros foi um laço afetivo marcado por cartas que transitaram por diversos territórios, inclusive os de sentido figurado: entre o serviço público e a literatura. Em *O Desatino da Rapaziada* o jornalista e escritor Humberto Werneck afirmou que:

Por muitas décadas, os homens de letras das Gerais buscaram o aconchego da burocracia. Em Belo Horizonte, também por muito tempo uma cidade de funcionários, não lhes faltavam “boas colocações”, como então se dizia. O serviço público não apenas permitiu vagares para a criação literária como

---

<sup>54</sup> Marcações nossas.

<sup>55</sup> Citação já explorada no capítulo 2.1, repetida por se encaixar, novamente, à análise aqui empreendida.

também inspirou copiosa produção ficcional, da qual o conto “*A morte burocrática*”, do burocrata João Alphonsus, é das ilustrações mais saborosas, ao lado do *Amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos. (WERNECK, 2012, p.146)

No sentido de que puderam tomar algum tempo do trabalho para o Estado e se dedicarem à escrita literária, percebemos que o fato de serem servidores públicos pôde ser um aspecto positivo na vida dos escritores. Observando o círculo de amigos de Drummond, podemos constatar que a literatura brasileira foi composta de numerosos funcionários públicos. E as cartas nos fazem ter uma ideia de como foi o papel desses intelectuais na literatura, em meio aos seus percursos, às suas limitações e em meio à sociedade.

As cartas de Cyro dos Anjos e Carlos Drummond de Andrade revelam que Cyro foi um dos escritores com quem Drummond se sentiu mais à vontade para atravessar as barreiras da formalidade e da discricção. Drummond, por sua vez, também ocupava lugar especial na economia sentimental de Cyro:

“Você perdoará a extensão da carta. É que sinto a necessidade absoluta de explicar-me perante você, o amigo a quem mais me sinto ligado na vida”. Essa amizade, calcada em afinidades profundas, cria condições especiais para que ambos se exponham francamente. (MIRANDA; SAID, 2012, p.5-6)

Os escritores falavam sobre os mais diversos temas: pretensões quanto a carreira, casamento, crítica literária, círculo de amigos, alegrias e frustrações. O atarefado serviço público e as viagens de um e outro, são os motivos mais citados para justificar os demorados períodos que se passam entre algumas correspondências.

Cyro dos Anjos também contava com o amigo para ajudá-lo em relação a empregos, em 25 de abril de 1932, ele declara para Drummond: “Você deu-me carta branca para amolá-lo de vem em quando com pedidos: vou usar agora dessa concessão” (ANJOS *apud* MIRANDA; SAID, 2012, p.47) e solicita aproveitando que o amigo atuava como mediador, na Era Vargas, entre o campo político e o artístico:

Meu pedido é tríplice: 1º - que você empregue a sua boa vontade no sentido de que seja atendido o pedido de Abelardo; 2º - que se interesse pela nomeação do Lair para juiz municipal; 3º - que obtenha minha nomeação para promotor, na vaga que deixa o Lair. É uma grande maçada que lhe dou, meu caro Carlos, mas é que não tenho melhor amigo a quem recorrer aí, e que seja tão tolerante como você, para suportar as maçadas. (ANJOS *apud* MIRANDA; SAID, 2012, p.47-48)

E Drummond empreendeu ajudas ao romancista sempre que pôde. Em carta de 11 de junho de 1932, Cyro dos Anjos agradece: “Meu caro Carlos, você não quis me contar o grande benefício que me fez, intervindo em meu favor, na Secretaria das Finanças” (ANJOS *apud* MIRANDA; SAID, 2012, p.56). E Drummond discorre em 13 de junho de 1932: “Lugar para você deve ser fatalmente algum aqui em Belo Horizonte, onde o chamam suas tendências e afinidades. Quando esse lugar virá, não sei. Mas deve vir e nós todos trabalharemos alegremente para que não se demore” (DRUMMOND *apud* MIRANDA; SAID, 2012, p.59). Na ânsia por viver em Belo Horizonte com um cargo fixo e que lhe agradasse, como visto nas memórias de *A menina do sobrado*, Drummond foi peça-chave para contribuir na concretização desse passo na vida de Cyro dos Anjos.

Mesmo com esse desejo incessante de partir para a capital, o romancista ainda ressaltou ao poeta, em 15 de agosto de 1932: “O que me castiga, no fundo, é o desejo de ir morar aí, e o receio de ficar muito distanciado do meio em que vivi” (ANJOS *apud* MIRANDA; SAID, 2012, p.63), evidenciando, novamente, que teria sempre um elo com sua cidade natal, ele ainda faz uma alusão a um poema de Drummond: “Estou dentro daquela situação que sugerem uns versos seus, que peço licença para lembrar [...]: “Na roça, saudades do elevador, e no elevador, a saudade da roça...”<sup>56</sup> (ANJOS

---

<sup>56</sup> A seguir, o poema “Explicação”, retirado de *Alguma poesia* (1930), de Carlos Drummond de Andrade:

*Meu verso é minha consolação.*

*Meu verso é minha cachaça. Todo mundo tem sua cachaça.*

*Para beber, copo de cristal, canequinha de folha de flandres,  
folha de taioba, pouco importa: tudo serve.*

*Para louvar a Deus como para aliviar o peito,  
queixar o desprezo da morena, cantar minha vida e trabalhos  
é que faço meu verso. E meu verso me agrada.*

*Meu verso me agrada sempre...*

*Ele às vezes tem o ar sem-vergonha de quem vai dar uma cambalhota  
mas não é para o público, é para mim mesmo essa cambalhota.*

*Eu bem me entendo.*

*Não sou alegre. Sou até muito triste.*

*A culpa é da sombra das bananeiras de meu país, esta sombra mole,  
[preguiçosa.*

*Há dias em que ando na rua de olhos baixos  
para que ninguém desconfie, ninguém perceba  
que passei a noite inteira chorando.*

*Estou no cinema vendo fita de Hoot Gibson,  
de repente ouço a voz de uma viola...*

*saio desanimado.*

*Ah, ser filho de fazendeiro!*

*À beira do São Francisco, do Paraíba ou de qualquer córrego vagabundo,*

*apud* MIRANDA; SAID, 2012, p.63). E o poeta também declara saudades de seu passado, em carta no dia 22 de julho de 1936: “Senti saudades absurdas da infância [...], senti uma enorme necessidade de volver às origens mais obscuras e concluí, de tudo isso, que estou ficando velho” (DRUMMOND *apud* MIRANDA; SAID, 2012, p.81). E em 4 de agosto de 1936, o poeta reforça:

Suas notícias circunstanciadas da gente mineira vieram satisfazer aquela minha necessidade de ternura que lhe falei na carta anterior. [...] a velha Itabira, vai fazendo sua obra... Tenho no meu humilde escritório da rua Salvador Corrêa [...] um desenho a nanquim do meu conterrâneo Cornélio Pena, que representa os fundos da cadeia de Itabira, tendo, a um canto, um pedaço da casa de minha família. [...] Somente o passado, com a sua qualidade específica e, no caso, essa dureza bem itabirana que pesa em mim como uma disciplina inibitória. Esse quadrinho está ilustrando o ciclo atual da minha vida e é por intermédio dele que eu estou me comunicando com correntes subterrâneas e poderosas e, num certo sentido, recriando a minha vida. (DRUMMOND *apud* MIRANDA; SAID, 2012, p.84)

Assim, ao recordar o passado, o poeta está, ao mesmo tempo, discorrendo também sobre o seu presente. Quando Cyro e Drummond, no presente, se voltam ao passado de Montes Claros e Itabira, reelaboram o que vivenciaram e ressignificam a si mesmos.

Em relação à política, ela também é comentada nas missivas entre os dois compadres. Em 21 de Março de 1932, Cyro dos Anjos comenta: “A política parece cada vez mais confusa, não?” (ANJOS *apud* MIRANDA; SAID, 2012, p.41). Os conturbados

---

*é sempre a mesma sen-si-bi-li-da-de.*  
*E a gente viajando na pátria sente saudades da pátria.*

*Aquela casa de nove andares comerciais*  
*é muito interessante.*  
*A casa colonial da fazenda também era...*  
***No elevador penso na roça,***  
***na roça penso no elevador.***

*Quem me fez assim foi minha gente e minha terra*  
*e eu gosto bem de ter nascido com essa tara.*  
*Para mim, de todas as burrices a maior é suspirar pela Europa.*  
*A Europa é uma cidade muito velha onde só fazem caso de dinheiro*  
*e tem umas atrizes de pernas adjetivas que passam a perna na gente.*  
*O francês, o italiano, o judeu falam uma língua de farrapos.*  
*Aqui ao menos a gente sabe que tudo é uma canalha só,*  
*lê o seu jornal, mete a língua no governo,*  
*queixa-se da vida (a vida está tão cara)*  
*e no fim dá certo.*

*Se meu verso não deu certo, foi seu ouvido que entortou.*  
*Eu não disse ao senhor que não sou senão poeta?*  
(DRUMMOND, 2013, p.74)

acontecimentos políticos em 1945 – como o fim do Estado Novo – afetavam a vida dos escritores que mandavam benevolências um ao outro. Drummond diz em uma carta de novembro do referido ano: “Nascemos todos incapazes para a política, mas fadados a sofrer no lombo suas transformações” (DRUMMOND *apud* MIRANDA; SAID, 2012, p.119). Considerando que se apresentavam na condição de funcionários públicos, ambos os autores conheciam de perto os acontecimentos políticos do país e tinham propriedade para falar sobre a temática. Nota-se que, mesmo não sendo o foco central dos diálogos epistolares entre os amigos, a temática está sempre permeando as correspondências, ora de forma singela, ora em formato mais evidenciado com opiniões e descrenças anunciadas.

Em 16 de janeiro de 1953, por exemplo, Drummond conta a Cyro, que se encontrava no México, um resumo da política do país: “De nossa amada pátria, as coisas são costumeiras. Grande desmoralização intestina do governo, que já pôs fora o Jafet, o diretor da Central e o diretor dos Correios [...]” (DRUMMOND *apud* MIRANDA; SAID, 2012, p.131) e Cyro dos Anjos continua a pedir notícias, em 23 de fevereiro de 1953 ele diz: “Se puder, dê-me uma resenha dos acontecimentos políticos, como admiravelmente fez na outra carta” (ANJOS *apud* MIRANDA; SAID, 2012, p.137). Mesmo no México, ele mantém interesse por notícias da política no Brasil, em 23 de abril de 1953, ele questiona: “greves, paralisação de indústria por falta de energia, encarecimento espantoso do custo de vida. [...] Há alguma coisa de realmente preocupante, ou se trata de boataria? (ANJOS *apud* MIRANDA; SAID, 2012, p.144) e Drummond esclarece em 7 de maio de 1953: “Fique tranquilo. Nossa prezada República não está por acabar, ou pelo menos, ainda não se chegou a acordo sobre a maneira de liquidá-la” (DRUMMOND *apud* MIRANDA; SAID, 2012, p.147) e destaca “tudo está mais ou menos como você deixou e já era crônico entre nós: o governo fazendo o mínimo possível, salvo bons negócios para os amigos” (DRUMMOND *apud* MIRANDA; SAID, 2012, p.147).

As correspondências a seguir, de 1945, 1953 e 1955, escritas por Carlos Drummond de Andrade, ilustram como o tema político era tratado entre os amigos.

Rio, 11 novembro 1945.

Cyro:

Obrigado pelo "conforto moral" das felicitações de aniversário. Este ano, mais do que nos anteriores, fui parco em comemorações, tendo em vista as circunstâncias políticas da pátria, que justificavam o desinteresse pelo indivíduo.

Mas obrigado principalmente pelo "Abdias", que eu já agradecera num telegrama breve, apenas para registrar uma primeira impressão de leitura. Apesar de considerar o "Amanuense" uma coisa literariamente perfeita, achei que neste novo romance você conseguiu mais da arte de escrever. Uma discrição maior, dentro da mesma segurança técnica. Os dois livros se aproximam muito, como você será o primeiro a reconhecer, porém não há repetição, e sim variações novas do mesmo tipo humano. De resto, o que mais me interessou em "Abdias" foi a escrita em si, pois ando preocupado com esse problema, e despreocupado de quaisquer "mensagens" eu sentides que a obra possa trazer. E repito que fui sensível aos achados, tão púce extensivos mas tão autênticos, de seu novo trabalho.

Não sei até que ponto os acontecimentos dos últimos dias terão repercutido em sua vida. Mas desejo, com ânimo sincero, que eles não perturbem de maneira mais profunda a sua tranquilidade de varão pai de família, com problemas financeiros e pouca vocação para o capitalismo. Nascemos todos incapazes para a política, mas fadados a sofrer no lombo suas transformações.

Um abraço amigo de

Carlos

R. Joaquim Kubice, P/.

**Figura 29:** Correspondência de Drummond para Cyro, em 11.11.1945.<sup>57</sup>

<sup>57</sup> Material obtido em visita ao Acervo de Escritores Mineiros, na UFMG.

Rio, 9 março 1953.

Cyro amigo:

Sua carta de 23 de fevereiro chegou dois depois de eu lhe mandar um bilhete, verdadeiro edital de convocação de ausente, já que a sua mudex estava se tornando suspeita. Deixe de ser preguiçoso (embora isto seja difícil em qualquer parte da América), exceto os Estados Unidos), e mande com mais frequência notícias mexicanas. E ainda bem que nessa segunda epístola não encontro aquela névoa de melancolia pousada sobre a primeira. Vejo que o Amanuense se adaptou na justa medida do tempo e, melhor ainda, se meteu a brios para a continuação do romance que ficou devendo a nós todos.

Novas do Brasil, meu caro, são o carnaval bastante pluvioso mas ainda assim referido de damas assanhadas que posam para "Manchete" e "O Cruzeiro" com ares de participantes de festim romano (talvez um pouco mais bravas que nos anos anteriores) e a seca do nordeste. Esta última foi descoberta há pouco pelo Carlos Lacerda, que inventou um "alogan": "Ajuda teu irmão", e vendo a extraordinária receptividade do público para com estas palavras, foi descansar em Petrópolis, com sombra e água fresca. A "Noite" sentiu-se provocada nas suas tradições, e imaginou por sua vez uma outra frase qualquer, e botou os artistas da Rádio Nacional cantando coisas, aos berros, nas escadarias do Municipal. O "Diário Carioca" põe em circulação algumas caminhonetas uivantes, barris com abertura para donativos se dispuseram no eixo das ruas, e temos o Rio completamente entregue à tarefa de salvar o Nordeste, que como V. sabe está nessa mandolinata de estiagem desde que fomos descobertos. Como tudo é motivo para o nosso amado chefe falar, acabamos de ouvi-lo, também do seu bem-bom de Petrópolis, dizendo que a situação é grave, e que é preciso tomar providências de primeira grandeza. À primeira vista, o caso deve afetar a paz de seu governo, mas pensando bem é mais uma diversão, um pretexto para tiradas patrióticas, lágrimas de emoção, créditos extraordinários, bate-bôca entre técnicos e repartições administrativas, e com isto se tira mais um ano de governo. Porque, de fato, não há sinal de vida nova. A reforma parece condenada pelos próprios partidos da maioria. Há um jogo de agadinhos em torno de Juscelino e Garcez, mas parece que nenhum deles se comprometeu, e de resto não saberiam como fazê-lo, tão fluida é a situação em seus próprios domínios. Tenho a impressão de que apenas Ademar sabe o que quer, e como fazer para consegui-lo. Por isso mesmo fica sendo uma espécie de alvo de todos os demais, que também querem mas não sabem como ou não podem. Como di-

Figura 30: Correspondência de Drummond para Cyro, em 09.03.1953.<sup>58</sup>

<sup>58</sup> Material obtido em visita ao Acervo de Escritores Mineiros, na UFMG.

Rio, 29 março 1955.

Meu compadre e amigo:

V. há de estar imaginando que ultimamente tenho vivido mais do que escrito, quando a verdade é que nem disponho dessa excusa para o meu silêncio. Ando vegetando com absoluta mediocridade, eis tudo. O livro sobre a melancolia, que V. teve a bondade de enviar-me em dezembro, encontrou-me em pleno acesso da dita, que se foi agravando em depressão nervosa, combatida com as medicinas do costume. Devia ser cansaço acumulado anos a fio, numa carcassa que já não dá muito no couro. Se alguma coisa de ordem intelectual pudesse consolar-me seria - como foi - a sutil análise feita pelo Gardini, de um estado psicológico que é o meu há bons 50 anos, análise em que me revi inteiro, embora deva confessar que a minha melancolia é de tipo mais vil, sem raízes metafísicas, e embora também a "única solução" preconizada pelo filósofo - a cruz de Cristo - não tenha para mim ainda (e não sei se terá algum dia) a força de remédio. De qualquer modo, o livro veio a seu tempo, ajudando as injeções a restaurar, na medida do possível, a normalidade interna. Obrigado pela sua intuição à distância, meu caro. E outro agradecimento pelas boas palavras a propósito do meu fazendeiro do ar, cuja laivoura abstrata lhe mereceu tanto carinho.

Aqui, a atmosfera começa a ficar imprópria para a literatura, se é que algum dia lhe foi propícia. As atenções estão naturalmente voltadas para o jogo político, que V. deve estar acompanhando aí pelos jornais brasileiros. E se pensar que, de longe, está menos habilitado do que a gente a formar juízo sobre a situação, engana-se: nós também, debruçados sobre a panela fervendo, ~~também~~ não estamos habilitados. As candidaturas se esboçam e desaparecem, permanecendo apenas, no duro, a do Juscelino, que resiste firmemente às investidas dos adversários, mas por sua vez não ganha terreno sob forma de novas adesões. Pesados pros e contras, as maiores chances são ainda as dele, embora pare no ar o fantasma do veto militar, mais cedo ou mais tarde; mas se os militares não conseguem entender-se na escolha de Juarez ou Caronbert, é lícito supor que não se entendam para desfechar o famoso "golpe". A última candidatura ensaiada, a do Carlos Luz, não creio que consiga rachar o P. S. D. mineiro, e parece mais (no meu fraco entender) um esforço do Benedito para, pela intimidação, influir na sucessão mineira. Ver-se-á isso dentro de uns cinco dias. Estou absolutamente distante de qualquer candidato apresentado ou por apresentar-se, e não quero de modo algum ligar meu ir-a-vir des-<sup>preocupado</sup> à sorte d'esses senhores. Os obséquios que me prestou o Juscelino impedem-me de fazer críticas à sua candidatura, mas não me induzem a apoiá-la. E como o jornal em que escrevo é 100 por cento juscelinista, abstenho-me de cronicar a respeito do assunto. Como espectador, acho as coisas mal paradas. E todo mundo acha. Não creio que o candi-

Figura 31: Correspondência de Drummond para Cyro, em 09.08.1955.<sup>59</sup>

<sup>59</sup> Material obtido em visita ao Acervo de Escritores Mineiros, na UFMG.

A troca de cartas entre os autores mostra que falavam das suas obras literárias ou das criações dos escritores amigos, perpassavam pelos assuntos políticos e burocráticos da época, comentavam com afinco sobre a escrita em si dos textos, em uma troca de elogios, críticas sinceras e constante apoio para que prosseguissem pelo caminho da escrita literária.

Cyro dos Anjos também chega a citar trechos de poemas de Drummond nas cartas, seja para usá-los com a função de alguma comparação ao tema da carta, seja para elogio desmedido e exagerado. Já Drummond encoraja, a todo momento, que Cyro publique seus textos, não se demore na escrita e elogia o conteúdo dos mesmos ao receber os exemplares.

A incitação para que Cyro termine logo *O amanuense Belmiro* (1937) e, posteriormente, a alegria ao receber o exemplar de *Abdias* (1945) expressam um ponto de fuga as inquietações existenciais e literárias do poeta-missivista e aos constrangimentos políticos a que os escritores estão submetidos, em contexto de acirramento ideológico e cooptação política. A linguagem sintetiza, mais do que um empenho político, em rigor fadado ao desolamento e à decepção, um compromisso ético com o tempo. (MIRANDA; SAID, 2012, p.11)

Na condição de estudantes, Carlos Drummond, Emílio Moura, Alberto Campos, Milton Campos, Gabriel Passos, Abgar Renault, Gustavo Capanema, entre outros, começaram a se unir em 1921. Ainda no livro *O Desatino da Rapaziada*, que trata da vida e obra de jornalistas e escritores de Minas Gerais no período de 1920 a 1970, o escritor Humberto Werneck diz que esses rapazes “amavam a literatura, simplesmente, brincavam de modernismo” (WERNECK, 2012, p.46). Em rodas de conversa trocavam seus escritos literários trazidos, numa espécie de troca de crítica informal uns aos outros. Afinal, a Belo Horizonte daquele século não era uma cidade com muitas opções de lazer e distração:

Como tudo o mais em Belo Horizonte, a vida daqueles moços se organizava em torno da rua da Bahia: iam ao cinema no Odeon, tentavam a sorte na casa lotérica de Giacomo Aluotto, bebiam no Estrela ou no Trianon, compravam livros na Francisco Alves e, de madrugada, sentavam-se para conversar à porta da Caixa Econômica, no cruzamento com a avenida Álvaro Cabral. No Grande Hotel, em 1924, tiveram seu primeiro encontro com Mário e Oswald de Andrade, decisivo para a formação de todo o grupo. (WERNECK, 2012, p.45)

Werneck diz que essa falta de ter o que fazer e de não ter muitas escolhas de onde ir refletem a vida de personagens de Cyro dos Anjos, ele cita *O amanuense*

*Belmiro*, destacando que as personagens da obra “podem ser vistas, nas primeiras linhas do romance, a constatar com melancolia que em Belo Horizonte não havia nada para fazer – a não ser, como elas, tomar chope no bar do Parque Municipal” (WERNECK, 2012, p.35).

Cyro dos Anjos morou em Belo Horizonte a partir de novembro de 1924, mas não aderiu integralmente ao modernismo. Humberto Werneck ressalta que o escritor “não está apenas fazendo uma boa frase quando diz que não aderiu ao modernismo e sim a Carlos Drummond de Andrade, a quem atribui papel decisivo em sua formação literária” (WERNECK, 2012, p.85). Nas correspondências entre Cyro e Drummond é perceptível que se não fosse pelo encorajamento de Drummond, talvez Cyro dos Anjos não estaria, de fato, no âmbito da escrita literária. Segundo Silviano Santiago, em *A República das Letras de Gonçalves Dias a Ana Cristina César: Cartas de Escritores Brasileiros 1865 – 1995*, sempre vale a pena ler as cartas de determinados escritores como os mineiros Cyro dos Anjos e Fernando Sabino, pois “pela leitura delas começamos a entrar nas primeiras questões que sempre inquietam o aspirante a escritor” (SANTIAGO, 2003, p.23). O escritor Cyro dos Anjos foi incentivado e auxiliado durante todas as suas sete criações literárias pelo amigo poeta: seja com perguntas sobre as possíveis datas de término dos livros, com as leituras e críticas positivas, e até mesmo pela ajuda no quesito de contatos editoriais para publicação dos textos.

Ainda sobre Belo Horizonte, cidade marcada como ponto de encontro da amizade de diversos escritores brasileiros, Werneck afirma que “em 1930, passava de duzentos o número de jornais surgidos desde a inauguração da capital, 33 anos antes” (WERNECK, 2012, p.89). Ganhar a vida com a escrita não era tarefa fácil, Cyro dos Anjos passou por períodos em que “precisava lançar mão de recurso extremo para ter o que comer: frequentar velórios – “os abastados, onde a empadinha e o pastel eram certos” (WERNECK, 2012, p.88). Jornais eram abertos ano após ano e iam se acabando por falta de recurso financeiro, público-leitor e temáticas que interessassem: “Não que o escritor montes-clarense fosse um pé-frio em matéria de imprensa. A mortalidade jornalística, na Belo Horizonte do início do século, é que era impressionante” (WERNECK, 2012, p.88). O romancista passou pela carreira jornalística com apertos, também tentou trabalhar como professor de português, inglês e francês e teve dificuldade em conseguir alunos, e, naquele período, recorrer às publicações em busca de dinheiro não era um caminho viável: “Em seus primeiros 25 anos de vida, a cidade viu brotarem nada menos de 160 publicações, sem contar aquelas numerosas, que

nasceram e se extinguíram sem deixar traço nos arquivos e bibliotecas” (WERNECK, 2012, p.89).

No período da publicação de *Abdias*, segundo romance de Cyro dos Anjos, Drummond recebeu um exemplar da obra e enviou a seguinte mensagem via carta para o romancista no dia 11 de novembro de 1945:

Obrigado pelo *Abdias*, que eu já agradecera num telegrama breve, apenas para registrar uma pequena impressão de leitura. Apesar de considerar o *Amanuense* uma coisa literariamente perfeita, achei que neste novo romance você conseguiu mais da arte de escrever. Uma discrição maior, dentro da mesma segurança técnica. Os dois livros se aproximam muito, como você será o primeiro a reconhecer, porém não há repetição, e sim variações novas do mesmo tipo humano. De resto, o que mais me interessou em *Abdias* foi a escrita em si, pois ando preocupado com esse problema, e despreocupado de quaisquer “mensagem” ou sentidos que a obra possa trazer. E repito que fui sensível aos achados, tão pouco ostensivos mas tão autênticos, de seu novo trabalho. (DRUMMOND *apud* MIRANDA; SAID, 2012, p.118)

Drummond considera *Abdias* tão bom quanto *O amanuense Belmiro* e elogia o segundo romance, sobretudo o enfoque que Cyro dos Anjos dá à escrita de si. Em resposta à carta de Drummond sobre a obra *Abdias*, Cyro dos Anjos respondeu humildemente, no dia 22 de novembro de 1945, com a seguinte mensagem: “Prezado Carlos, guardei, com carinho, suas palavras sobre o *Abdias*. Ainda descontando o que há de benevolência e simpatia no seu julgamento, sobra o bastante para encorajar o autor” (ANJOS *apud* MIRANDA; SAID, 2012, p.119)<sup>60</sup>. Em observação às cartas trocadas, é perceptível que nessa amizade, Cyro dos Anjos ocupa um papel de admirador de Drummond, comporta-se como um aprendiz, sempre humilde ao receber elogios sobre sua própria obra, ao mesmo tempo que demonstra grande apreciação pelo trabalho do poeta.

Do mesmo modo acatado como ele respondeu ao elogio de Drummond a respeito de sua obra *Abdias*, ele também o fez quando o elogio se referiu a sua obra *Poemas Coronários*: “Meu caro Poeta, sua carta, a propósito dos *Poemas Coronários*, tão generosa, me teria encorajado a trilhar a vereda nova, se a prudência não me puxasse a aba do paletó e me lembrasse quanto o Compadre é indulgente senão conivente com as temeridades dos amigos” (ANJOS *apud* MIRANDA; SAID, 2012, p.255). Cyro dos Anjos diz que com os elogios do poeta até se aventuraria a escrever poesias, mas o bom senso lhe puxa a orelha e ressalta que Drummond se mostra sempre favoravelmente

---

<sup>60</sup> As citações que se referem à obra *Abdias* foram utilizadas aqui, novamente, para ilustrar como Drummond recebia as obras de Cyro dos Anjos e como o montes-clarense encarava a opinião do amigo.

disposto na apreciação de seus trabalhos, sendo um cúmplice amigo de todas as suas obras. Daí percebe-se certa dificuldade em aceitar elogios e em enxergar a qualidade da própria obra.

Vale notar que as cartas definem uma espécie de hierarquia “espiritual” e “estética”. Cyro comporta-se quase sempre como discípulo ou aprendiz. Pede desabusadamente conselhos, leituras e revisões de seus textos. A admiração pela obra do amigo deixa-o quase sempre sem palavras: os comentários que intenta fazer sobre as subsequentes publicações do poeta vão pouco além do elogio desmedido. Desconcerta-se como fã diante do ídolo. Drummond serve-lhe como guia, modelo, uma espécie de interlocutor secreto pulsando nas tramas de sua escrita. (MIRANDA; SAID, 2012, p.8)

Dessa forma, Cyro dos Anjos se apresenta como escritor inferiorizado, sendo sempre o primeiro a se autocriticar negativamente considerando seus escritos indignos dos elogios do poeta. Por meio das cartas, também é possível observar que Cyro dos Anjos era um intelectual muito preocupado com a crítica voltada para si. Em entrevista, ele deixou claro um dos motivos que o pode ter levado a escrever poucas obras: a constante sensação de insegurança.

Quando moço – dizem –, eu era alegre, jovial, conversador. Hoje me vejo pessimista, sorumbático, mais inclinado a ouvir que a falar. Sob certos aspectos não terei mudado muito: conservo-me insatisfeito com o que digo ou escrevo. Toda a vida a insegurança me perseguiu. (ANJOS *apud* STEEN, 2008, p.106).

Além da preocupação com a crítica de seus possíveis leitores, seja os leitores das cartas ou os leitores de suas obras publicadas, Cyro dos Anjos também se mostra um escritor lento no ato da escrita, cauteloso e preocupado com as mensagens que possa transmitir. Fato que pode justificar suas poucas obras – em comparação ao volume vasto de publicações do amigo poeta – é a vida corrida de servidor público, sendo transferido diversas vezes e morando em vários lugares, mas o próprio romancista assume sua porcentagem de culpa em ser um escritor de poucas publicações. Em 19 de julho de 1930, ele escreve a Drummond: “Você está me supondo um grandessíssimo preguiçoso, pois tendo-me arranjado a colaboração no Minas, tenho estado muito mole na remessa da mesma. Reabilitar-me-ei, porém, nesta semana” (ANJOS *apud* MIRANDA; SAID, 2012, p.25). Em 31 de junho de 1935, ele confessa: “Quanto a mim, continuo desejoso de ejacular, num livro, minhas disponibilidades sentimentais” (ANJOS *apud* MIRANDA; SAID, 2012, p.66), referindo-se ao projeto de seu primeiro livro *O*

*amanuense Belmiro*, que só foi publicado em 1937. Drummond se mostra a todo tempo empolgado com as pretensões literárias do amigo e o incentiva. Em 22 de julho de 1936, ele declara a respeito de *O amanuense Belmiro*: “Conclua o seu livro e venha ao Rio, como prometeu” (DRUMMOND *apud* MIRANDA; SAID, 2012, p.82). Em 4 de agosto de 1936, o poeta volta a mencionar a obra:

Ainda não pedi notícias do seu romance, que me interessa muito. É da maior necessidade que você o conclua e o publique, contribuindo para que se retifique o conceito atual do romance entre nós. A mim não me satisfaz nem a transcrição imediata e anticrítica de aspectos de uma vida regional, como fazem os rapazes do Norte (entre parênteses: como escrevem mal!), nem essa literatura “restaurada em Cristo” com que nos aporrinham os pequeninos gênios marca Lúcio Cardoso. Tudo isso é literariamente bem insignificante e, acredito, não resistirá ao tempo. Mas é preciso ir marcando as diferenças, trabalhando numa direção nova, de que aparentemente não há igual no quadro literário brasileiro do momento. Tenho muita esperança no *Amanuense* e o exorto, civicamente, a pô-lo na rua. (DRUMMOND *apud* MIRANDA; SAID, 2012, p. 85).

Na correspondência transcrita acima, podemos perceber o grau de intimidade estabelecido entre os amigos em que a confiança chega ao ponto de declararem críticas diretas a escritores da época. Essas críticas e apontamentos apresentados por Drummond, podem ter servido de conselhos e instruções à Cyro dos Anjos, que em seu primeiro romance, não explorou aspectos de uma vida regional como os “rapazes do Norte”, tão pouco se dedicou a uma literatura “restaurada em cristo”. Mas seguiu na direção que Drummond se agrada: o romance intimista, centrado no intelectual, que, após a publicação foi considerado diferente, escrito em uma “direção nova” em relação às publicações daquele período<sup>61</sup>.

Ao enviar, enfim, *O amanuense Belmiro* para o amigo Carlos Drummond, Cyro dos Anjos em 22 de março de 1937, destacou: “Como lhe disse pelo telefone, não o faça sem algum receio. Em cada capítulo, sempre procurei imaginar – ao escrever – o que o poeta Carlos poderia pensar disso ou daquilo (ANJOS *apud* MIRANDA; SAID, 2012,

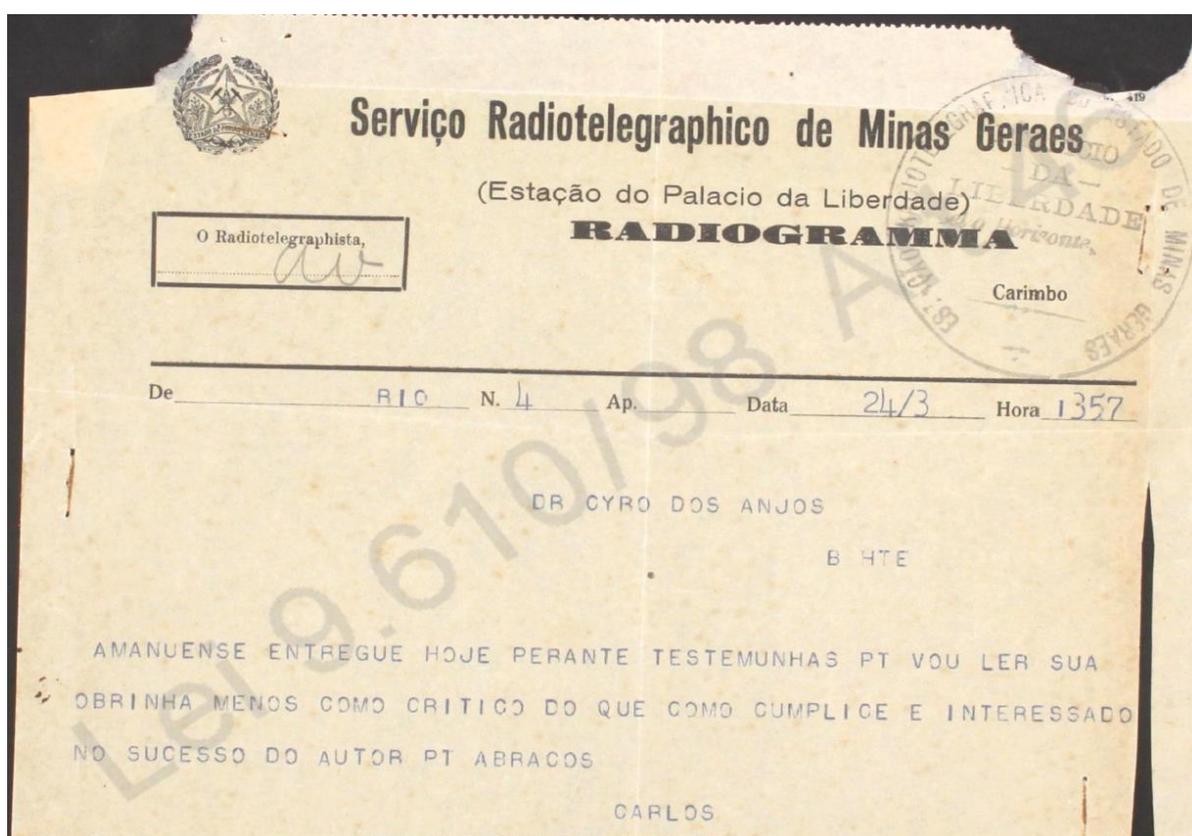
---

<sup>61</sup> Em *Poemas Coronários*, Cyro dos Anjos declarou, no poema de número 7, o quanto considerava os conselhos dados por seus amigos:

*Amigos,  
poucos mas veros,  
quero confiar-vos que o Cavaleiro da Triste Figura  
tem-na, agora, ainda mais triste.  
Sempre dependi da vossa leal amizade  
e do vosso sisudo conselho  
segundo as boas regras da Andante Cavalaria.  
[...]*

(ANJOS, 2009, p.43)

p.92), prova de que os livros de Cyro eram escritos com a preocupação quanto a opinião de Drummond leitor. Ainda na mesma carta ele pede: “Peço-lhe que o leia com severidade e me mande sua opinião” (ANJOS *apud* MIRANDA; SAID, 2012, p.93). Drummond responde em 24 de março de 1937: “Vou ler sua obrinha menos como um crítico do que cúmplice e interessado no sucesso do autor” (DRUMMOND *apud* MIRANDA; SAID, 2012, p.95). Claramente, Drummond já se considerava um cúmplice das escritas de Cyro dos Anjos, sendo, provavelmente, grande responsável pela empreitada do escritor mineiro na vida literária.



**Figura 32:** Correspondência de Drummond para Cyro, a respeito de *O amanuense Belmiro*.<sup>62</sup>

Semanas depois, Cyro dos Anjos pede que Drummond o auxilie na publicação do livro. Ele mostra-se preocupado, em 13 de abril de 1937: “Vários indivíduos, que nunca lerão o livro, vivem a perguntar por ele, só para me cacetear. Sabem que seguiu para o Rio e indagam se foi ou não aceito. Você sabe como é isso” (ANJOS *apud* MIRANDA; SAID, 2012, p.97). Em 30 de julho de 1937, ele, Cyro dos Anjos, ressalta:

<sup>62</sup> Material obtido em visita ao Acervo de Escritores Mineiros, na UFMG.

“É uma tolice cara, esta de publicar um livro, mas meti-me nisso, e, agora, só me resta concluir a asneira” (ANJOS *apud* MIRANDA; SAID, 2012, p.98), vestígio de que o escritor teve dificuldades para concluir sua primeira publicação. Porém, apesar da lentidão, falta de tempo e dificuldades de publicação, Cyro dos Anjos não deixou de escrever.

O lançamento de suas obras era para o intelectual uma questão de prestígio, orgulhava-se de seus textos, preocupava-se com que fossem bons e apesar de serem poucos, a escrita literária foi uma questão com que se preocupou durante toda a vida. Silviano Santiago destaca que Cyro dos Anjos quis publicar o primeiro romance, *O amanuense Belmiro*, “numa prestigiosa editora carioca e não conseguiu; terminou por editá-lo na província. Hoje o romance é consensualmente uma obra-prima da década de 1930” (SANTIAGO, 2003, p.24).

Nas correspondências, também é possível encontrar menções, semelhanças e resquícios presentes nas obras de ambos os autores. Quando Cyro dos Anjos menciona, por exemplo: “Verifiquei nesse espaço de tempo, e em dois ou três bailes que compareci, que é astronômica a distância que nos separa das moças em flor. São uma outra humanidade, de uma outra era (ANJOS *apud* MIRANDA; SAID, 2012, p.67), essa constatação da distância entre o homem adulto e as “moças em flor” é temática de discussão entre os personagens Belmiro e Abdias nos dois primeiros romances do autor. É possível exemplificar tal fato com uma declaração de 10 de junho de 1938:

Empurrei o ano passado com a ajuda de uma **namorada imaginária**<sup>63</sup>, mas este ano está duro de roer. Tudo anda ruim: doenças em casa, pessimismo, tristezas. Materialmente, até vou próspero, construindo uma casa com o auxílio da Caixa Econômica e de boa-fé do construtor (meu único capital é o lote). Mas já descobri que isso não significa coisa alguma. Seu velho, Cyro. (ANJOS *apud* MIRANDA; SAID, 2012, p.105)

O que se assemelha a namorada imaginária do personagem Abdias: Gabriela. Sobretudo quando o protagonista de *Abdias* se esquece de que não é mais um jovem em meio às moças, não se preocupa com o fato de ser o professor das meninas do Colégio das Ursulinas e de ser um pai de família casado. Ignorando questões do tempo, espaço e circunstâncias adversas, ele busca conquistar, no presente, seus objetivos de quando ainda era um jovem morador de Várzea dos Buritis. E o caminho por ele divisado é se apaixonar por uma moça rica e sonhar se casar com a mesma. Essa possível comparação

---

<sup>63</sup> Marcações nossas.

nos permite perceber um pouco da experiência do autor Cyro dos Anjos em suas obras literárias.

As moças em flor também são citadas em *A menina do sobrado*, como é possível notar nos trechos exemplificados do capítulo 2.3, evidenciando que o ser *gauche*, deslocado, também se apresentava em relação ao amor em narradores dos romances de Cyro dos Anjos e em suas correspondências. Quando o desejo carnal ao se referir às donzelas serviria como escapatória aos cenários sérios, de servidores públicos, ocupados e preocupados quanto ao financeiro, considerando as moças em flor como alívios momentâneos em suas vidas atribuladas. Esse desejo e procura pelas moças, pelo amor, mesmo que em um formato *gauche* de ser, também é evidenciado na segunda estrofe do “Poema de Sete Faces” de Drummond: “As casas espiam os homens, que correm atrás de mulheres [...]” (DRUMMOND, 2013, p.11) e na terceira estrofe quando expõe:

[...]

*O bonde passa cheio de pernas:  
pernas brancas pretas amarelas.  
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.  
Porém meus olhos  
não perguntam nada.*

[...]

(DRUMMOND, 2013, p.12)

Apesar do “coração” *gauche* voltar o olhar para “tanta perna, meu Deus”, a prática parece impossibilitada e irrealizável, resultando em “nada”; assim como, muitas vezes, o olhar voltado para as moças em flor nas obras de Cyro dos Anjos terminava em pura inconclusão e alienação.

Ainda sobre as moças em flor, em carta no dia 11 de agosto de 1964, quando estava em Cabourg, na França, Cyro dos Anjos destacou em cartão postal para Drummond: “Meu caro poeta, acompanhando o itinerário proustiano, vim a Balbec ver as moças em flor” (ANJOS *apud* MIRANDA; SAID, 2012, p.259). Realçando o interesse do montes-clarense se referindo a termos presentes em *À sombra das raparigas em flor*, segundo volume de *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, autor por quem Cyro dos Anjos nutria grande interesse e admiração, tendo-o também como referência em algumas de suas obras.

Por fim, em relação às correspondências, Marco Antonio de Moraes explica que:

A carta, enquanto terreno de experiência e partilha, figura como lugar privilegiado no desenvolvimento literário. Perpetuam-se nela os resquícios de um trabalho miúdo ligado ao nascimento e à crítica do texto literário, transformando a correspondência em um fértil “laboratório” da criação, onde se pode acompanhar o engendramento do texto nas filigranas, observar os meandros da análise e da interpretação e até pontuar motivações externas que irão “precisar a circunstância” do texto. (MORAES, 2007, p.92)

Em observação às correspondências lidas é possível afirmar que o que mais difere Cyro dos Anjos de Carlos Drummond de Andrade é a capacidade de ação contínua do poeta: na escrita, no trabalho, nas relações sociais; em contrapartida com a incapacidade de ação e inércia contínua do romancista na demorada escrita, nas oscilações de trabalho e até na instabilidade financeira. Drummond tentou, à sua maneira encorajadora e benevolente exposta nas cartas, impulsionar o montes-clarense para os empreendimentos nos quais o considerava capaz, ajudando-o em vários campos da vida. Em 12 de julho de 1935, Cyro dos Anjos discorria sobre sua inércia para agir:

O certo é que me falta força de espírito para crer, e força de coração para agir. Tudo isso vai dito com a maior pureza de espírito e de coração e eu o digo para preservar nossa amizade da ação, lentamente destruidora, de uma desinteligência de rumos. Essa desinteligência não existe senão quanto ao que há, em você, de dinâmico e, em mim, estático. No fundo sentimos juntos a mesma necessidade de retificação da vida. Mas você tenta a retificação e eu me sinto sem forças para tentá-la, por falta de fé no êxito da tentativa. (ANJOS *apud* MIRANDA; SAID, 2012, p.73)

A primeira estrofe de um poema escrito por Carlos Drummond de Andrade em homenagem ao amigo Cyro dos Anjos, também anunciava a característica de inconstância do romancista:

*Cyro dos Anjos  
também chamado Cyro o vago  
ou mesmo A Vaguidão Personificada  
é aquele monstro de indecisão, de incerteza<sup>64</sup>  
e de falta absoluta de informações  
que passeia o seu espanto pela natureza.*

[...]  
(DRUMMOND *apud* MIRANDA; SAID, 2012, p.307)

Ao longo dos diálogos e dos comentários dos amigos é possível observar semelhanças entre temáticas tratadas nas missivas e, ao mesmo tempo, recorrentes nos poemas e romances dos autores. Drummond se mostra um literato ativo a todo instante.

---

<sup>64</sup> Marcações nossas.

Cyro aparece como um escritor autocrítico, complicado, mas também totalmente convicto do seu pertencimento ao mundo literário. Ao ler as cartas ficamos diante de intelectuais que carregaram uma grande amizade por toda a vida, conhecemos um pouco de seus anseios, receios, e percebemos como ponto comum aos dois autores o amor pelas letras e a ligação profunda e marcante que constroem com a literatura em suas vidas.



**Figura 33:** Fotografia de Pedro Nava, Alphonsus de Guimaraens Filho, Carlos Drummond de Andrade e Cyro dos Anjos.<sup>65</sup>

Na década de 1930, uma geração de escritores mineiros se espalhou pelo Brasil. Frequentavam os cinemas, as livrarias e os bares de suas cidades desfrutando de conversas gratuitas e vaidosas, sustentadas pela paixão artística compartilhada pelos jovens. As discussões eram permeadas de críticas às leituras recentemente realizadas ou pela troca de seus textos literários trazidos no bolso à espera do elogio alheio ou do conselho do grupo. As amizades se firmavam presencialmente e se estendiam para além das distâncias físicas ocasionadas pelo tempo, as cartas serviam como ponte de comunicação e elo seguro da continuidade da parceria e coleguismo afetivo. No livro A

---

<sup>65</sup> Material obtido em visita ao Acervo de Escritores Mineiros, na UFMG.

*República das Letras de Gonçalves Dias a Ana Cristina César: Cartas de Escritores Brasileiros 1865 – 1995*, Silviano Santiago aponta o contraste sofrido pela década atual no que diz respeito às relações de amizade que se promovem nos dias de hoje, se antes a livraria era espaço para rodas de conversas literárias e reflexões, na contemporaneidade: “a livraria se transforma em boutique de livros ou em point gastronômico” (SANTIAGO, 2003, p. 25-25). Ele ressalta que “perdeu-se o saber cigano e anônimo que instituía o prazer da conversa como bálsamo para as calosidades da vida literária” (SANTIAGO, 2003, p.25). Ainda é possível afirmar que as livrarias continuam se tornando espaços desvalorizados, em que a venda de eletrônicos se sobressai aos livros físicos, além da decadência no que se refere à qualidade da disposição de obras.

A escrita epistolar vai se perdendo no decorrer do tempo. No livro *Prezado senhor, Prezada senhora: estudos sobre cartas*, as organizadoras Walnice Nogueira Galvão e Nádia Battella Gotlib lamentam que o “correio eletrônico, ao que tudo indica, fará cair em desuso a carta, esse objeto tão precioso e de tamanha fortuna, tanto para os estudos literários como para um certo estilo de elegância” (GALVÃO; GOTLIB, 2000, p.10). No contexto atual, a realidade é ainda mais alarmante, pois até mesmo as correspondências eletrônicas via e-mail estão caindo em desuso, prática substituída por troca de mensagens cada vez mais curtas, sem afetividade e aprofundamento quanto aos conteúdos: plataformas como *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp* fazem que seu público abandone as cartas manuscritas e digitais, por *posts*, *stories* e *directs*.

As cartas de Cyro dos Anjos e Carlos Drummond de Andrade, no livro *Cyro & Drummond*, e também as dispostas nos acervos, permitem que adentremos ao mundo dos escritores e possamos conhecer um pouco mais de suas vidas, de suas realidades e de suas intenções. A escrita missivista representa registros valiosos para os estudos literários, que podem ser, infelizmente, perdidos se com o decorrer do tempo o papel continuar sendo substituído pelos bate-papos virtuais que se esvaem e que não garantem nossa possibilidade de acesso e estudo futuro.

O presente capítulo caminhou brevemente sobre algumas correspondências dos autores mineiros, deixando, ainda, diversas possibilidades de aprofundamentos para estudos e análises a serem empreendidas por posteriores pesquisadores, como várias outras missivas do livro *Cyro & Drummond* que não foram citadas, bem como outras possíveis relações destas com as vidas e obras literárias dos mineiros em questão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*O que realmente sou - escritor. Mas com uma cultura sistematizada, que me falta. Teria, por exemplo, enorme prazer em estudar a fundo as literaturas antigas, principalmente a grega e a latina. Para isso, entretanto, falta-me o conhecimento das respectivas línguas. Em suma, se me fosse dado recomeçar, gostaria de ser escritor mesmo, porém com a formação humanística que as circunstâncias não me permitiram ter, pois, como todo ou quase todo brasileiro da minha geração, sou um autodidata.*

(ANJOS, *apud* SENNA, 1996, p.1)

Como foi anunciado na introdução deste trabalho, a pesquisa com foco no escritor Cyro dos Anjos iniciou-se ainda no mestrado, com dissertação finalizada em 2017. Foi nessa etapa que começamos, a partir da leitura do segundo romance do autor, *Abdias*, a ampliar as reflexões sobre vida e obra do autor montes-clarense. O que não conseguimos trabalhar na dissertação, trouxemos para esta tese, sobretudo com o acréscimo de discussões a respeito de *A criação literária*, *A menina do sobrado* e *Poemas Coronários*.

Cyro dos Anjos, com apenas sete obras, parece ter nascido mesmo para a escrita, se tornando escritor apesar de todos os obstáculos que enfrentou para a criação literária. É possível inferir que seu legado de obras teria sido maior, se não fosse pela questão financeira e pela necessidade de trabalhar incessantemente em cargos públicos e políticos ao longo da sua vida, além disso, o perfeccionismo e a insegurança perante os amigos literatos e seus futuros leitores podem ter sido motivos extras para os poucos livros publicados.

Pensando no seu criar literário, trouxemos a obra *A criação literária* para integrar o primeiro capítulo. Nesse ensaio, o autor percorre vários estudiosos para refletir sobre o fazer artístico pela escrita, levando o leitor não só a trilhar com ele um percurso de estudo e teorias, como a compreender um pouco da sua motivação em seu próprio ofício em meio à literatura. O pequeno livro ainda nos reforça a dedicação de Cyro dos Anjos em seus estudos e sua bagagem de conhecimento caminhando com maestria por diferentes textos.

O segundo capítulo, dedicado à *A menina do sobrado*, nos apresenta um narrador que, com relatos memorialísticos, permite que nós, leitores, nos aproximemos do seu íntimo e conheçamos parte de seu percurso de vida. Percebemos traços autobiográficos do autor Cyro dos Anjos, ao construir a narrativa de sua trajetória por Belo Horizonte, seu crescimento em meio ao círculo de amigos mineiros e sua busca pela “menina do sobrado”, perpassando pelas várias donzelas cobiçadas desde a adolescência. Para tanto, nos apoiamos mais na segunda parte do livro, que discorre sobre a juventude rumo à vida adulta, visto que foram esses os relatos que nos chamaram mais a atenção, sobretudo ao fato de apresentarem um narrador em busca de sua construção identitária, de crescimento, de reconhecimento e de se tornar literato.

Tendo como grande influenciador o seu amigo Carlos Drummond de Andrade, no terceiro capítulo perpassamos algumas missivas trocadas entre os mineiros. Cyro dos Anjos publicou suas obras com a ajuda do compadre e foi impulsionado a continuar com os elogios do poeta. Além disso, encontramos traços dos poemas drummondianos nos escritos de Cyro, bem como notamos semelhanças de vida e obra dos dois amigos, como suas origens, suas carreiras, suas publicações e suas opiniões acerca dos acontecimentos da sociedade da época.

A visita ao Acervo de Escritores Mineiros proporcionou um contato estreito com as correspondências, guardadas com muita estima por Cyro dos Anjos, realçando o quanto esse elo com Drummond lhe foi significativo em sua vida. A visita ao acervo também propiciou um contato com parte da biblioteca do montes-clarense, confirmando hipóteses de algumas leituras que serviram de influência ao escritor e ressaltando seu gosto e afinco por diversas leituras, em idiomas distintos e gêneros múltiplos. As fotografias, peças de sua mesa e vestes utilizadas em evento na Academia Brasileira de Letras, bem como a organização do acervo montado em formato de simulação do escritório real, trouxe ao estudo uma grande motivação após a oportunidade de adentrar, mesmo que minimamente, no universo íntimo e palpável deixado por nosso autor em foco.

Os poemas, de *Poemas Coronários*, carregam marcas das obras literárias do autor, bem como nuances de sua vida, se apresentando, mesmo que poucos, como valiosos vestígios do autor montes-clarense. Incorporar alguns dos poemas nos capítulos desse estudo, permite aos leitores conhecer um pouco dessa obra que não foi criada com grandes pretensões, mas, ao nosso ver, se tornou pertinente e proveitosa a quem se interessa por Cyro dos Anjos, visto que ele está, em cada estrofe e em cada verso, apresentando de forma singela, poética e íntima, traços de sua vida já evidenciados em outros de seus textos, como a admiração eterna pelo pai, os resquícios de poemas drummondianos influenciando a criação dos seus, bem como as constantes afirmações de que “viveu errado”, “incompleto”, “sempre tentando emendar-se”.

Cyro dos Anjos produziu uma literatura intimista, que faz com o leitor se aproxime dos narradores como um confidente. Segredos íntimos, recordações memorialísticas e inúmeras paixões são declaradas desde as páginas de *O amanuense Belmiro*, até as memórias de *A menina do sobrado*. Esperamos que o processo criativo e a construção da memória em Cyro dos Anjos, investigados neste estudo, possam contribuir academicamente com pósteros pesquisadores.

Ainda há muito o que explorar, como a primeira parte do volume de memórias “Explorações do tempo”; as demais correspondências em *Cyro & Drummond* e nos acervos disponíveis e, também, as cartas trocadas com outros escritores mineiros; os demais poemas de *Poemas Coronários*; e, um anseio futuro da pesquisadora que aqui escreve, é trabalhar com Cyro dos Anjos relacionando-o à obra Proustiana, pretensão almejada desde o mestrado que não foi possível incorporar aqui, mas continua viva em prol de um dia, ainda, ser concretizada.



**Figura 34:** Quadro com imagem de Cyro dos Anjos.<sup>66</sup>

---

<sup>66</sup> Material obtido em visita ao Acervo de Escritores Mineiros, na UFMG.

## REFERÊNCIAS DO AUTOR EM ESTUDO

ANJOS, Cyro dos. *Abdias*. Rio de Janeiro, Belo Horizonte: Livraria Garnier, 1994.

ANJOS, Cyro dos. *A criação literária*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1967.

ANJOS, Cyro dos. *A menina do sobrado*. São Paulo: Globo, 2010.

ANJOS, Cyro dos. *Montanha*. 5.ed. São Paulo: Globo, 2013

ANJOS, Cyro dos. *O amanuense Belmiro*. 6.ed. São Paulo: Globo, 2006.

ANJOS, Cyro dos. *Poemas Coronários*. 2.ed. São Paulo: Globo, 2009.

## REFERÊNCIAS DAS ENTREVISTAS DO AUTOR EM ESTUDO

ARAÚJO, J. S; ANJOS, C. *Entrevista*. Sitientibus, Feira de Santana, v.4, n.8, p.103-110, 1988. Disponível em:  
[http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/8/entrevista\\_ciro\\_dos\\_anjos.pdf](http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/8/entrevista_ciro_dos_anjos.pdf). Acesso em: 4 de abr. 2015.

RICCIARDI, Giovanni; MINDLIN, Dulce (Org.). *Entrevistas com escritores de Minas Gerais*. Ouro Preto: Editora UFOP, 2008. Disponível em:  
<http://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/4543>. Acesso em: 03 jun. 2015.

SENNA, Homero. *República das letras: entrevistas com 20 grandes escritores brasileiros*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

STEEN, Edla van. *Viver e Escrever*. v.2. São Paulo: Coleção L&PM Pocket, 2008.

## REFERÊNCIAS CITADAS NO CORPO DO TEXTO

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Claro Enigma*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ANDRADE, Cordeiro de. *Tônio Borja*. São Paulo: Brasílica, 1940.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas de subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.

ARTIÈRES, Philippe. *Arquivar a própria vida*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.11, n.21, p.9-34, 1998. Disponível em: [file:///C:/Users/samuk/Downloads/2061-3540-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/samuk/Downloads/2061-3540-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 8 jul. 2020.

BAHIA, Cláudio Lister Marques. *Metamorfoses da metrópole*. Revista do Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte, n.43, v.2, p.60-75, 2007. Disponível em: [http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm\\_pdf/Metamorfoses\\_da\\_metropole.PDF](http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/Metamorfoses_da_metropole.PDF). Acesso em: 31 mai. 2022.

BARTHES, Roland. *A morte do autor*. In: O rumor da língua. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. 4ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BOSI, Alfredo. *Uma caixa de surpresas: nota sobre a volta do romance de 30*. Teresa: revista de Literatura Brasileira – nº 16. São Paulo: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas; Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Universidade de São Paulo, 2015.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BUENO, Luís. *Posfácio*. In: ANJOS, Cyro dos. *A menina do sobrado*. São Paulo: Globo, 2010.

BUENO, Luís. *Uma história do Romance de 30*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas, 2006.

BRANDILEONE, Ana Paula F. Nobile. *Cyro dos Anjos: um espírito de renovação latente*. In: CELLI – Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários. v.3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p.84-94. Disponível em: [http://www.ple.uem.br/3celli\\_anais/trabalhos/estudos\\_literarios/pdf\\_literario/008.pdf](http://www.ple.uem.br/3celli_anais/trabalhos/estudos_literarios/pdf_literario/008.pdf). Acesso em: 5 jan. 2020.

CANDIDO, Antonio. *Brigada Ligeira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

DUARTE, Constância Lima. *Cyro, Belmiro, Abdias*. In: Souza, Eneida Maria de; Marques, Reinaldo. (Org.). *Modernidades alternativas na América Latina*. 1. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

FÁVERO, Afonso Henrique. *As memórias de Cyro dos Anjos*. Revista da Anpoll, n.2, p.9-25, 1996. <https://doi.org/10.18309/anp.v1i2.237>

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* In: Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema (v.III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. Disponível em: <http://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2015/02/Ditos-e-escritos-III-Est%C3%A9tica.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2020.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *O rumor das distâncias atravessadas*. In: Lembrar escrever esquecer. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádya Battella (Org.). *Prezado senhor, Prezada senhora*: Estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução: Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2003.

KLINGER, Diana Irene. *Escritas de si, escrita do outro*: o retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o Modernismo*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000. Disponível em: <https://aulasdathaisunitau.files.wordpress.com/2018/02/lafeta-joao-luiz-1930-a-critica-e-o-modernismo.pdf>. Acesso em: 3 de jan. 2020.

LAFETÁ, João Luiz. *À sombra das moças em flor*. In: A dimensão da noite e outros ensaios. São Paulo: Duas cidades; Ed.34, 2004.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico*: de Rousseau à Internet. Org. Jovita Maria Gerhein Noronha. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MAGALDI, Sábado. *Discurso de posse* [do acadêmico Sábado Magaldi na Academia Brasileira de Letras]. Disponível em: <https://www.academia.org/academicos/sabato-magaldi/discurso-de-posse>. Acesso em: 20 fev. 2020.

MARQUES, Ivan. *Cenas de um modernismo de província*: Drummond e outros rapazes de Belo Horizonte. São Paulo: Editora 34, 2011.

MARQUES, Ivan. *Herói fracassado*: Mário de Andrade e a representação do intelectual. Teresa: revista de Literatura Brasileira – nº 16. São Paulo: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas; Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Universidade de São Paulo, 2015.

MARQUES, Reinaldo. *Arquivos literários*: Teorias, histórias, desafios. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

MARQUES, Reinaldo. *Sujeito, identidade e autobiografia em Cyro dos Anjos*. In: JOBIM, José Luís *et al* (Org.). Lugares dos discursos literários e culturais: o local, o regional, o inter-nacional, o planetário. Niterói: EdUFF, 2006.

MIRANDA, Wander Melo (org); SAID, Roberto (co-org.). *Cyro & Drummond*: correspondência de Cyro dos Anjos e Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Biblioteca Azul, 2012.

MORAES, Marcos Antonio de. *Orgulho de Jamais Aconselhar*: A Epistolografia de Mário de Andrade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2007.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Flores da escrivainha*: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

PLATÃO. *O Banquete*. Trad. Anderson de Paula Borges. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2010.

ROCHA FILHO, Ulysses. *Representação do professor no romance Abdias, de Cyro dos Anjos*, 2014. Disponível em:

[http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosilel/wpcontent/uploads/2014/04/silel2011\\_2691.pdf](http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosilel/wpcontent/uploads/2014/04/silel2011_2691.pdf).

Acesso em: 23 out. 2014.

ROCHA, Maria Helena Alves. *A Menina do Sobrado de Cyro dos Anjos: uma história de formação*. Curitiba: Editora CRV, 2013 (adaptado).

<https://doi.org/10.24824/978858042576.5>

SANTIAGO, Silviano (org.). *A República das Letras de Gonçalves Dias a Ana Cristina César: Cartas de Escritores Brasileiros 1865 – 1995*. Edição comemorativa XI Bienal Internacional do Livro – Rio de Janeiro: SNEL&FAGGA, 2003.

SANTIAGO, Silviano. *A vida como literatura: O amanuense Belmiro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. In: Os pensadores. Trad. J. Oliveira Santos e Ambrósio de Pina. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

VILLAÇA, Alcides. *Capítulo drummondiano*. In: Lendo poetas brasileiros. São Paulo: FFLCH – USP, Tese de Livre-Docência, 1999.

WERNECK, Humberto. *O desatino da rapaziada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

## REFERÊNCIAS GERAIS

ALCARAZ, Marcelo Barbosa. *O imaginário da solidão em espaços (auto)biográficos*. (Tese de Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, SC, 2014.

Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/129326>. Acesso em: 22 jan. 2021.

ANDRADE, Luciana Teixeira de. *A Belo Horizonte de Cyro dos Anjos*. Revista Scripta, Belo Horizonte, v.2, n.2, p.67-75, 1998. Disponível em:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10181>. Acesso em: 27 fev. 2021.

ANDRADE, Luciana Teixeira de. *Modernismo e ambivalência na representação literária de Belo Horizonte*. Revista de Ciências Sociais, Departamento de Ciências Sociais da UFC, Ceará, v.32, n.1/2, 2001. Disponível em:

<http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/39771>. Acesso em: 25 fev. 2019.

ARAÚJO, Joana Luíza Muylaert de. *A história da literatura brasileira, de Silvio Romero: Seus intempestivos e úteis equívocos*. In: *A história da literatura como problema: reflexões sobre a crise permanente nos estudos diacrônicos de literatura*, ABRALIC, Associação Brasileira de Literatura Comparada, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://abralic.org.br/downloads/e-books/e-book03.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2021. <https://doi.org/10.18309/anp.v1i23.107>

ARAÚJO, Joana Luíza Muylaert de. “*Minha formação*”: memória e discurso. *Organon*, Revista do Instituto de Letras da UFRGS, v.15, n.30-31, 2001. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/29755/18396>. Acesso em: 24 fev. 2021.

ARAÚJO, Joana Luíza Muylaert de. *Cartas e escritos dispersos para uma poética da tradição literária brasileira: Mário, Drummond e a solidão compartilhada*. *Revista da Anpoll*, v. 1, n. 23, 2007. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/107>. Acesso em: 24 fev. 2021.

ARAÚJO, Michele de. *Cyro e Drummond: contemporâneos de um mundo caduco*. *Caletroscópio*, Ouro Preto, v.9, n.1, 2021.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BENJAMIN, Walter. *A imagem de Proust*. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3. ed. Brasiliense: São Paulo, 1987.

BENJAMIN, Walter. *O narrador*. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3. ed. Brasiliense: São Paulo, 1987.

BERGSON, Henri. *Memória e vida*. Textos escolhidos por Gilles Deleuze. 3ª ed. São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2006.

BOSI, Alfredo. *Entre a literatura e a história*. São Paulo: Editora 34, 2015.

BLANCHOT, Maurice. *O diário íntimo e a narrativa*. In: *O livro por vir*. Trad. Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile. *As leituras de O amanuense Belmiro: da crítica jornalística à crítica universitária*. São Paulo: Annablume, 2010. <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v31i1.296>

BRANDILEONE, Ana Paula F. Nobile. *Cyro dos Anjos: a outra face de uma mesma moeda*. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, vol.31, n.1, p.1-6, Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2009. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/3074/307426641005.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2014.

BRAZ DA SILVA, Letícia. *Arte, mercadoria e romance: o autoquestionamento literário em três autores da moderna ficção brasileira (Lima Barreto, Cyro dos Anjos e Rubem Fonseca)*. (Tese de Doutorado) Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/37844>. Acesso em: 27 fev. 2021.

CRESPO, Regina. *O México de Rodrigo Otávio e de Cyro dos Anjos: entre as atribuições do funcionário e o olhar do escritor*. *Varia história*, v.30, n.54, Belo Horizonte, 2014. <https://doi.org/10.1590/S0104-87752014000300005>

DUARTE, Constância Lima. (Org.). *Dicionário biobibliográfico de escritores mineiros*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires Autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio; NAU Editora, 2009.

FERREIRA, Geraldo da Aparecida. *Entre a memória e a autobiografia: narrativas de Cyro dos Anjos e de Darcy Ribeiro*. (Tese de Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/ECAP-9AALT60>. Acesso em: 3 fev. 2018.

FERREIRA, Maria Rosilda. *Memória modernista de Cyro dos Anjos: vida e obra*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Federal de Minas Gerais; Orientador: Constância Lima Duarte; 2005.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Dizer o tempo*. In: Sete aulas sobre linguagem, memória e história. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Prefácio. *Walter Benjamin ou a história aberta*. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3. ed. Brasiliense: São Paulo, 1987.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Prefácio. *Entre o sono e vigília: quem sou eu?*. In: PROUST, Marcel. *No caminho de Swann*. 3. ed. São Paulo: Globo, 2006.

GUERREIRO, Simone Braga. *Memórias de modernistas*. *Afluentes*, UFMA/CCEL, v.6, n.18, p. 193-212, 2021. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/afluentes/article/view/15615/0> Acesso em: 22 mar. 2021.

JUSTINO, Aliny Santos. *Autobiografia, realidade e ficção: a construção do eu a partir de uma leitura comparativa de O amanuense Belmiro e A menina do sobrado*. *Revista Entrelaces*, v.1, n.9, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/entrelaces/article/view/11709>. Acesso em: 20 set. 2020.

JUSTINO, Aliny Santos. *De Drummond a Cyro dos Anjos: as opções de uma geração de intelectuais no modernismo de 30*. *Letras Escreve*, Macapá, v.5, n.2, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/view/1887/1037>. Acesso em: 16 fev. 2019.

LEBENSZTAYN, Ieda. *Cartas inéditas de Graciliano Ramos: Estilo, amizades, bastidores da criação literária e da história*. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.49, n.2, p.145-153, 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/download/15491/11359/> Acesso em: 2 mar. 2021. <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2014.2.15491>

MACIEL, Elaine Gonçalves. *Nos sobrados de Minas: construção da memória e criação literária na autobiografia de Cyro dos Anjos*. (Dissertação de mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários/PPGL, 2012. Disponível em:

<https://www.posgraduacao.unimontes.br/uploads/sites/12/2021/01/Nos-sobrados-de-Minas-constru%C3%A7%C3%A3o-da-mem%C3%B3ria-e-cria%C3%A7%C3%A3o-liter%C3%A1ria-na-autobiografia-de-Cyro-dos-Anjos.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2019.

MARQUES, Ivan Marques. *Em busca do tempo presente: Cyro dos Anjos e Carlos Drummond de Andrade*. Revista Araticum. v.4, n.2, 2011. Disponível em:

<http://oaji.net/articles/2016/3931-1475157179.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2021.

MARQUES, Reinaldo. *O arquivo literário como figura epistemológica*. Matraga, Rio de Janeiro, v.14, n.21, p.13-p.23, 2007. Disponível em:

<http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga21/arqs/matraga21a01.pdf>. Acesso em: 22 set. 2019.

MARTINS, Angélica Pereira. *Diário e memória em Abdias de Cyro dos Anjos*. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Orientadora: Joana Luíza Muylaert de Araújo. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos*. São Paulo: EDUSP, 2009.

MORAES, Marcos Antonio de. *O Pico dos Três Irmãos, obra interrompida de Mário de Andrade: pressupostos de uma edição crítica e genética*. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n.57, p.205-230, 2013. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i57p205-230>

NICKEL, Elisa Hickmann. *Cyro dos Anjos e Lima Barreto: burocracia e patrimonialismo na literatura*. (Dissertação de mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem Campinas, SP, 2010. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/269984/1/Nickel\\_ElisaHickmann\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/269984/1/Nickel_ElisaHickmann_M.pdf). Acesso em: 17 jul. 2020.

OLIVA, Osmar Pereira. *Tempo e memória em O amanuense Belmiro, de Cyro dos Anjos*. Recorte: revista eletrônica, Mestrado em Letras: Linguagem, Cultura e Discurso, UNINCOR, v. 14, n. 2, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/samuk/Downloads/4269-12012-1-PB.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2019.

PADILHA, Cristina Ferreira Gonçalves Padilha. *O discurso da reflexão em O amanuense Belmiro*. Instrumento: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora, v.11, n.1, 2009.

PENIDO, Luiz Henrique Carvalho. *Escritas da suspensão: a aventura da escrita entre antigos, modernos e O amanuense Belmiro*. (Dissertação de Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em:

<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECAP-83PNF4>. Acesso em: 27 jan. 2020.

PROUST, Marcel. *No caminho de Swan*. Tradução: Mario Quintana, 3ª ed, São Paulo: Globo, 2006.

PROUST, Marcel. *O tempo redescoberto*. Tradução: Lúcia Miguel Pereira, São Paulo: Globo, 2013.

RESENDE, Túlio Magno de Oliveira. *A cidade das letras no espaço biográfico de Cyro dos Anjos*. (Dissertação de mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2016. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/LETR-AB8J2M/1/disserta\\_o\\_t\\_l\\_i\\_o\\_magno.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/LETR-AB8J2M/1/disserta_o_t_l_i_o_magno.pdf). Acesso em: 19 mar. 2019.

RICARDO, Tatiana Albergaria Aranha. *Um estudo sobre Abdias de Cyro dos Anjos*. (Dissertação de Mestrado) – Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2008. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-10072008-102032/publico/DISSERTACAO\\_TATIANA\\_A\\_ARANHA\\_RICARDO.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-10072008-102032/publico/DISSERTACAO_TATIANA_A_ARANHA_RICARDO.pdf). Acesso em: 10 jul. 2019.

SACCHETTO, Maria Elizabeth. *O jogo da memória em O amanuense Belmiro e Abdias, de Cyro dos Anjos*. Orientador: Maria Elizabeth Chaves de Mello. (Tese de Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2014. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/10732>. Acesso em: 2 mar. 2021.

SANTA, Everton Vinicius de. *A espetacularização do escritor*. (Tese de Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/167916/339983.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 17 fev. 2020.

SILVA, Catiana Fernandes Ferreira. *Olhar e memória em O amanuense Belmiro, de Cyro dos Anjos*. (Dissertação de Mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários/PPGL, 2011. Disponível em: <https://www.posgraduacao.unimontes.br/uploads/sites/12/2021/01/Olhar-e-Mem%C3%B3ria-em-O-Amanuense-Belmiro-de-Cyro-dos-Anjos.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2021.

SOUSA, Izaura Vieira Mariano de. *O percurso literário de Cyro dos Anjos em A menina do sobrado: a formação do escritor, influências e o Modernismo*. Revista de Linguística e Teoria Literária, Anápolis, v. 6, n. 1, p. 91-105, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/samuk/Downloads/3466-Texto%20do%20artigo-10244-1-10-20150330.pdf>. Acesso em: 12 set. 2019.

SOUZA, Eneida Maria; MIRANDA, Wander Melo. (org.). *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

SUSSEKIND, Flora. *Literatura e Vida Literária: polêmicas, diários e retratos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985.

TAMURA, Celia Mitie. *O mito quixotesco na literatura de Cyro dos Anjos*. (Tese de Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270230>. Acesso em: 17 ago. 2018.

TAMURA, Celia Mitie. *Cyro dos Anjos e o homem imaginativo*. Revista Travessias, Centro de Educação, Comunicação e Artes - CECA/UNIOESTE, Cascavel, v.3, n.1, 2009. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3265>. Acesso em: 12 set. 2019.